

azusa
revista de estudos pentecostais

VOLUME XV - NÚMERO 1 - 2024

PARA UM MÉTODO TEOLÓGICO PENTECOSTAL

Fernando Albano

**O MINISTÉRIO CRISTÃO E O EQUILÍBRIO ENTRE
ESPIRITUALIDADE E PROFISSIONALISMO**

Marcos Anderson Tedesco

**A DIVERGÊNCIA TEOLÓGICA DOS DONS
ESPIRITUAIS CESSACIONISMO E CONTINUÍSMO**

Durval Bulhões de Oliveira Filho

**A INFLUÊNCIA DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE
NA DOCTRINA ASSEMBLEIANA**

Osmar de Oliveira, Aílto Martins

**AS LINGUAGENS ALTERADAS DA RELIGIÃO
NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL**

Eder William dos Santos

AZUSA – REVISTA DE ESTUDOS PENTECOSTAIS

**Volume XV - Número 1
jan./jun. 2024**

Revista Semestral da Faculdade Refidim

Joinville/SC

ISSN - 2178-7441

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais
Volume XV– Número 1
jan./jun. 2024

Azusa – Revista de Estudos Pentecostais. - v. XV, n. 1
 (jan./jun. 2024) - Joinville: REFIDIM, 2024.
 Semestral.
 136p.
 Editor: Aílto Martins
 ISSN: 2178-7441
 I. Martins, Aílto. II. Título.

Editor:

Prof. Dr. Aílto Martins, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Editor Executivo:

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Joinville, SC, Brasil

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar, PUC/SP

Prof. Dr. Bernardo Campos - Perú

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC

Prof. Dr. Daniel Chiquete Beltrán - México

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Dra. Kathleen M. Griffin - Argentina

Prof. Dr. Luis Alberto Orellana Urtubia - Universidad Arturo Prat (Chile)

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória (UNIDA)

Comissão Científica ad hoc

Prof. Dr. Adriano Souza Lima, PUC/PR

Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. Fernando Albano, Faculdade Refidim - Joinville/SC, Brasil

Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira, Faculdade Unida de Vitória/ES, Brasil

Prof. Dr. Joel Haroldo Baade, Faculdade Refidim, Joinville/SC; UNIARP, Caçador, SC, Brasil

Prof. Me. Regina Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Dr. Sidney Moraes Sanches, Faculdade Nazarena do Brasil

Prof. Me. Valdinei Ramos Gandra, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Prof. Ma. Andréa Nogueira dos Santos, Faculdade Refidim, Joinville, SC, Brasil

Revisão: Equipe de Pesquisa da Faculdade Refidim

Diagramação: Everton de Borba

Traduções Abstracts: Cristiane Luiza Salazar Garcia

Órgão Semestral editado pela

FACULDADE REFIDIM

Rua Cerro Azul, 888 - Bairro Nova Brasília - 89.213-480 - Joinville – SC

Fone/Fax (47) 3466 0058

E-mail: ceeduc@ceeduc.edu.br - Site: www.ceeduc.edu.br

Diretor Geral: Prof. Dr. Claiton Ivan Pommerening

Solicita-se permuta.

Biblioteca: Cristiane Luiza Salazar Garcia - biblioteca@ceeduc.edu.br - (47) 3466 0058

*Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente,
a opinião dos editores*

SUMÁRIO

EDITORIAL	4
AS LINGUAGENS ALTERADAS DA RELIGIÃO NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL.....	7
EDER WILLIAM DOS SANTOS.....	7
A INFLUÊNCIA DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NA DOUTRINA ASSEMBLEIANA	24
OSMAR DE OLIVEIRA	24
AILTO MARTINS.....	24
A DIVERGÊNCIA TEOLÓGICA DOS DONS ESPIRITUAIS: CESSACIONISMO E CONTINUÍSMO.....	49
DURVAL BULHÕES DE OLIVEIRA FILHO.....	49
AILTO MARTINS.....	49
PARA UM MÉTODO TEOLÓGICO PENTECOSTAL.....	76
FERNANDO ALBANO	76
O MINISTÉRIO CRISTÃO E O EQUILÍBRIO ENTRE ESPIRITUALIDADE E PROFISSIONALISMO	107
MARCOS ANDERSON TEDESCO.....	107

EDITORIAL

É com grande contentamento que anunciamos a publicação semestral da Azusa - Revista de Estudos Pentecostais do primeiro semestre de 2024 (jan./jun. 2024). Esta nova edição reafirma o compromisso da equipe editorial da revista com uma abordagem bíblica-teológica e interdisciplinar na análise e reflexão sobre o pentecostalismo e assuntos relacionados. Neste exemplar, os leitores terão acesso a diferentes temas e autores das mais variadas áreas da teologia (bíblica, sistemática, histórica), contribuindo para um enriquecedor debate sobre essas questões.

No seu artigo inicial, intitulado "As linguagens alteradas da religião nas Assembleias de Deus no Brasil", Eder William dos Santos aborda o tema principal das pregações na história da Assembleia de Deus no Brasil (AD), que é "O batismo de Jesus com o Espírito Santo". O autor examina a glossolalia durante as duas primeiras décadas da AD no país, analisando a abordagem epistemológica assembleiana desse fenômeno, conforme apresentada por Antonio Gilberto e Estêvam Ângelo de Souza. Ele estabelece uma comparação entre a glossolalia na Assembleia de Deus e as teorias de Michel de Certeau, Rosileny Santos e B. Bittencourt, a fim de investigar as alterações linguísticas na prática religiosa.

Osmar de Oliveira, autor e Ailto Martins coautor são os escritores do segundo artigo intitulado "A influência da teologia da prosperidade na doutrina assembleiana". O estudo busca analisar e identificar os aspectos históricos, culturais e teológicos que permitem que a teologia da prosperidade influencie a doutrina assembleiana. Diante dos inúmeros desafios da vida, como doenças, problemas financeiros e crises existenciais, as pessoas buscam desesperadamente por soluções. No entanto, a prevalência do individualismo e do consumismo na sociedade capitalista leva a uma insatisfação constante, resultando em um vazio existencial. Nesse cenário, a teologia da prosperidade tem encontrado espaço ao abordar de forma persuasiva os desejos e ambições humanas,

influenciando tanto a sociedade quanto a igreja, e conseqüentemente, o ensino teológico assembleiano.

O terceiro artigo, intitulado "*A divergência teológica dos dons espirituais: cessacionismo e continuísmo*", escrito por Durval Bulhões de Oliveira Filho autor e Aildo Martins coautor, analisa as visões teológicas do cessacionismo e continuísmo em relação aos dons espirituais na história do Cristianismo. O objetivo é esclarecer as diferenças teológicas entre as duas perspectivas em relação aos dons espirituais, destacando tanto o contexto histórico quanto o teológico. O estudo se justifica pela importância dos dons espirituais como doutrina e prática nas comunidades pentecostais no Brasil atual.

No quarto artigo "*Para um método teológico pentecostal*", de autoria de Fernando Albano, é apresentada a proposta de um método teológico pentecostal. O autor discute a importância de desenvolver um método de correlação com uma abordagem pentecostal que dialogue com a filosofia e as ciências humanas de forma aberta. Dessa forma, esse método tem o potencial de promover um diálogo criativo entre os pentecostais e o mundo contemporâneo, superando posturas fundamentalistas que rejeitam o conhecimento acadêmico e científico. A conclusão aponta para a integração da espiritualidade pentecostal/carismática com o método de correlação, a fim de construir uma abordagem teológica pentecostal que equilibra a revelação divina, a razão e a experiência religiosa sob a autoridade do Evangelho e de Pentecostes.

Finalizando o quinto artigo, "*O ministério cristão e o equilíbrio entre espiritualidade e profissionalismo*", escrito por Marcos Anderson Tedesco, é abordada uma pesquisa sobre a importância de equilibrar o profissionalismo com a espiritualidade no contexto do ministério cristão. O autor chama atenção dos cristãos que desejam desenvolver um ministério criativo, ressaltando a necessidade de manter esse equilíbrio essencial. Ele ressalta que a espiritualidade do ministro está diretamente ligada à sua intimidade com Cristo e que uma relação saudável neste aspecto resulta em uma criatividade que glorifica o Criador. Além disso, são discutidas práticas espirituais, como oração, serviço,

celebração e submissão. Por fim, é enfatizado que a espiritualidade e criatividade são características fundamentais para o ministro que busca realizar seu ministério de acordo com a vontade do Deus Criador.

Prof. Dr. Aildo Martins

Editor

AS LINGUAGENS ALTERADAS DA RELIGIÃO NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

Eder William dos Santos¹

RESUMO

Este artigo apresenta a historiografia das Assembleias de Deus no Brasil (ADs), quando em seus primórdios um de seus temas mais destacados era a pregação com a divisa “Jesus batiza com Espírito Santo”. Na teologia assembleiana esse mote traduzido em forma de mensagem religiosa incentivava os leigos pela busca da experiência mística da glossolalia. Portanto, o objetivo desta análise propõe investigar a glossolalia nas primeiras duas décadas das ADs no país. Assim, mencionaremos a epistemologia assembleiana para a glossolalia, a partir da perspectiva teológica de Antonio Gilberto e Estêvam Ângelo de Souza. Finalmente, faremos uma comparação entre a glossolalia assembleiana e os pressupostos de Michel de Certeau, Rosileny Santos e B. Bittencourt, para a análise das linguagens alteradas da religião.

Palavras-chave: Assembleias de Deus no Brasil. Glossolalia. Pentecostalismo. Batismo no Espírito Santo. Linguagens Alteradas da Religião.

ABSTRACT:

This article presents the historiography of the Assemblies of God in Brazil (ADs), when in its beginnings one of its most prominent themes was preaching with the

Doutor e Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Educação pela FABAD, em Pindamonhangaba/SP. Professor do Programa de Graduação em Administração (Gestão) pela UNIFACEAR, em Fazenda Rio Grande/PR. Membro do Grupo de Estudos Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP) pela PUC-SP. Email: prederwilliam@gmail.com.

motto "Jesus baptizes with the Holy Spirit". In the Assembly's theology, this motto, translated into the form of a religious message, encouraged the laity to seek the mystical experience of glossolalia. Therefore, the objective of this analysis is to investigate glossolalia in the first two decades of AD in the country. Thus, we will mention the Assembly epistemology for glossolalia, from the theological perspective of Antonio Gilberto and Estevam Ângelo de Souza. Finally, we will make a comparison between the glossolalia assembleiana and the assumptions of Michel de Certeau, Rosileny Santos and B. Bittencourt, for the analysis of the altered languages of religion.

Keywords: Assemblies of God in Brazil. Glossolalia. Pentecostalism. Baptism in the Holy Spirit. Altered Languages of Religion.

1. OS PRIMÓRDIOS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: A SUA RELEVÂNCIA HISTÓRICA NO CONTEXTO BRASILEIRO (1911-1930)

Na data em que se comemora o Dia da Bandeira do Brasil, 19 de novembro,² os missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, oriundos da igreja Batista dos Estados Unidos da América (EUA), chegaram em Belém, capital do Pará.³ A razão da vinda deles para o Brasil no estado do Pará, é defendida pela instituição assembleiana, porque existia nos EUA, um crente batizado no Espírito Santo, por nome de Adolfo Ulldin, que narrou à Vingren e à Berg, através de palavras proféticas, em que os dois amigos eram personagens e, lhes aparecera o seguinte nome: "Pará". Então, no dia seguinte, ambos foram à biblioteca consultar os mapas e descobriram que o nome, Pará, se referia a um dos estados da região Norte do Brasil, por conseguinte, os dois amigos entenderam

² CABRAL, David, *Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: Betel, 1998, p. 59.

³ VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: o diário do pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982, p. 10.

que Deus os chamavam para a obra missionária e, os direcionavam para aquele lugar⁴. No contraponto, da argumentação da instituição assembleiana, há suspeitas que Vingren e Berg aparecem no cenário brasileiro justamente quando o ciclo da borracha estava em pleno desenvolvimento, seria mera coincidência?⁵

Numa breve síntese sobre os dois fundadores das ADs no Brasil, Vingren, era o líder do movimento pentecostal assembleiano. Ele nasceu em 8 de agosto de 1879, em Ostra Husby, Ostergötland, Suécia.⁶ Em 1903, viaja para os EUA, onde se forma em teologia no Seminário Teológico Batista Sueco de Chicago. Nos idos de 1909, ele inicia o ministério pastoral na igreja da mesma cidade onde se formou. Por vinte e dois anos viveu no Brasil (1910-1932), pastoreou a igreja-mãe em Belém do Pará e, igualmente liderou a igreja do Rio de Janeiro, por nove anos. Gunnar era casado com Frida Vingren, com quem teve seis filhos.⁷ Ele veio a falecer na Suécia, em 29 de junho de 1933.⁸

Daniel Berg nasceu em 19 de abril de 1884, em Vargön, Suécia. Berg era da Igreja Batista e de família pobre, vindo a se batizar aos quinze anos de idade. Ele viajou da Suécia para a Inglaterra e de lá para os EUA, quando tinha dezoito anos de idade. Chegou no Brasil com vinte e seis anos, onde viveu por cinquenta e dois anos. No Brasil, ele trabalhava na *Companhia Port of Pará*, como caldeireiro e fundidor, ganhando 12 mil réis por dia,⁹ para o sustento do seu amigo Vingren. Enquanto aquele trabalhava, Vingren estudava a língua

⁴ OLIVEIRA, Joanyr. *As Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997, p. 34.

⁵ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembleia de Deus - origem, implantação e militância nas quatro primeiras décadas - 1911-1946*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2000, p. 67-69.

⁶ VINGREN, 1982, p. 17.

⁷ VINGREN, 1982, p. 234.

⁸ ALENCAR, 2000, p. 51-53.

⁹ PEPELIASCOV, Antonio. *História da Assembleia de Deus Santo André*. Santo André: AP, 1997, p. 51.

portuguesa para pregar no idioma de seus ouvintes. Berg não ocupou cargos eclesiásticos de destaque na denominação assembleiana, mas ele se desempenhava uma atividade religiosa por pura paixão singular - a colportagem.¹⁰ Em julho de 1920, Berg se casa com Sara, na Suécia e, retorna ao Brasil. Quando havia algum problema, ele verbalizava um bordão que se tornou sua marca registrada: “Jesus é bom”. No epílogo de sua vida, ele volta à Suécia, vindo a falecer em Estocolmo, nos idos de 1963.

Na chegada ao Brasil, os amigos suecos, Berg e Vingren, procuraram o pastor metodista Justo Nelson, diretor do jornal da cidade de Belém do Pará. Justo era conhecido de Vingren, nos EUA.¹¹ Justo encaminhou-os aos irmãos batistas, sendo eles recebidos pelo missionário sueco Erik Nelson. O pastor Erik era o líder da Primeira Igreja Batista de Belém, ele convidou os dois missionários para cooperarem nas atividades eclesiásticas, enquanto ele exercia serviços itinerantes de evangelização e pastorado em outros estados do Norte e Nordeste. Erik, também, ofereceu-lhes o porão da igreja para moradia, cujo endereço ficava na rua João Balby, 406. Tão logo, o pastor batista se ausentou dos cultos em Belém, Vingren e Berg pregavam e ensinavam nas reuniões sobre a experiência do batismo no Espírito Santo e a cura divina. É de se destacar que as orações realizadas pelos dois missionários eram longas e em voz alta.¹²

No retorno do pastor Erik Nelson à Belém, a sua igreja tinha crescido em número de visitantes. Erik, imediatamente escreve um folheto alertando à igreja sobre as “falsas doutrinas” disseminadas pelos missionários. O pastor batista rejeitava categoricamente o batismo no Espírito Santo, acusando Vingren e Berg de separatistas. Portanto, Erik rompe com os missionários, expulsando-os. O rompimento entre a Igreja Batista e os dois missionários suecos, influenciou

¹⁰ OLIVEIRA, 1997, p. 51.

¹¹ PEPELIASCOV, 1997, p. 50.

¹² OLIVEIRA, 1997, p. 36-41.

dezenove pessoas, todos eram membros da mesma igreja e, os tais acompanharam Vingren e Berg.¹³ O diácono Henrique Albuquerque colocou a sala de sua residência à disposição para a celebração dos cultos e, também ofereceu a sua casa para a moradia dos missionários, no endereço da Rua Siqueira Mendes, 79,¹⁴. Todavia, Pepeliascov¹⁵ e Cabral¹⁶ mencionam que o número da casa era 67. No entanto, há entre os historiadores unanimidade no que tange ao bairro, Cidade Velha. Depois a igreja foi transferida para Av. São Jerônimo, 224 (atual Av. Governador José Malcher) e por fim, para a Travessa 9 de janeiro, 75 (atual nº 639) , em 8 de novembro de 1914.

Eram os primórdios dos crentes pentecostais assembleianos que inicialmente colocaram o nome da denominação religiosa de *Missão da Fé Apostólica* (MFA) , em 18 de junho de 1911. Mas nos idos de 11 de janeiro de 1918, o nome da igreja foi mudado para *Assembleia de Deus*.¹⁷ É importante destacar que já existiam igrejas com o nome Assembleia de Deus nos EUA desde 1914, na Guatemala em 1916, e no México em 1917.¹⁸ A razão da mudança do nome “Missão da Fé Apostólica” para “Assembleia de Deus”, segundo Alencar¹⁹ é porque a MFA era a igreja dos negros pentecostais norte-americanos e, as ADs eram as igrejas dos brancos pentecostais, logo, existiam entre as duas denominações pentecostais barreiras étnico-raciais e socioeconômicas. As ADs nos EUA cultivavam a segregação racial.²⁰

¹³ OLIVEIRA, 1997, p. 50.

¹⁴ Ibid., p. 51.

¹⁵ PEPELIASCOV, 1997, p. 56.

¹⁶ CABRAL, 1998, p. 63.

¹⁷ Ibid., p. 64.

¹⁸ ALENCAR, 2000, p. 59.

¹⁹ Ibid., p. 60-61.

²⁰ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009, p. 145-146.

Nas suas primeiras décadas as ADs cresceram exponencialmente nos estados do Norte no Brasil.²¹ Já nos estados do Nordeste com destaque para Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e outros. Além de Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O recorte historiográfico deste estudo sobre a presente denominação pentecostal no Brasil tem a sua delimitação em quase duas décadas (1911-1930), ou seja, desde a sua fundação (18/06/1911), até a década de 1930, quando os missionários suecos lideravam a igreja assembleiana em solo brasileiro e, transferiram-na para os pastores brasileiros, em 1930.

Outro fator relevante para o recorte da análise foi à realização da primeira Convenção Geral das ADs, em Natal/RN, entre os dias 5 e 10 de setembro de 1930.²² Antes da Convenção Geral de 1930, as ADs eram caracterizadas por uma liderança carismática, isto é, a igreja era dirigida por visão/revelação, os seus obreiros eram voluntários, em vista disso, eles não eram assalariados pela igreja assembleiana.²³ Com a Convenção Geral de 1930, se dá a formalização das ADs como personalidade jurídica. Então, a partir desse “divisor de águas” surgem diversos ministérios das ADs por todo o território nacional. Bem assim, a consolidação de igrejas-sede, mormente nas capitais brasileiras. Também, ocorre a decisão convencional de retirar de circulação os jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre* e, decidem pela criação de um novo jornal - *Mensageiro da Paz*.

Na próxima seção analisaremos como se desenvolveu a visão de mundo das ADs no Brasil, a partir do fenômeno da glossolalia, em sentido específico, nos seus dezenove anos iniciais (1911-1930).

²¹ VINGREN, Ivar. *Despertamento apostólico no Brasil: resumo da missão pentecostal sueca no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987, p. 15.

²² OLIVEIRA, 1997, p. 128.

²³ ALENCAR, 2000, p. 100.

2. O FENÔMENO DA GLOSSOLALIA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

As ADs são caracterizadas como igreja pentecostal, porque acredita na atualidade dos dons do Espírito Santo e na sua contemporaneidade.²⁴ Um dos dons carismáticos que mais é exaltado na comunidade assembleiana sem dúvida alguma é a glossolalia, isto é, falar e/ou cantar em línguas, conforme assinalam Estêvam Ângelo de Souza²⁵ e Antonio Gilberto²⁶:

Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem (ATOS 2.1-4).²⁷

Isto posto, a investigação sobre o fenômeno da glossolalia sobre Vingren e Berg, passa obrigatoriamente pelo avivamento ocorrido em Chicago (EUA). Assim sendo, foi nesse contexto de grande avivamento norte-americano que estes dois missionários suecos foram batizados no Espírito Santo, isto é, falaram em línguas pela primeira vez, em 1909, segundo corrobora Joanyr de Oliveira²⁸ e o próprio Gunnar Vingren:

No verão de 1909, Deus me encheu de uma grande sede de receber o batismo com o Espírito Santo e com fogo. Em novembro do mesmo ano, pedi licença à minha igreja para

²⁴ GILBERTO, Antônio. *Verdades Pentecostais: como obter e manter um genuíno avivamento pentecostal nos dias de hoje*. 1. ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 12.

²⁵ SOUZA, Estêvam Ângelo de. *Nos domínios do Espírito*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987, p. 89.

²⁶ GILBERTO, 2006, p. 43-46.

²⁷ BÍBLIA. Almeida, João Ferreira de. *Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego*. Versão Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

²⁸ OLIVEIRA, 1997, p. 33, 34.

visitar uma conferência batista que deveria ser realizada na Primeira Igreja Batista Sueca em Chicago. Fui à Conferência com o firme propósito de buscar o batismo com o Espírito Santo. E, louvado seja Deus, depois de cinco dias de espera, o Senhor Jesus me batizou com o Espírito Santo e com fogo. Quando recebi o Espírito Santo, falei em línguas, justamente como está escrito que aconteceu com os discípulos no dia de Pentecostas: At 2. É impossível descrever a alegria que encheu o meu coração. Eternamente o louvarei, pois me batizou com o seu Espírito Santo e com fogo [...] Foi em novembro de 1909, em Chicago, quando eu estava buscando o batismo com o Espírito Santo, que conheci Daniel Berg.²⁹

Após terem recebido o batismo com o Espírito Santo, Vingren e Berg, já em terras brasileiras pregavam com veemência a mensagem pentecostal a partir de quatro temas, a saber: a) Jesus salva; b) Jesus cura; c) Jesus batiza no Espírito Santo; d) Jesus breve voltará. Sobre a questão do batismo com o Espírito Santo, a instituição religiosa em destaque através de um dos seus órgãos oficiais, a Casa Publicada das Assembleias de Deus (CPAD), diz que a primeira pessoa a ser batizada no Espírito Santo nas ADs no Brasil, foi Celina Albuquerque, em 8 de junho de 1911 e, no dia seguinte à sua Maria de Nazaré também recebeu a capacidade para “falar em línguas desconhecidas”.³⁰

De Belém do Pará para o Rio de Janeiro, mencionamos um jovem que nasceu no dia 17 de setembro de 1903, em Santana do Livramento/RS e, que aceitara a pertença assembleiana, em 05 de abril de 1924.³¹ Era Paulo Leivas Macalão, ele se tornou o primeiro secretário da AD no Rio de Janeiro, o segundo crente assembleiano a constar no rol de membros da igreja fluminense, o pastor fundador-presidente da AD Ministério de Madureira e o responsável pela autoria e tradução de diversas músicas e letras do hinário oficial das ADs - *Harpa*

²⁹ VINGREN, 1982, p. 23, 24, 26.

³⁰ OLIVEIRA, 1997, p. 54.

³¹ COSTA, Jeferson Magno. *Paulo Macalão: a chamada que Deus confirmou*. Rio de Janeiro: CPAD, 1983, p. 26.

Cristã.³² Paulo Macalão foi batizado nas águas por Vingren, na praia do Caju e a sua experiência sobre o batismo no Espírito Santo aconteceu em 3 de novembro de 1924, segundo Jeferson Magno Costa: “Não demorou muito e o Espírito Santo veio sobre ele (Paulo Leivas Macalão) e o batizou com fogo, revestindo-o de poder, e dando-lhe sabedoria e autoridade para testemunhar de Jesus em qualquer lugar para onde o Mestre o mandasse.”³³

Mas, a despeito dos exemplos citados sobre a glossolalia no contexto das ADs no Brasil, indagamos: Por que o batismo no Espírito Santo foi o mote da propaganda assembleiana, desde os primórdios de sua existência? Como se construiu a cosmovisão assembleiana no que tange ao “falar em línguas”? Como o pastor transmite essa visão de mundo aos leigos?

Antonio Gilberto talvez nos ajude a buscar as respostas para as perguntas elencadas. Gilberto falecido em 2018, era quase uma unanimidade nas ADs do país. Gilberto, foi pastor, professor, consultor doutrinário e teológico da CPAD, formado em psicologia, pedagogia, letras e, com mestrado em teologia. Ele foi também autor de vários livros de cunho pentecostal e comentarista da revista *Lições Bíblicas* para as aulas de Escola Dominical. Gilberto, fez apologia sobre a glossolalia afirmando que Martinho Lutero (1483-1546) falava em línguas, citando o depoimento de Jack Deer, professor do Seminário Teológico de Dallas e, as obras: *História da Igreja Alemã*, de Souer (Vol. 3, p. 406) e, *Pentecostes para Todos* de Emílio Conde, fazendo menção da página 88 do referido livro, para corroborar seu argumento sobre a experiência de Lutero com a glossolalia. O falar em línguas estranhas como resultado do batismo com o Espírito Santo é definido por Gilberto assim:

³² ALENCAR, 2000, p. 120-122.

³³ COSTA, 1983, p. 31.

É um revestimento e derramamento de poder do Alto, com a evidência física inicial de *línguas estranhas*, conforme o Espírito Santo concede, pela instrumentalidade do Senhor Jesus, para o ingresso do crente numa vida de mais profunda adoração e eficiente serviço para Deus (LUCAS 24.49; ATOS 1.8; 10.46; 1 CORÍNTIOS 14.15,26 - grifo nosso).³⁴

Além de Antonio Gilberto, outro teólogo assembleiano que difundiu através da teologia a cosmovisão da AD sobre a glossolalia foi Estêvam Ângelo de Souza (1922-1996). Souza foi pastor da AD maranhense por quase quatro décadas, comentarista da revista *Lições Bíblicas* para as aulas de Escola Dominical, da CPAD, autor de vários artigos e livros sobre o “falar em línguas estranhas”. Ele define o batismo com o Espírito Santo dizendo: “É nossa convicção que o recebimento do Espírito, através do batismo de poder, é provado pelo fato de que o crente batizado com o Espírito Santo fala em línguas desconhecidas, pelo poder sobrenatural de Deus.”³⁵

Outro periódico oficial das ADs é a *Seara, a Revista Evangélica*, nela há um artigo de Marcelo Barros³⁶, com o título - *Essas Crianças Não São Brincadeiras* -, no texto Barros explicita vários exemplos de crianças assembleianas no exercício da *práxis* mística pentecostal: falando em línguas, pregando e cantando com eloquência, exorcizando demônios, entre outras experiências pentecostais.

Outrossim, a pregadora norte-americana Kathryn Kuhlman (1907-1976), foi e continua sendo referência para muitas mulheres assembleianas que desejam “falar em línguas” e trabalhar na igreja local ou como itinerantes, com o anelo de serem reconhecidas por suas atividades eclesiais. Kuhlman³⁷ afirmava que o

³⁴ GILBERTO, 2006, p. 57.

³⁵ SOUZA, 1987, p. 89.

³⁶ BARROS, Marcelo. *Essas crianças não são brincadeiras. A Seara: revista evangélica*. Rio de Janeiro, CPAD, ano 41, nº 12, p. 22-26, nov., 1997.

³⁷ KUHLMAN, Kathryn; BUCKINGHAM, Jamie. *O melhor de Kathryn Kuhlman: o que pensava, o que cria, o que dizia*. São Paulo: The Way Books, 2006, p. 41.

falar em línguas desconhecidas é o batismo no Espírito Santo que é dado ao crente, para o propósito de trabalhar na obra de Deus com “poder”. Este “poder” é comumente chamado pelos assembleianos de “poder pentecostal.”

3. AS LINGUAGENS ALTERADAS DA RELIGIÃO SEGUNDO CERTEAU, ROSILENY E BITTENCOURT

Outro teórico que contribuiu para o estudo é B. P. Bittencourt, a partir da análise separando o caso do dia de Pentecostes relatado em Atos dos Apóstolos e as línguas estranhas faladas e o louvor em êxtase da comunidade cristã mencionada pelo apóstolo Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulos 12 e 14. Bittencourt assevera que o ocorrido no Pentecostes foi realmente um milagre divino, pois os galileus simples falavam línguas e dialetos das nações presentes em Jerusalém. Ele afirma que a experiência vivenciada em Atos 2 é comparada hoje, por exemplo, como um simples brasileiro operário de fábrica, que ao pregar o evangelho às pessoas estrangeiras, esse operário falasse em inglês, francês, japonês sem nunca ter aprendido tais idiomas.³⁸ Antonio Gilberto concorda com Bittencourt sobre o episódio de Pentecostes ter sido um milagre divino, afirmando que o batismo no Espírito Santo ocorreu pela primeira vez, quando os discípulos falaram os diversos dialetos e línguas em Atos 2.³⁹

Em contrapartida, Bittencourt tomando como base 1 Coríntios 12 e 14, assevera que “as línguas estranhas são sons articulados que ninguém entende na congregação e que não possuem estrutura gramatical, são resultados do êxtase

³⁸ BITTENCOURT, B. P. *Ensaio Teológico: papéis e notas*. Piracicaba: Editora Unimep, 2001, p. 137.

³⁹ GILBERTO, 2006, p. 58-60.

espiritual que não conhece regras nem limites”.⁴⁰ Por isso, ele diz que as variedades de línguas citadas em 1 Coríntios 12.10 significam outras espécies de línguas, isto é, grego, hebraico, aramaico etc. O mesmo autor também afirma que as línguas estranhas mencionadas em 1 Coríntios 14, não é um dom do Espírito Santo.⁴¹

Outro referencial teórico para o entendimento da problemática é a análise feita por Rosileny Alves dos Santos. A autora trabalha com o objeto - razão e êxtase: experiência religiosa e estados alterados de consciência. Ela diz que a glossolalia vem acompanhada do êxtase religioso, por conseguinte, a mesma é chamada de êxtase intermitente porque o fiel experimenta “uma mistura de momentos de reflexão e momentos de êxtase, quando os momentos de êxtase são experimentados ao mesmo tempo”.⁴² Rosileny assevera que o êxtase aparece nos cultos pentecostais a partir dos seguintes elementos concretos: músicas, orações, sermões, contemplações, liderança e conteúdo teológico.⁴³

O testemunho historiográfico das ADs corrobora a hipótese de Rosileny, uma vez que as línguas estranhas surgem nos cultos assembleianos, conforme se processam os elementos elencados pela pesquisadora, como por exemplo, os cânticos espirituais.⁴⁴ Se o pressuposto do êxtase religioso é a chave para a compreensão da glossolalia, então, vejamos como a autora define o estado alterado de consciência e êxtase emocional verdadeiro:

Como se pode afirmar que determinado êxtase religioso seja falso? Quando se percebe evidenciar a vontade humana. Quando não se podem expressar os desejos e evidenciar a

⁴⁰ BITTENCOURT, 2001, p. 138.

⁴¹ Ibid., p. 139.

⁴² SANTOS, Rosileny Alves dos. *Entre a razão e o êxtase: experiência religiosa e estados alterados de consciência*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 182.

⁴³ SANTOS, 2004, p. 184-192.

⁴⁴ VINGREN, 1987, p. 117.

vontade dos indivíduos e mesmo assim aparecem momentos extáticos, podemos chamar tais espaços de êxtase verdadeiros.⁴⁵

Além de Bittencourt e Rosileny, o historiador francês Michel de Certeau (1925-1986) foi um dos teóricos mais precisos para o entendimento das linguagens alteradas da religião. No seu livro *A escrita da história*, ele explicita que as linguagens alteradas da religião aparecem geralmente em casos de microgrupos.⁴⁶ Do mesmo modo, no caso assembleiano, a glossolalia aparece misticamente com um “punhadinho de crentes”, conforme expressão cunhada por Joanyr de Oliveira.⁴⁷ Certeau analisou o caso clássico sobre *La Possession de Loudun* (1610-1630), por isso, o caso da possessão explicitado pelo historiador serve de referência para a compreensão da glossolalia. Segundo a compreensão assembleianos a glossolalia só ocorre porque o Espírito Santo “possui” o crente.⁴⁸

Segundo Certeau as possessões também ocorrem onde existe homogeneidade social. Quando Gedeon Freire de Alencar chama de “a síndrome marginal”⁴⁹ referindo-se aos assembleianos, então, ele concorda sobre o pressuposto dos meios homogêneos, pois a glossolalia aconteceu nos primórdios das ADs justamente quando a sua membresia era formada por pessoas socialmente pobres, confirmando o que Vingren disse sobre a classe social dos brasileiros: “o povo [...] era de um nível social muito simples.”⁵⁰

As linguagens alteradas da religião ocorrem na possessão, porque segundo Certeau⁵¹ a possessão é uma teatralização manifesta quando, por

⁴⁵ SANTOS, 2004, p. 161.

⁴⁶ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 1. ed., Rio de Janeiro: Forense, 1982, p. 243.

⁴⁷ OLIVEIRA, 1997, p. 51.

⁴⁸ GILBERTO, 2006, p. 63.

⁴⁹ ALENCAR, 2000, p. 129, 130.

⁵⁰ CERTEAU, 1982, p. 25.

⁵¹ *Ibid.*, p. 244.

exemplo, as mulheres possuídas podem “representar uma relação entre o masculino do discurso e o feminino da sua alteração”. Da mesma forma, ocorre rotineiramente na glossolalia pentecostal-assembleiana uma cena, no lugar que se apresenta uma mulher-crente que fala em línguas e, concomitantemente ela profetiza em nome de “Deus Pai”, Gilberto chama essa prática mística de “dons de manifestação do Espírito”.⁵² Portanto, tanto na possessão de *Loudun* como na glossolalia há uma reclassificação das representações sociais, logo, elas são fenômenos sociais.

Bem assim, Certeau⁵³ trabalha com o pressuposto de “um discurso do outro?” Ou seja, na possessão o discurso das possuídas era falado por um outro, e, no caso da glossolalia alguma outra coisa fala no crente, quando este recebe o batismo no Espírito Santo, então, essa experiência religiosa é chamada por Souza de “variedade de línguas”.⁵⁴ Se no caso das possuídas citado por Certeau, não se sabe quem fala ou do que fala, porém, no caso da glossolalia, Souza assevera que quando se sabe quem fala e do que fala, é porque o fenômeno das línguas ocorreu concomitantemente com a interpretação da mesma.⁵⁵

Certeau, define transgredir como sendo atravessar, ou seja, a alteração acontece no discurso religioso porque existe “a figura móvel, evanescente e ressurgente, da transgressão do discurso”.⁵⁶ A travessia da alteridade das linguagens da religião, igualmente, ocorre no caso da glossolalia assembleiana provocando um dito dentro do sistema doutrinário das ADs, visto que o discurso teológico assembleiano é totalmente construído com base nas experiências

⁵² GILBERTO, 2006, p. 70-73.

⁵³ CERTEAU, 1982, p. 245.

⁵⁴ SOUZA, 1987, p. 215-227.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 227-233.

⁵⁶ CERTEAU, 1982, p. 247, 248.

pentecostais, especialmente o falar em línguas.⁵⁷ Certeau assevera que estar possuído é uma situação relacionada especificamente com a oralidade.⁵⁸

CONCLUSÃO

Por fim, a glossolalia assembleiana é realmente um fenômeno exclusivo da oralidade, haja vista, que não se sabe se há na historiografia das ADs no Brasil, casos sobre algum crente que fale em línguas estranhas e, que tenha escrito no mesmo tempo em que falava em línguas. É relevante um outro pressuposto levantado por Certeau que diz “Eu é um outro”⁵⁹, ou seja, o autor entende que a brecha aberta pela pessoa possuída é a local onde se processa a linguagem alterada. Por isso, há um discurso nas ADs proferido pelo líder para que os leigos orem com o “coração aberto” (brecha aberta com bem disse Certeau) , no objetivo de receberem o “poder pentecostal” de falar em outras línguas.⁶⁰

Assim, o fenômeno místico da glossolalia no contexto pentecostal, sobretudo nas ADs é realmente uma prova sobre a existência das linguagens alteradas da religião. E, obtemos a ajuda de Certeau e de outros referencias teóricos para o entendimento do caso da glossolalia assembleiana, que se não compreendemos plenamente o mesmo, pelo menos não devemos emitir juízo de valor precipitado e, principalmente aprendemos a respeitar o outro, o diferente, o inefável.

REFERÊNCIAS

⁵⁷ GILBERTO, 2006, p. 12.

⁵⁸ CERTEAU, 1982, p. 252.

⁵⁹ Ibid., p. 253.

⁶⁰ VINGREN, 1982, p. 194, 195.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembleia de Deus - origem, implantação e militância nas quatro primeiras décadas - 1911-1946*. Dissertação de Mestrado pela Umesp, São Bernardo do Campo, 2000.

BARROS, Marcelo. Essas crianças não são brincadeiras. *A Seara: revista evangélica*. Rio de Janeiro, CPAD, ano 41, nº 12, pp. 22-26, nov., 1997.

BÍBLIA. Almeida, João Ferreira de. *Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego*. Versão Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

BITTENCOURT, B. P. *Ensaio Teológico: papéis e notas*. Piracicaba: Editora Unimep, 2001, pp. 137-140.

CABRAL, David. *Assembleias de Deus: a outra face da história*. 2 ed., Rio de Janeiro: Betel, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 1. ed., Rio de Janeiro: Forense, 1982.

COSTA, Jeferson Magno. *Paulo Macalão: a chamada que Deus confirmou*. Rio de Janeiro: CPAD, 1983.

GILBERTO, Antônio. *Verdades Pentecostais: como obter e manter um genuíno avivamento pentecostal nos dias de hoje*. 1. ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

KUHLMAN, Kathryn; BUCKINGHAM, Jamie. *O melhor de Kathryn Kuhlman: o que pensava, o que cria, o que dizia*. São Paulo: The Way Books, 2006.

OLIVEIRA, Joanyr de. *As Assembleias de Deus no Brasil: sumário histórico ilustrado*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

PEPELIASCOV, Antônio. *História da Igreja Assembleia de Deus em Santo André*. Santo André: Mensagem Para Todos, 1997.

SANTOS, Rosileny Alves dos. *Entre a razão e o êxtase: experiência religiosa e estados alterados de consciência*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SOUZA, Estêvam Ângelo de. *Nos domínios do Espírito*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009.

VINGREN, Ivar. *Gunnar Vingren: o diário do pioneiro*. 2. ed., Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

_____. *Despertamento apostólico no Brasil: resumo da missão pentecostal sueca no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

A INFLUÊNCIA DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NA DOUTRINA ASSEMBLEIANA

Osmar de Oliveira⁶¹
Ailto Martins⁶²

RESUMO

As adversidades financeiras, as enfermidades, são sofrimentos presentes em nossa trajetória, pois ninguém escapa dos infortúnios deste mundo. O ser humano contemporâneo, em sua busca por alívio diante das múltiplas aflições, desesperadamente procura uma saída, não apenas para o sofrimento, mas também almeja a prosperidade financeira. No entanto, o individualismo exacerbado, a cultura do consumismo capitalista prevalece, levando a sociedade atual a desejar, cobiçar e nunca se sentir satisfeita, gerando um vazio existencial. Dentro desse contexto de busca pela plenitude, a teologia da prosperidade tem encontrado espaço ao lidar de forma convincente com os anseios e ambições humanas. Como surgiu tal teologia? Em que consiste sua base doutrinária? É embasada nas Escrituras? Está relacionada ao pentecostalismo tradicional? Quais são os pontos de convergência e discordância? Neste artigo, por meio do diálogo com diversos estudiosos, busca-se investigar a influência da teologia da prosperidade na teologia pentecostal clássica.

Palavras-chave: Teologia, prosperidade, pentecostalismo, clássico, experiência, Espírito, Santo, Bíblia.

ABSTRACT

⁶¹ Graduando em Bacharel em teologia. Email: osnard38@gmail.com.

⁶² Doutorado pela PUC do Paraná. Mestrado pela Fabapar. Graduação em Teologia. Administração e Ciências contábeis. Email: ailto@ceeduc.edu.br.

Financial adversities, illnesses, are suffering present in our trajectory, as no one escapes the misfortunes of this world. The contemporary human being, in his search for relief in the face of multiple afflictions, desperately seeks a way out, not only for suffering, but also seeks financial prosperity. However, exacerbated individualism, the culture of capitalist consumerism prevails, leading current society to desire, covet and never feel satisfied, generating an existential void. Within this context of the search for plenitude, the theology of prosperity has found space by convincingly dealing with human desires and ambitions. How did such theology arise? What does its doctrinal basis consist of? Is it based on Scripture? Is it related to traditional Pentecostalism? What are the points of convergence and disagreement? In this article, through dialogue with several scholars, we seek to investigate the influence of prosperity theology on classical Pentecostal theology.

Keywords: Theology, prosperity, Pentecostalism, classic, experience, Spirit, Holy, Bible.

INTRODUÇÃO

A Teologia da Prosperidade tem influenciado os ensinamentos, os cânticos e as pregações das tradições católicas, mas principalmente das tradições protestantes, de modo específico, os pentecostais. O grande parceiro desta teologia é o movimento Gospel, com suas melodias e letras de músicas inspiradas na teologia da retribuição ou do mérito, na batalha espiritual e na confissão positiva. Cabe salientar que este labor teológico da prosperidade, é a corrente teológica que consegue de forma extraordinária dialogar com o homem pós-moderno, capitalista, consumista e egocêntrico.

Partindo da premissa de que a Bíblia é a inerrante palavra de Deus, revelação especial e única fonte de conhecimento regra de fé e prática cristã dos pentecostais/assembleianos, procura-se por meio deste artigo analisar acerca do seguinte questionamento: Como a teologia da prosperidade tem influenciado a teologia pentecostal clássica em particular das Assembleias de Deus? Neste sentido, a pesquisa examina a Teologia da Prosperidade, com objetivo de descrever as doutrinas fundamentais deste fazer teológico, sinalizando aproximações e distanciamentos com a Teologia Pentecostal Clássica/Assembleiana.

Os principais temas da Teologia da Prosperidade são a vitória e a bênção. Diante disso, surge a hipótese que essas duas características têm encontrado voz nos ensinamentos, cânticos e pregações pentecostais. Os cultos da vitória em muitas igrejas pentecostais, sinalizam esta possibilidade, tanto na liturgia, quanto nas pregações e nas campanhas, dos 7 (sete) ou 12 (doze) noites de louvor e clamor pela resposta divina, devido aos sofrimentos das pessoas, doenças, enfermidades, fome, violência, desemprego, entre outros.

A metodologia expõe uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica, por meio dos conhecimentos de vários teóricos especialistas, acerca da temática. Diante deste fato, o artigo está dividido em três capítulos com seus respectivos subtópicos. No primeiro capítulo a pesquisa exhibe de forma sintética a história e a teologia da doutrina da prosperidade, o objetivo é entender os principais aspectos históricos e teológicos dessa teologia, com o movimento Gospel, a batalha espiritual e a confissão positiva. Já o segundo capítulo analisa a Teologia Pentecostal, suas principais doutrinas, com ênfase na pneumatologia da corrente continuísta dos dons espirituais, destacando a experiência pentecostal com o Espírito Santo. Finalizando, o artigo se busca fazer uma relação entre a Teologia da Prosperidade e a Teologia Pentecostal, analisando pontos de encontros e

desencontros dessas teologias, com o objetivo de entender a influência das doutrinas da prosperidade na Teologia Pentecostal Assembleiana.

1 A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS

1.1 Considerações iniciais

Neste tópico analisaremos algumas das principais doutrinas da teologia da prosperidade, sua gênese e seus principais idealizadores tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, e como teria migrado de igrejas neo pentecostais para igrejas pentecostais clássicas como as Assembleias de Deus. No seguimento de nossas considerações discorreremos sobre a expansão do pentecostalismo, sua influência no movimento gospel e sua disseminação associada a movimentos sócio culturais como o êxodo rural que tiveram significância na difusão da fé pentecostal e da cultura gospel. Dando seguimento à nossas suposições divagaremos acerca da batalha espiritual, analisando as colocações de teóricos que se apoiam nos ensinamentos bíblicos, arrazoaremos o quanto esse movimento se afasta dos princípios da fé cristã clássica, veremos que as distorções são bem mais antigas do que aparentam. Finalizando as discussões deste tópico analisaremos o movimento da confissão positiva sobre alguns dos principais argumentos dessa doutrina que assevera a ideia de que as palavras ditas com fé têm influência sobrenatural sobre as aspirações humanas principalmente em se referindo a bênçãos materiais.

1.2 Antecedentes históricos

O princípio fundante desta doutrina teológica pode ser encontrado nas ideias e movimentos teológicos do início do século XX nos Estados Unidos, segundo as considerações de Pieratt, muitos dos quais estavam associados às seitas metafísicas e ao Movimento da Nova Era. Esses por sua vez enfatizam conceitos como positivismo, pensamento positivo e a manifestação de desejos por meio da fé e da mente.

O movimento da Teologia da Prosperidade ganhou notoriedade graças ao trabalho e às pregações de figuras-chave, como Kenneth Hagin e E.W. Kenyon. Hagin é reconhecido como um dos principais divulgadores da Confissão Positiva e da Teologia da Prosperidade, enquanto Kenyon é frequentemente considerado uma influência significativa para Hagin.⁶³

A Teologia da Prosperidade começou a ganhar espaço em alguns círculos evangélicos e pentecostais, incorporando a ideia de que a fé pode ser uma ferramenta para alcançar riquezas materiais e sucesso financeiro, além de promover a saúde e o bem-estar.

No Brasil os principais expoentes dessa teologia são as igrejas Universal de Edir Macedo e a Internacional da Graça de R. R. Soares.

Acertadamente Godin salienta que: "O Brasil é um país místico, obcecado com o sobrenatural"⁶⁴. Talvez seja esta uma das razões porque as seitas como Testemunhas de Jeová, mormonismo, espiritismo e movimentos como o da Nova Era crescem tanto por aqui.

Uma das bases teológicas fundamentais da Teologia da Prosperidade é a crença na confissão positiva. Isso significa que as palavras e a declaração de fé têm poder criativo e podem influenciar diretamente a realidade material, enfatiza a ideia de que Deus

⁶³ PIERATT, Alan B. *O evangelho da prosperidade: análise e resposta*. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 16.

⁶⁴ GONDIM, Ricardo. *O Evangelho da nova era: uma análise e refutação bíblica da chamada Teologia da Prosperidade*. São Paulo: Abba Press, 1993. p. 3.

deseja que seus seguidores prosperem materialmente. Isso geralmente é interpretado como um sinal do favor divino e como resultado da fé e da adesão aos princípios ensinados na Teologia da Prosperidade.

O ponto crítico para a expansão e popularização da teologia da prosperidade, está intimamente ligado às contribuições de dois indivíduos proeminentes: Kenneth Hagin e E.W. Kenyon. Enquanto Hagin se tornou amplamente reconhecido como o principal defensor das doutrinas da confissão positiva e da teologia da prosperidade, Pieratt levanta a hipótese de que Hagin teria se apropriado dos ensinamentos de Kenyon.

E.W. Kenyon, apesar de não possuir uma formação acadêmica formal em teologia, estudou no Emerson College, localizado em Boston onde podem ter surgido as raízes dessas seitas metafísicas, Hagin em sua divulgação das doutrinas da confissão positiva e da teologia da prosperidade, teria se baseado fortemente nos ensinamentos de Kenyon, às vezes até mesmo replicando ou reinterpretando suas ideias.⁶⁵

Considerando a complexidade do tema, as restrições referentes ao espaço deste trabalho apenas arranhamos a superfície de um assunto extremamente amplo e controverso.

No seguimento abordaremos o chamado movimento gospel, que de forma tremenda difundiu os preceitos da teologia da prosperidade no meio evangélico com sua musicalidade voltada principalmente a bênção e prosperidade, atiçando a cobiça e o ego humano.

1.3 O Movimento Gospel: Música e Teologia

⁶⁵ PIERATT, 1993,p. 20.

A difusão do movimento gospel no Brasil tem suas raízes conectadas aos anos 50 e 60, período marcado pela expansão inicial do movimento pentecostal no país. Essa expansão estava fortemente associada a um fenômeno sociocultural mais amplo: a migração em massa das áreas rurais para as áreas urbanas, também conhecida como êxodo rural.

Nesse período, segundo Cunha, o Brasil testemunhou uma transformação significativa na estrutura demográfica, com um grande número de pessoas deixando as zonas rurais em busca de oportunidades nas cidades. Esse movimento populacional em direção às áreas urbanas foi impulsionado por uma série de fatores, incluindo condições socioeconômicas precárias nas áreas rurais, a busca por melhores empregos e qualidade de vida, bem como mudanças na economia do país.⁶⁶

À medida que essas pessoas migravam para as cidades em busca de uma vida melhor, muitas levavam consigo suas crenças religiosas, incluindo aquelas vinculadas ao movimento pentecostal.

A cultura gospel está presente em eventos como shows, festivais, conferências e espetáculos de teatro ou dança, nos quais a música e a mensagem religiosa são apresentadas. Há também uma série de produtos de entretenimento, como filmes, livros, programas de TV, rádio e conteúdo online voltados para o público evangélico, também se expande significativamente nas mídias sociais, com influenciadores digitais, canais no YouTube, podcasts e outras plataformas que oferecem conteúdo religioso e orientação espiritual para os seguidores. Envolvendo uma vasta gama de produtos, desde CDs e DVDs de música gospel até roupas, acessórios, artigos de decoração e até mesmo produtos alimentícios com temática religiosa. Esses produtos são direcionados ao público evangélico, muitas vezes com mensagens e símbolos que refletem a fé cristã.

⁶⁶ CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro, 2007. p. 69.

O mercado gospel, acompanhando o raciocínio de Zerbinato, “está alicerçada no antropocentrismo, que olha para as necessidades humanas, oferecendo aos indivíduos ilusões das recompensas nesta vida, com propaganda enganosa, como se encontra na sociedade de consumo.”⁶⁷

Alguns grupos evangélicos contemporâneos, atribuem grande importância ao louvor durante suas práticas religiosas. A música e o louvor desempenham um papel central em seus serviços, sendo vistos como uma expressão vibrante e espiritual de adoração. Esta abordagem se manifesta em uma atmosfera mais dinâmica e emotiva durante as reuniões, onde a música é usada como uma ferramenta poderosa para conectar os fiéis com o divino.

Ela abrange uma ampla gama de estilos musicais, desde o tradicional hino evangélico até gêneros mais contemporâneos como o pop, rock, rap, entre outros. As letras frequentemente abordam temas espirituais, louvor e adoração a Deus, sendo uma forma poderosa de expressão religiosa para os fiéis, desempenhando um papel importante na construção da identidade religiosa dos evangélicos, proporcionando-lhes meios de expressão e conexão com sua fé por meio de diversos canais culturais e de entretenimento. Ainda segundo Cunha ela também exerce influência na esfera cultural mais ampla, moldando tendências e percepções não apenas dentro das comunidades evangélicas, mas também na sociedade em geral, estando em constante evolução, adaptando-se aos avanços tecnológicos, às mudanças sociais e aos gostos do público, sempre buscando formas inovadoras de transmitir a mensagem religiosa.⁶⁸

A cultura gospel representa uma mescla de ideias e expressões que fazem parte da vida religiosa e cultural dos evangélicos, incorporando música,

⁶⁷ ZERBINATO, Azoil. *Mercado da fé*; O fenômeno do neopentecostalismo. Rio de Janeiro: Contextualizar, 2017. Ebook p. 21.

⁶⁸ CUNHA, 2007. P. 67, 68.

entretenimento, mídia, consumo e comunicação para difundir valores e práticas associadas à fé cristã evangélica.

Vale lembrar que em se referindo a questão do movimento gospel, devido as temáticas que envolvem o homem como centro e grande ênfase a teologia da prosperidade ela é mal vista pela grande maioria dos cristãos de teologia reformada e pentecostal clássica.

1.4 Batalha Espiritual: A luta entre o bem e o mal

O tema Batalha Espiritual está registrado nas escrituras⁶⁹ e é uma realidade na vida tanto de cristãos reformados quanto de pentecostais clássicos e neo pentecostais, Lopes Salienta que “... a igreja é mais como um exército no campo de batalha e cada um de nós é chamado a estar pronto para resistir aos ataques de satanás”⁷⁰. Por meio dos anos como é comum em todo ensinamento voltado às questões teológicas houve distorções e abusos no ensino desta teologia. Seguindo as suposições de Soares estas distorções teriam tido início por volta da década de 60 com o surgimento do ministério ekbalistico fundado pelo então missionário Ostran Fraser. Ostran após se desapontar com seu trabalho missionário na China abandonou a doutrina bíblica referente a batalha espiritual. Toda doutrina referente a amarrar, controlar, proibir, repreender demônios, a ideia de espíritos territoriais até mesmo os nomes dados aos demônios foram ou inventados ou retirados de escritos antigos. O autor em questão ainda salienta que esse tipo de conjectura já era encontrada no período interbíblico na literatura apocalíptica apócrifa e pseudoepigrafa.⁷¹

⁶⁹ Efésios 6.10-20 Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e corrigida no Brasil. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 1969.

⁷⁰ LOPES, Augustus Nicodemus. *O que você precisa saber sobre Batalha Espiritual*. São Paulo: Vida Nova; 2001. p. 13.

⁷¹ SOARES, Ezequias&Daniele *Batalha Espiritual: O povo de Deus e a guerra contra as potestades do mal*, Rio de Janeiro: CPAD 2018. P. 09,10.

O tema batalha espiritual engloba um conjunto de crenças e práticas neopentecostais que destacam a maldição hereditária, teoria dos espíritos territoriais e o expulsar demônios dos próprios crentes em Jesus. De acordo com Soares, “São invenções provenientes de várias fontes: erros de interpretação de textos bíblicos, experiências pessoais e revelações de origem estranha.”⁷²

O tema é extremamente controverso e extenso não sendo possível neste momento explorá-lo em seus pormenores, mas Lopes alerta: “... é muito perigoso ficar andando de um lado para o outro pela linha de fogo sem saber o que está havendo e sem nenhum preparo. Especialmente nos dias de hoje, quando o tema de batalha espiritual tem sido apresentado à igreja de uma forma distorcida”⁷³.

1.5 Confissão Positiva: A fé materializada

A Confissão Positiva é uma doutrina que sustenta a ideia de que as palavras faladas têm um poder criativo e influenciam diretamente a realidade. De acordo com essa crença, as afirmações positivas feitas verbalmente podem manifestar eventos, circunstâncias desejadas ou até mesmo alterar o curso da realidade de alguém. Pieratt argumenta que: “... o cristão será próspero segundo aquilo que ele conhece sobre seus direitos, de acordo com a firmeza com que ele acredita neles e pelo modo como o confessa.”⁷⁴.

Essa doutrina é muitas vezes associada à fé materializada, um conceito que sugere que a fé pode se manifestar de maneira tangível na vida de uma pessoa, especialmente em termos de bênçãos materiais, saúde, prosperidade

⁷² SOARES, 2018. P.13.

⁷³ LOPES, 2001. p. 13.

⁷⁴ PIERATT, 1993. p. 62.

financeira ou sucesso. Em outras palavras, acredita-se que uma fé profunda e expressada através de afirmações positivas pode resultar em mudanças físicas e materiais na vida de alguém.

Ao arrazoar sobre as colocações de Hagin, Pieratt Dialoga que: “A verdadeira fé não fica simplesmente esperando para ver se Deus irá responder à oração. Ela exige seus direitos... Portanto a verdadeira fé tem três características: 1) exige seus direitos, 2) exige-os em nome de Jesus; 3) nunca dúvida.”⁷⁵

Os proponentes dessa doutrina argumentam que ao verbalizar crenças positivas, fé e confiança em Deus, e ao declarar verbalmente o que desejam manifestar em suas vidas, estão ativando um processo espiritual que traz à existência aquilo que estão confiantemente afirmando.

No entanto, a Confissão Positiva e a ideia de fé materializada têm sido objeto de críticas e debates. Alguns argumentam que essa abordagem pode levar a uma compreensão superficial da fé, dando a entender que a simples declaração de desejos ou necessidades é suficiente para obtê-los, independentemente de outros fatores ou esforços. Enquanto para alguns essa doutrina é vista como uma forma de fortalecer a fé e a autoconfiança, outros a criticam, alegando que pode criar expectativas irrealistas, culpabilizar as pessoas por circunstâncias adversas e até mesmo ser explorada por líderes religiosos para ganhos financeiros.

Em resumo, a Confissão Positiva está intrinsecamente ligada à crença na fé materializada, sugerindo que as palavras positivas e a fé expressam verbalmente podem influenciar diretamente as circunstâncias materiais e físicas na vida de uma pessoa. No entanto, essa doutrina é alvo de discussões e opiniões divergentes dentro dos contextos religiosos.

⁷⁵ PIERATT, 1993, p. 70.

2 A TEOLOGIA PENTECOSTAL: ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS

2.1 Considerações Iniciais

A partir deste tópico passaremos às considerações quanto a teologia pentecostal, sua expansão sob a influência de movimentos avivalistas principalmente o da rua Azusa no início do século XX, sua ênfase na continuidade dos dons do Espírito Santo, no seguimento discorreremos quanto a hermenêutica pentecostal, de que forma os cristãos pentecostais clássicos interpretam as escrituras, suas experiências pessoais e espirituais na contemporaneidade e como a doutrina da continuidade dos dons do Espírito Santo influência na interpretação dos ensinamentos bíblicos dos pentecostais clássicos. Na continuidade analisaremos o método experiencial, o quanto eles influenciam na vida e adoração dos cristãos pentecostais como exemplo o dom de falar em línguas estranhas experimentado pelos primeiros cristãos e descrito no livro de Atos dos Apóstolos e que, segundo esta corrente do cristianismo ainda estão presentes nos dias hodiernos. Prosseguindo em nossas suposições abordaremos sobre os dons do Espírito Santo na contemporaneidade, devido a brevidade deste trabalho não temos como abordar o assunto mais a fundo, mas as breves asserções lançam luz a compreensão pentecostal clássica acerca do principal objetivo dos dons espirituais para a igreja na sua contemporaneidade.

2.2 Antecedentes históricos

O pentecostalismo surgiu em um contexto de avivamento nos Estados Unidos, no início do século XX, com ênfase na experiência do batismo pelo Espírito Santo e na manifestação dos dons espirituais, como o falar em línguas.

O avivamento na Rua Azusa, em Los Angeles, foi um marco fundamental para o movimento pentecostal. Esse avivamento, liderado por William J. Seymour, é considerado o ponto de partida para a disseminação do pentecostalismo, onde muitos crentes experimentaram o batismo no Espírito Santo e os dons do Espírito de maneira intensa. Segundo Menzies : " Em ambos os casos - o pentecostes e a Rua Azusa -, o evangelho de Jesus Cristo e o dom do Espírito Santo eram livres para todos."⁷⁶ A partir da Rua Azusa, o movimento pentecostal se espalhou por diferentes países e continentes, gerando diversas denominações e igrejas independentes, cada uma com suas interpretações teológicas específicas.

A Teologia Pentecostal enfatiza a importância da experiência do batismo no Espírito Santo como uma segunda experiência espiritual após a conversão, muitas vezes marcada pela manifestação dos dons espirituais, incluindo o falar em línguas. Os pentecostais valorizam os dons espirituais, como profecias, curas, discernimento de espíritos e falar em línguas, considerando-os ativos e disponíveis para os crentes nos dias atuais.

As práticas pentecostais incluem cultos dinâmicos, expressões emocionais de adoração, orações fervorosas, ênfase na cura divina e na libertação de influências espirituais malignas.

Apesar de destacarem a experiência espiritual, os pentecostais geralmente mantêm uma forte crença na autoridade das Escrituras, considerando a Bíblia como a Palavra inspirada por Deus e como guia para a fé e prática doutrinárias.

É importante ressaltar que a Teologia Pentecostal é diversificada e existem diferentes ramificações e interpretações dentro desse movimento. Além disso, ao longo do tempo, o pentecostalismo passou por mudanças e evoluções

⁷⁶ MENZIES, Robert P. *Pentecostes: Essa é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD 2016. p. 4.

teológicas, incorporando elementos contemporâneos e adaptando-se a diferentes contextos culturais.

O crescimento inicial do pentecostalismo no Brasil acompanhando Cunha foi notado principalmente entre as camadas mais populares da sociedade, muitas das quais viviam nas periferias urbanas e enfrentavam desafios socioeconômicos consideráveis. O pentecostalismo, com suas práticas espirituais dinâmicas, ênfase na experiência direta com o divino e na manifestação de dons espirituais como o falar em línguas e a cura divina, encontrou um terreno fértil entre essas populações urbanas em rápida expansão. Essa primeira fase de crescimento pentecostal coincidiu e se desenvolveu paralelamente ao fenômeno do êxodo rural e da concentração populacional urbana.⁷⁷

2.3 A Hermenêutica Pentecostal: A forma que o pentecostal lê a Bíblia

Acompanhando o raciocínio de Menzies onde ele enfatiza que a história de atos é a história do pentecostalismo contemporâneo em se referindo a atualidade dos dons espirituais⁷⁸ podemos inferir que a Hermenêutica Pentecostal é uma abordagem interpretativa da Bíblia que difere em alguns aspectos das abordagens hermenêuticas tradicionais, buscando enfatizar a atualidade dos dons espirituais como o batismo no Espírito Santo: “ Trata-se de uma experiência espiritual que ocorre junto ou após à regeneração, sendo acompanhada da evidência física inicial do falar em outras línguas “ Soares⁷⁹, também a relevância

⁷⁷ CUNHA, 2007. p. 44.

⁷⁸ MENZIES, 2016.p. 17.

⁷⁹ SOARES, Ezequias da Silva. *Declaração de fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, 165.

e a aplicação direta das Escrituras para a vida contemporânea e para a experiência espiritual do indivíduo.

Existem alguns pontos principais que podem ajudar a entender como a Hermenêutica Pentecostal interpreta a Bíblia:

Experiência pessoal e espiritualidade: Para os pentecostais, a experiência direta com o Espírito Santo é fundamental na compreensão das Escrituras. Eles valorizam a experiência do batismo no Espírito Santo e dos dons espirituais descritos no Novo Testamento, como falar em línguas, profecia, cura divina, entre outros. Isso influencia a forma como leem e interpretam passagens bíblicas relacionadas a essas práticas. “Este batismo "do" ou "pelo" Espírito é algo tão real, apesar de ser espiritual que a Bíblia o denomina como “batismo”.⁸⁰

Ênfase na atualidade dos milagres e da ação do Espírito: Os pentecostais tendem a interpretar as narrativas bíblicas de milagres, curas e manifestações do Espírito Santo como eventos que não se restringem apenas ao passado, mas que também podem ocorrer nos dias atuais. Essa crença afeta a interpretação das passagens bíblicas que tratam desses temas, buscando aplicar esses princípios à vida cotidiana. Segundo Lim: “ O reavivamento e crescimento do cristianismo ao redor do globo, especialmente nos países do terceiro mundo, é um testemunho poderoso de que os dons espirituais estão operando na promoção do Reino de Deus.”⁸¹

Importância da interpretação direta e simples: A Hermenêutica Pentecostal valoriza uma abordagem simples e direta na interpretação da Bíblia. Isso significa buscar compreender o texto bíblico em seu sentido literal e aplicá-lo de forma prática à vida das pessoas, muitas vezes enfatizando a aplicação imediata do ensinamento bíblico para situações cotidianas.

⁸⁰ GILBERTO, Antonio. *Teologia Sistemática Pentecostal*. 2 Edição CPAD 2008. p. 167.

⁸¹ LIM, David. *Teologia Sistemática*: Stanley M. Horton. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 465

O papel do Espírito Santo na interpretação: Os pentecostais creem que o Espírito Santo é um guia essencial na interpretação das Escrituras. Eles confiam na orientação do Espírito para revelar verdades espirituais e compreender o significado mais profundo das passagens bíblicas.

Foco na transformação pessoal: A interpretação pentecostal busca não apenas o conhecimento intelectual das Escrituras, mas também a transformação espiritual e moral das pessoas. Ela procura aplicar os ensinamentos bíblicos de modo a gerar mudanças de vida e promover um relacionamento mais próximo com Deus.

É importante ressaltar que, assim como em qualquer abordagem hermenêutica, existem variações e diferentes interpretações dentro do movimento pentecostal. No entanto, esses princípios geralmente constituem a base da Hermenêutica Pentecostal e influenciam a maneira como os pentecostais lêem, interpretam e aplicam a Bíblia em suas vidas e práticas religiosas.

2.4 A Experiência Pentecostal: O método experiencial

Destacando a significância das experiências espirituais, especialmente aquelas relacionadas ao dom de falar em línguas, como descritas no livro de Lucas e Atos dos Apóstolos quanto a experiência pentecostal Menzies argumenta que " A compreensão cognitiva e as experiências que tocam as emoções são importantes; elas informam e influenciam umas às outras."⁸² Ele sugere que essas experiências não apenas têm importância histórica, ligando o pentecostalismo à igreja apostólica do passado, mas também são relevantes para os crentes contemporâneos, refletindo suas próprias experiências espirituais e chamados pessoais.

Propõe que a experiência do Espírito Santo, manifestada através do falar em línguas, serve como um elo entre os crentes atuais e a igreja primitiva,

⁸² MENZIES, 2016. p. 126.

transmitindo a continuidade da experiência espiritual ao longo da história cristã. Essas experiências são vistas não apenas como eventos históricos, mas como realidades vivas e atuais para os crentes, conectando-os à herança espiritual dos primeiros discípulos de Cristo.

Além disso, ao enfatizar que "sua experiência é nossa experiência; sua chamada é nossa chamada"⁸³ Menzies destaca a ideia de que as experiências e os chamados dos primeiros apóstolos são compartilhados pelos crentes na modernidade. Isso implica que os princípios e ensinamentos transmitidos por essas experiências têm relevância contínua e podem ser vivenciados na hodiernidade. A importância da experiência espiritual e sua conexão emocional são ressaltadas como parte integrante da fé pentecostal. A compreensão intelectual das verdades espirituais é valorizada, mas é enfatizado que as experiências que tocam as emoções também desempenham um papel crucial na formação da fé e na compreensão mais profunda dos ensinamentos espirituais. Essa interação entre a compreensão intelectual e as experiências emocionais é vista como complementar, influenciando-se mutuamente para uma compreensão mais completa da fé cristã.

2.5 A Fé Pentecostal: Os dons do Espírito para igreja contemporânea

Os pentecostais creem na continuidade dos dons do Espírito Santo, Mc Gee salienta que “No decurso da história do cristianismo sempre houve pessoas que buscaram “algo mais” em sua peregrinação espiritual, e que, ocasionalmente, eram levadas a indagar acerca do significado do batismo no Espírito Santo e dos

⁸³ MENZIES, 2016, p.126.

dons espirituais.”⁸⁴ Nessa busca dentro da história segundo o mesmo autor tem-se encontrado provas da continuidade dos dons do Espírito Santo, por meio de reavivamentos ocorridos especialmente no século XIX que podem ser precursores segundo Mc Gee do moderno pentecostalismo.

Os crentes pentecostais são incentivados constantemente a buscar os dons do Espírito Santo, Gilberto dialoga que: “A igreja da atualidade precisa mais e mais conhecer, buscar, receber e exercitar a provisão divina imensurável que há nos dons espirituais para o seu contínuo avanço, consolidação e vitória contra as hostes infernais e, ao mesmo tempo, glorificar muito mais a Cristo.”⁸⁵

O grande crescimento do pentecostalismo a nível mundial segundo Lim “é um testemunho poderoso de que os dons espirituais estão operando na promoção do Reino de Deus.”⁸⁶

Por essas breves asserções podemos perceber que o objetivo principal dos dons espirituais na ótica pentecostal clássica é voltada à promoção do Reino de Deus e a glória de Cristo, e não para satisfazer os desejos do ego humano. A Partir dos próximos tópicos perceberemos a criticidade da questão aqui levantada uma vez que analisaremos as aproximações e distanciamentos das teologias da prosperidade e pentecostal clássica.

3 A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE X TEOLOGIA PENTECOTAL: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

3.1 Considerações Iniciais

⁸⁴ MC GEE, Gary B. *Teologia Sistemática*: Stanley M. Horton. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 4.

⁸⁵ GILBERTO, 2008, p. 195.

⁸⁶ LIM, 1996 p 445.

Abordaremos no seguinte tópico quanto aos pontos de encontro entre as teologias da prosperidade e pentecostal, veremos que embora a teologia da prosperidade estejam indo na contramão do Reino, ela ainda mantém seu aparente status de teologia cristã graças a sua firme crença nas doutrinas básicas da fé cristã. No seguimento veremos o quão distante a teologia da prosperidade está quanto a teologia pentecostal em se referindo a correta interpretação das doutrinas bíblicas ao enfatizar o aqui e agora em detrimento do Reino de Deus “aqui agora e ainda não “. Finalizando nossas indagações abordaremos a superação da teologia da prosperidade, a teologia do espírito. Tendo a palavra de Deus como regra de fé e inspiração direta do Espírito Santo, está interpretada de forma correta nos apresenta a teologia do espírito.

3.2 As Aproximações: Pontos de encontros entre as teologias

Apesar da teologia da prosperidade dialogar com o homem pós moderno e ir de encontro com as classes sociais mais baixas devido a sua ênfase no aqui e agora, alívio dos sofrimentos, prosperidade material e etc. Pieratt lança a hipótese quanto a embora esta teologia seja voltada mais para o antropocentrismo focando no desejo e individualismo humano e não na busca do Reino em primeiro lugar ela não deixa de lado as crenças bíblicas básicas do cristianismo, como a trindade, e a divindade de Cristo e Sua humanidade, céu e inferno, ação de espíritos malignos e etc...

Resumindo, segundo o autor em questão “Seus adeptos não negam nenhuma doutrina básica nem buscam outro fundamento que não seja Cristo e os apóstolos.”⁸⁷

⁸⁷ PIERATT, 1993. p. 11.

3.3 Os Distanciamentos: Pontos de desencontros entre as teologias

O Neo pentecostalismo é o principal divulgador da teologia da prosperidade, como Araújo salienta: “Dão bastante ênfase ao louvor e são mais flexíveis teologicamente, não permanecendo estáticos na doutrina, como os pentecostais clássicos. Na década de 1990, grande parte de seus pregadores começou a incluir em suas mensagens elementos da Teologia da Prosperidade e da Confissão Positiva. (...) Distinguem-se também quanto aos usos e costumes”.⁸⁸

Utilizaremos um quadro ⁸⁹ da dissertação de mestrado de Pommerening que nos dá uma boa noção quanto aos pontos de desencontro entre as teologias da prosperidade e a pentecostal clássica.

⁸⁸ ARAÚJO, João Dias de. *Igrejas protestantes e Estado no Brasil*. In: Cadernos do ISER: Protestantismo e política no Brasil. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, n.7. 2007, p. 506.

⁸⁹ POMMERENING, Claiton Ivan. *A relação entre a oralidade e a escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades*. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

<u>Questões</u>	<u>Pentecostalismo Clássico</u>	<u>Neopentecostalismo</u>
Debilidades Humanas	A carne	Os demônios
Pecado	Ênfase no arrependimento	Cada um na sua (pós-modernismo)
Objetivos principais	O celestial	A prosperidade material
Sofrimento	Pedagogia divina (Jó)	Falta de fé
Doença	Propósito e permissão de Deus com crença na cura	Diabólica
Usos e costumes	Ascese	Ausência
Esperança	'já agora' e 'ainda não'	Sim ao 'já' e não ao 'ainda não'
Soberania	De Deus	Do homem
Experiência pessoal	Arrependimento	Alcance da bênção
Prática de vida	A vontade de Deus	Necessidades humanas
Trabalho dos membros	Envolvimento	Consumismo 'espiritual'
Jesus	Senhor e Salvador	Só Salvador
Espiritismo	Distanciamento	Assimilação x repúdio
Teologia	Da "santidade"	Da prosperidade
Salvação e cura	Pela graça com regras	Sacrifício financeiro
Dizimos e ofertas	Mandamento divino	Moeda de troca
Exemplos de Vida	Jesus/NT	Abraão/AT
Liturgia	Espontânea	Teatralizada
Membresia	Comunhão	Flutuante e volátil

Seguindo o raciocínio de Pommerening podemos concluir que a teologia da prosperidade baseia-se no aqui e agora, no consumismo desenfreado e no egocentrismo humano, pode-se dizer que é uma religião capitalista do dar para receber que envolve certo sincretismo religioso e a comercialização da fé, abandonando as questões da busca do reino de Deus em primeiro lugar para a busca de propósitos individuais de saúde e prosperidade financeira.

3.4 A Superação da Teologia da Prosperidade: A teologia do Espírito

Uma vez que a Bíblia é a única regra de fé dos pentecostais clássicos, “cremos, professamos e ensinamos que a Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus,

única revelação escrita de Deus dada pelo Espírito Santo...”⁹⁰ Precisamos encontrar nela as respostas para a superação da teologia da prosperidade e o encontro da teologia do Espírito, uma vez que a Bíblia é inspirada pelo Espírito Santo precisamos encontrar a correta interpretação dos textos bíblicos, para só então encontrarmos a verdadeira teologia do Espírito. Bibó dá exemplos bem didáticos para se encontrar a correta interpretação das passagens bíblicas: “... é fato que a Bíblia possui inúmeros versículos que, se lidos isoladamente, parecem dar a fórmula certa para o sucesso e a bênção. (...) Lidos assim, sem se considerar o todo da Escritura e seus devidos contextos, eles transmitem essa ideia do toma-lá-dá-cá.”⁹¹

A melhor forma de se interpretar as escrituras e se alcançar uma possível teologia do Espírito é a devida compreensão acerca do que cada passagem deseja transmitir e a devida compreensão dos ouvintes que receberam primeiro a mensagem, como eles teriam compreendido e o contexto a que a mensagem estava inserida. Moisés salienta que: “A linguagem humana, por sua própria natureza, é grandemente equivocada, isto é, capaz de ser compreendida em mais de uma forma. (...) O que precisamos reconhecer, porém, é que o potencial para uma má interpretação está sempre presente.”⁹². Logo é imprescindível o devido escrutínio das escrituras para se evitar erros de interpretação e se chegar à verdade do evangelho. Um exemplo bem simples: durante a oração do Pai nosso temos a expressão “venha a nós o Teu Reino seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu “. Ou seja, que a vontade de Deus impere que seu Reino prospere, que nos dobremos a Sua vontade e não Ele a

⁹⁰ SOARES. 2018, p. 19.

⁹¹ BIBO, Rodrigo *O Deus que destrói sonhos*. 1 edição, Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2021 p 18.

⁹² MOISES, Silva, Walter Kaiser. Jr *Introdução à Hermenêutica Bíblica* 1 edição, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002 p. 14

nossa que venhamos a proclamar o Seu Reino “aqui agora e ainda não “que nós como igreja venhamos a nos doar assim como Ele se doou por nós.

CONCLUSÃO

A teologia da prosperidade tem se infiltrado de forma sorrateira e discreta, distorcendo a graça de Cristo, transformando a verdade do evangelho em mentira, comércio e ganância, por meio de ministrações que massageiam o ego e ataçam o desejo humano em vez da verdade que liberta e transforma, vemos ministrações, louvores e movimentos que escravizam as pessoas em seus desejos e anseios de saúde e prosperidade, não existe o se doar sem esperar nada em troca mas sim um “toma-la-da-cá”. Um evangelho consumista onde Deus é o gênio da lâmpada, é só exigir seus direitos e ter fé que tudo será mudado em favor dos “filhos de Deus merecedores das bênçãos do altíssimo.”

Infiltrando-se no seio pentecostal como um câncer que corrói lentamente, a teologia da prosperidade tem ganhado terreno e prosperado, encontrando em solo brasileiro terreno fértil para a disseminação de sua doutrina.

Nesse artigo buscamos discorrer com o auxílio de teóricos diversos acerca da teologia da prosperidade, de onde teria surgido, seus principais expoentes, tanto de seu início como nos dias atuais em se referindo a nível de Brasil e como o movimento gospel com seu mercantilismo tem comercializado um evangelho maltrapilho e desconexo com a realidade do Reino de Deus, também abordamos quanto às distorções em se referindo a batalha espiritual e os riscos de se não ter uma correta interpretação das escrituras referentes não só a questão de bênçãos de saúde e prosperidade mas também quanto a ação dos espíritos malignos e o ensinamento correto quanto a batalha entre o bem e o mal.

Nunca se fez tão necessário o engajamento da igreja quanto ao combate a teologia da prosperidade, embora ela firme sua doutrina na fé basilar do

cristianismo, cada vez mais seus ensinamentos beiram a heresia. Embora essa palavra possa parecer muito forte para a questão em si, ao debruçar-me sobre este artigo em busca de conhecimento para elaborá-lo pude vislumbrar o quão complexo e perigoso é este terreno, extremamente movediço repleto de tentações, onde a verdade do evangelho e o lucro caminham lado a lado, onde a graça de Cristo e a Glória de Deus são trocadas por holofotes e aplausos, riqueza e prosperidade. Definitivamente estamos em guerra, contra uma teologia extremamente perniciosa e daninha que corrompe o evangelho do Reino, que transforma dóceis ovelhas em lobos sedentos, servos do Altíssimo Em senhores de si mesmos, trocando a glória do Reino vindouro pelas ilusões passageiras de um mundo decadente e carente do verdadeiro evangelho. Em vez de um evangelho que transforma, salva e liberta, temos na teologia da prosperidade um evangelho que nos mantém escravos de nossos próprios desejos e concupiscências, vis pastores que apascentam a si mesmos com o único interesse de arrancar a lã de seu rebanho incauto, inexperiente e escravo de si mesmos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, João Dias de. *Igrejas protestantes e Estado no Brasil*. In: Cadernos do ISER: Protestantismo e política no Brasil. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, n.7, 2007.

BIBO, Rodrigo *O Deus que destrói sonhos*. 1 edição, Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2021.

BÍBLIA SAGRADA. *Traduzida em português por João Ferreira de Almeida*. Revista e corrigida no Brasil. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 1969.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro, 2007.

GILBERTO, Antonio. *Teologia Sistemática Pentecostal*. 2 Edição CPAD 2008.

GONDIM, Ricardo. *O Evangelho da nova era: uma análise e refutação bíblica da chamada Teologia da Prosperidade*. São Paulo: Abba Press, 1993.

LIM, David. *Teologia Sistemática*: Stanley M. Horton. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

LOPES, Augustus Nicodemus. *O que você precisa saber sobre batalha espiritual*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

MENZIES, Robert P. *Pentecostes: Essa é a nossa história*. Rio de Janeiro: CPAD 2016.

MC GEE, Gary B. *Teologia Sistemática*: Stanley M. Horton. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

MOISES, Silva, Walter Kaiser. Jr. *Introdução à Hermenêutica Bíblica*. 1 edição, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002

POMMERENING, Claiton Ivan. *A relação entre a oralidade e a escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades*. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

PIERATT, Alan B. *O evangelho da prosperidade: análise e resposta*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

SOARES, Ezequias da Silva Declaração de fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará. Rio de Janeiro: CPAD 2017.

SOARES, Ezequias&Daniele *Batalha Espiritual: O povo de Deus e a guerra contra as potestades do mal*, Rio de Janeiro: CPAD 2018.

A DIVERGÊNCIA TEOLÓGICA DOS DONS ESPIRITUAIS: CESSACIONISMO E CONTINUÍSMO

Durval Bulhões de Oliveira Filho⁹³
Ailto Martins⁹⁴

RESUMO:

Este artigo busca explorar as perspectivas teológicas do cessacionismo e continuísmo em relação aos dons espirituais na Tradição Cristã. Pretendendo lançar luz sobre algumas divergências teológicas, históricas e contemporâneas, o artigo justifica-se na atualidade dos dons espirituais, em principal no contexto das comunidades pentecostais brasileiras. Estruturado em quatro partes principais, busca abordar o cessacionismo, o continuísmo, a relevância do continuísmo para a teologia pentecostal, propondo caminhos para futuras investigações. Tal organização proporciona uma visão completa das doutrinas, colaborando com o diálogo teológico, a prática religiosa mais fundamentada e respeitosa.

Palavras-chave: Teologia Pentecostal, Dons Espirituais, Cessacionismo, Continuísmo.

ABSTRACT:

This article seeks to explore the theological perspectives of cessationism and continuationism in relation to spiritual gifts in the Christian Tradition. Intending

⁹³ Licenciado em História/Univille; Pós-Graduado em Ciências da Religião/Facuminas, Pós-Graduado em Ensino de Geografia, História e Sustentabilidade/Facuminas. Graduando em Bacharel em teologia. Email: durvalbof@gmail.com.

⁹⁴ Doutorado pela PUC do Paraná. Mestrado pela Fabapar. Graduação em Teologia. Administração e Ciências contábeis. Email: ailto@ceeduc.edu.br.

to shed light on some theological, historical and contemporary divergences, the article is justified in the current situation of spiritual gifts, mainly in the context of Brazilian Pentecostal communities. Structured into four main parts, it seeks to address cessationism, continuationism, and the relevance of continuationism for pentecostal theology, proposing paths for future investigations. Such an organization provides a complete view of doctrines, collaborating with theological dialogue, a more grounded and respectful religious practice.

Keywords: Pentecostal Theology, Spiritual Gifts, Cessationism, Continuumism.

INTRODUÇÃO

A questão dos dons espirituais tem sido objeto de debate dentro do Cristianismo desde os tempos do Novo Testamento. Enquanto algumas correntes teológicas defendem a manifestação contínua dos dons espirituais, outros sustentam que essas manifestações cessaram após a era apostólica.

Este artigo se propõe a explorar e comparar as duas principais perspectivas teológicas sobre esse assunto: o cessacionismo e o continuísmo. No primeiro capítulo, procuraremos demonstrar as bases bíblicas sobre os dons espirituais, quanto a suas manifestações na comunidade cristã primitiva, possibilitando a demonstração do poder de Deus por intermédio dos seus servos a realizarem grandes milagres, sinais e prodígios.

Posterior a isso, iremos discorrer acerca das seguintes teorias: Cessacionismo e Continuísmo, a primeira apresentará um cenário onde os dons espirituais passou por um processo de desuso, de esquecimento, seja total ou parcial esses fenômenos, enquanto o Continuísmo vai apresentar a atualidade dos dons espirituais, quanto seu recebimento por todos os cristãos, como também, sua

ação no meio da igreja de Cristo, que ainda necessita do aperfeiçoamento mediante aos dons espirituais.

Recorreremos à fundamentação teológica para justificar a defesa da atualidade dos dons na visão Continuista, há necessidade de recorrermos à história, para observamos as perspectivas históricas pneumatologias, ou seja, como foi tratada as manifestações espirituais dos dons no curso dos avivamentos pentecostal; e para uma análise mais profícua, adotaremos um modelo comparativo com as manifestações espirituais dos dons atualmente, sempre dentro da perspectiva da fundamentação da fé nas comunidades pentecostais brasileiras.

O objetivo geral desse artigo gira sobre as visões teológicas sobre o cessacionismo e o continuísmo, em relação aos dons espirituais dentro do Cristianismo. O artigo pretende lançar luz sobre essas diferentes perspectivas. Iremos nos aprofundar nas bases bíblicas que sustentam os dons espirituais, buscando compreender por que alguns acreditam em sua existência enquanto outros os negam. Também pretendemos considerar como tais crenças afetaram historicamente a prática – especialmente entre as comunidades pentecostais no Brasil hoje.

O estudo encontra sua justificativa no reconhecimento desses fenômenos espirituais ligados à história cristã. Ao desvendar de onde vêm estes dons (tanto bíblica como historicamente) e como são agora, esperamos ser capazes de conduzir a comunidade em direção a uma espiritualidade mais genuína que faça sentido dentro desta fé chamada Cristianismo. Além disso, ao adotar uma abordagem comparativa, este estudo visa fomentar o diálogo teológico e a prática religiosa, promovendo uma maior compreensão e respeito entre as diversas correntes do pensamento cristão.

Este artigo foi estruturado em quatro partes principais, cada uma focando em diferentes facetas das crenças sobre os dons espirituais. O primeiro capítulo debruçou-se sobre o cessacionismo, abordando sua história e teologia, bem como seus argumentos centrais. O segundo capítulo voltou-se para o continuísmo, explorando suas bases e significado atualmente.

O terceiro capítulo aprofundou-se na relevância do continuísmo para a teologia pentecostal, examinando seu impacto na prática religiosa e na teologia do movimento pentecostal. Finalmente, o quarto capítulo sintetizou as descobertas, recapitulando os debates e propondo caminhos para futuros estudos sobre os dons espirituais. A organização do trabalho proporcionou uma visão completa e sistemática das doutrinas, permitindo um entendimento mais rico de suas consequências para a teologia e a prática religiosa.

1. BASES BÍBLICAS SOBRE OS DONS ESPIRITUAIS

Os dons espirituais são habilidades sobrenaturais concedidas aos crentes pelo Espírito Santo para o fortalecimento e edificação da igreja. Os três textos principais que relacionam os dons, todos eles do apóstolo Paulo: Rm 12.6-8; I Co 12 e Ef 4.11. Outros podem ser depreendidos do Novo Testamento e algumas instruções gerais sobre dons como em I Pe 4.7-11⁹⁵. Na tabela abaixo estão relacionados os dons conforme listados nos respectivos textos.

⁹⁵ DISPONIVEL em: < <https://webebd.com/ipn/course/view.php?id=11>> Acesso em 03.07.2024.

Relação dos diversos dons conforme os textos bíblicos

1Co 12,8-11	1Co 12,28	Rm 12,6-8	Ef 4,11	1Pe 4,11
Palavra de Sabedoria	Apóstolos	Profecia	Apóstolos	Falar
Palavra de Conhecimento	Profetas	Serviço	Profetas	Servir
Fé	Mestres	Ensino	Evangelistas	
Cura	Os que Realizam Milagres	Encorajamento	Pastores	
Realização de Milagres	Os que tem Dom de Curar	Contribuição	Mestres	
Profecia	Os que Socorrem os Outros	Liderança		
Discernimento de Espíritos	Os que Administram	Uso de Misericórdia		
Variedade de Línguas	Os que Falam Variedades de Línguas			
Interpretação de Línguas				

Figura 1: (Bíblia de Estudos Andrews -2015)

Compreender a natureza e o propósito bíblico destes dons é essencial para a vida e o ministério da igreja. Nesta seção, exploraremos as principais características dos dons espirituais, suas origens divinas e sua relevância para a vida do crente e da comunidade pentecostal⁹⁶.

1.1 Tipos de Dons Espirituais

1.1.1 Dons Espirituais: Um Chamado à Unidade e ao Amor

O apóstolo Paulo, em sua carta aos coríntios, dedica todo o capítulo 12 para discutir os dons espirituais. Ele começa enfatizando que há diversidade de

⁹⁶ DISPONIVEL em: < <https://webed.com/ipn/course/view.php?id=11>> Acesso em 03.07.2024.

dons, mas o mesmo Espírito os concede a todos. Como relatado por Renovato. Paulo lista alguns desses dons:

- Palavra de Sabedoria e Palavra de Conhecimento: Esses dons envolvem discernimento e compreensão profunda das verdades espirituais. A palavra de sabedoria nos guia em decisões difíceis, enquanto a palavra de conhecimento nos revela percepções divinas.
- Fé e Dons de Cura: A fé é um dom que nos permite confiar plenamente em Deus. Os dons de cura capacitam alguns a serem instrumentos de cura física e emocional.
- Profecia e Discernimento de Espíritos: A profecia envolve falar em nome de Deus, edificando, exortando e consolando. O discernimento de espíritos nos ajuda a distinguir entre influências divinas, humanas e malignas.
- Línguas e Interpretação de Línguas: Esses dons estão relacionados à comunicação espiritual. As línguas são idiomas desconhecidos, enquanto a interpretação permite que outros compreendam a mensagem.

Paulo enfatiza que todos os dons são importantes e o Espírito os distribui conforme sua vontade. Além disso, ele destaca que o amor é o maior motivador por trás do uso correto dos dons. Sem amor, os dons perdem seu propósito⁹⁷.

1.1.2 Romanos 12: O Uso Prático dos Dons na Comunidade Cristã

Em Romanos 12, Paulo aborda os dons de maneira prática. Ele nos lembra que somos um só corpo em Cristo, com diferentes funções. Alguns dons mencionados por Rossi, e Da Silva, incluem:

- Profecia: Paulo nos encoraja a profetizar de acordo com nossa fé.

⁹⁷RENOVATO, Elinaldo. *Dons Espirituais e Ministeriais: Servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

- Serviço: O dom de servir nos capacita a cuidar das necessidades práticas dos outros.
- Ensino: Ensinar é um dom que compartilha conhecimento e verdade.
- Exortação: A exortação edifica e encoraja os irmãos.
- Contribuição: Contribuir generosamente é um dom que sustenta a obra do Senhor.
- Liderança: Líderes devem liderar com diligência.
- Misericórdia: O dom da misericórdia nos leva a demonstrar compaixão e cuidado.

1.1.3 Efésios 4: Os Dons Ministeriais para Edificação do Corpo de Cristo

Em Efésios 4, Paulo fala sobre os dons ministeriais dados por Cristo à igreja. Esses dons, como enfatiza Ferreira, Silva, incluem:

Apóstolos: Enviados para estabelecer e fortalecer igrejas.

Profetas: Portadores da Palavra de Deus e intérpretes dos tempos.

Evangelistas: Pregadores do evangelho.

Pastores e Mestres: Guiam e ensinam o povo de Deus.

Esses dons são dados para equipar os santos para o ministério e para a edificação do corpo de Cristo. Eles trabalham juntos para que a igreja cresça em maturidade e unidade. Os dons espirituais são presentes preciosos concedidos pelo Espírito Santo. Quando usados com amor e sabedoria, eles fortalecem a

comunidade cristã e glorificam a Deus. Que possamos buscar esses dons, valorizando a diversidade e servindo mutualmente com amor e humildade⁹⁸.

1.2 A Necessidade dos Dons Espirituais

É imperativo saber que os dons espirituais desempenham um papel vital na vida e no crescimento da igreja. Eles ajudam os crentes a desempenhar eficazmente os seus ministérios, de modo a edificar e tornar o corpo de Cristo mais forte. Na sua ausência, veríamos uma igreja enfraquecida, pois cada membro individual contribui de forma única e complementar devido a estes dons⁹⁹.

Um dom espiritual é uma habilidade especial que o Espírito Santo dá a cada membro do Corpo de Cristo – conforme a graça de Deus – para ser usada na edificação da Igreja¹⁰⁰.

Além disso, não esqueçamos que os dons espirituais são muito necessários para o evangelismo – alcançar os não alcançados. Quando os dons que Deus concebeu é mostrado, também é evidenciado o poder de Deus e a sua presença entre nós – assim as pessoas são atraídas para o Evangelho¹⁰¹.

Os dons espirituais apresentados na Bíblia não são meras habilidades, mas também são vistos como manifestações fluidas da graça de Deus. Ele os compartilha entre seu povo para o bem de todos. Cada dom é uma peça vital no mosaico da igreja, permitindo que ela reflita a plenitude de Cristo em sua missão e ministério¹⁰².

⁹⁸ FERREIRA, 2021.

⁹⁹ DEVER, Mark. *Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

¹⁰⁰ SCHWARZ, Christian A. *O teste dos dons*. Paraná: Editora Esperança, 1997.

¹⁰¹ ROSSI, Luiz Alexandre Solano; DA SILVA, Valmor (Ed.). *Dons e carismas na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2021.

¹⁰² ROSSI, DA SILVA, 2021.

A diversidade nos dons espirituais é a razão pela qual muitas partes, todas diferentes umas das outras, constituem um corpo completo e vivo. Na sua carta aos Coríntios, Paulo diz-nos que existem diferentes tipos de dons devido ao mesmo Espírito – servir (ministérios) é através do mesmo Senhor – trabalhar (operações) é através do mesmo Deus. Esta riqueza de diversidade não se manifesta apenas na natureza, mas, mais importante ainda, como parte do dom espiritual da humanidade: Deus concede graciosamente capacidades únicas a cada indivíduo. Isto permite que as pessoas tomem os seus respectivos lugares para a edificação mútua rumo à unidade na fé e no conhecimento, ao mesmo tempo que alcançam a maturidade medida pela plena estatura de Cristo, a qual é a nossa cabeça¹⁰³.

Os dons espirituais não são apenas para uso individual, mas são instrumentos divinos que ajudam a construir a fé dos crentes coletivamente. Eles desempenham um papel significativo na edificação e apoio mútuos, bem como no consolo (1 Coríntios 14:3) . Quando os crentes funcionam naquilo que lhes foi dado, significa que cada crente faz a sua parte, o que leva a igreja a crescer até à maturidade (Efésios 4:11-13) : Apóstolos; profetas; evangelistas; pastores; e todos os professores se reúnem com seus diferentes papéis em direção a um objetivo comum – equipar os santos para o trabalho ministerial, de modo a verem o corpo de Cristo nutrido¹⁰⁴.

Os dons espirituais também desempenham um papel crucial na evangelização. Eles não apenas capacitam os crentes a comunicar o Evangelho com eficácia, mas também servem como sinais que acompanham os que creem

¹⁰³ DISPONIVEL em: < <https://webebd.com/ipn/course/view.php?id=11>> Acesso em 03.07.2024.

¹⁰⁴ DISPONIVEL em: < <https://webebd.com/ipn/course/view.php?id=11>> Acesso em 03.07.2024.

(Marcos 16:17-18). Esses sinais confirmam a mensagem do Evangelho e demonstram a realidade do reino de Deus entre nós¹⁰⁵.

Em um mundo em constante mudança, os dons espirituais permitem que a igreja se adapte e cresça, enfrentando novos desafios e alcançando diferentes culturas e sociedades. Eles são recursos dinâmicos que o Espírito Santo dá para que a igreja possa responder de maneira relevante e poderosa às necessidades do mundo. Os dons espirituais são indispensáveis para a vida da igreja. Eles não apenas capacitam os crentes individualmente, mas também unem a comunidade de fé em um propósito comum. Através dos dons, a igreja pode cumprir sua missão de ser sal e luz no mundo, demonstrando o amor e o poder de Deus de maneira prática e transformadora¹⁰⁶.

1.3 Princípios bíblicos para o uso dos Dons Espirituais

Na tapeçaria divina da fé cristã, os dons espirituais são fios que tecem a unidade na diversidade, refletindo a complexidade e a beleza do Corpo de Cristo. A Bíblia, em sua sabedoria atemporal, nos ensina que cada dom, único em sua essência, é indispensável para o funcionamento harmonioso da igreja. Como os membros de um corpo, cada dom opera em sinergia com os outros, garantindo que a igreja cresça saudável e equilibrada¹⁰⁷.

A finalidade dos dons espirituais transcende a mera exibição de habilidades; eles são concedidos para a edificação da igreja e a realização dos propósitos divinos. A utilização desses dons deve ser pautada pela humildade e pelo amor, sempre visando o bem comum e refletindo o caráter de Deus. É um

¹⁰⁵ DISPONIVEL em: < <https://webebd.com/ipn/course/view.php?id=11>> Acesso em 03.07.2024.

¹⁰⁶ LOPES, Hernandes Dias. *Pregação Expositiva: Sua importância para o crescimento da igreja*. Editora Hagnos, 2019.

¹⁰⁷ SANTOS, Vanice dos; CANDELORO, Rosana J. *Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas*. Porto Alegre: AGE, 2006.

chamado para servir, não para ser servido, um convite para construir, não para se autopromover¹⁰⁸.

A ordem e o discernimento são pilares fundamentais no exercício dos dons espirituais. A Bíblia nos adverte sobre a necessidade de uma prática que esteja alinhada com a Palavra de Deus, evitando assim qualquer forma de abuso ou excesso que possa desviar o propósito divino. Tudo o que é feito deve edificar e fortalecer a comunidade de fé, promovendo um ambiente onde a paz e a sabedoria de Deus prevaleçam¹⁰⁹.

O papel do Espírito Santo é central na distribuição e no funcionamento dos dons espirituais. Não são frutos do esforço humano, mas manifestações da graça divina operando através dos crentes. O Espírito Santo, com Sua vontade soberana, equipa cada indivíduo com dons específicos que servem ao plano maior de Deus para a igreja e o mundo¹¹⁰.

Assim, o exercício dos dons espirituais é um ato de submissão e dependência do Espírito Santo. Somente Ele pode habilitar os crentes a utilizarem seus dons de maneira eficaz e alinhada com a vontade divina. É uma jornada de fé, onde cada passo é guiado pelo Espírito, cada decisão é inspirada pela oração e cada ação é um reflexo do amor de Deus. Ao nos rendermos ao Espírito Santo, permitimos que Ele nos molde e use nossos dons para a glória de Deus e o avanço do Seu reino na terra.

1.4 Os Dons Espirituais e a Vida da Igreja

Identificação, desenvolvimento e aplicação são etapas fundamentais no caminho espiritual dos crentes. A identificação dos dons espirituais é o início de

¹⁰⁸ SANTOS, 2006.

¹⁰⁹ VIEIRA, Raimundo Nonato. A revelação de Deus: conhecendo a Palavra de Deus na história. São Paulo: Editora Intersaberes, 2023.

¹¹⁰ SOARES, 2020.

uma jornada de descoberta interior, onde a introspecção, a oração e o discernimento desempenham papéis vitais. É um processo de escuta atenta à voz do Espírito Santo e de reconhecimento dos talentos únicos dados por Deus¹¹¹.

O desenvolvimento dos dons é um compromisso contínuo que envolve dedicação e esforço. O estudo diligente da Palavra de Deus, acompanhado de treinamento e prática, é essencial para o crescimento espiritual. Sob a orientação da liderança da igreja, os crentes são incentivados a aprofundar seus conhecimentos e habilidades, preparando-se para servir de maneira mais eficaz¹¹².

A aplicação dos dons em ministérios e serviços é a expressão prática do que foi identificado e desenvolvido. É o momento em que os crentes colocam em ação seus dons, contribuindo para o fortalecimento e a edificação da igreja local. Ao aplicar seus dons, os crentes não apenas cumprem seu papel no Corpo de Cristo, mas também promovem o crescimento coletivo e a unidade da comunidade de fé¹¹³.

Além dessas etapas, é importante enfatizar a interação e o apoio mútuo entre os membros da igreja. A colaboração e o compartilhamento de experiências enriquecem o processo de identificação, desenvolvimento e aplicação dos dons. A memorização por parte dos mais experientes pode oferecer visões valiosas e encorajamento aos que estão começando a explorar seus dons¹¹⁴.

Outro aspecto relevante é a avaliação contínua. Os crentes devem buscar feedback e orientação regularmente para garantir que seus dons estejam sendo utilizados conforme a vontade de Deus e para o máximo benefício da

¹¹¹ DISPONIVEL em: < <https://webebd.com/ipn/course/view.php?id=11>> Acesso em 03.07.2024.

¹¹² BEZERRA, Cícero Manoel. *Eclesiologia: igreja e perspectivas pastorais*. São Paulo: Editora Intersaberes, 2023.

¹¹³ CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2022.

¹¹⁴ BEZERRA, 2023.

comunidade. A reflexão e a autoavaliação são ferramentas importantes para ajustar e refinar o uso dos dons espirituais¹¹⁵.

Por fim, a oração constante é essencial para manter a conexão com Deus e a sensibilidade ao Espírito Santo. A vida de oração não apenas sustenta o crente em sua caminhada, mas também o mantém alinhado com os propósitos divinos. Através da oração, os crentes permanecem abertos à direção do Espírito Santo e prontos para responder ao seu chamado a qualquer momento¹¹⁶.

1.5 Dons Espirituais e a Maturidade Cristã

A maturidade espiritual dos crentes é um processo que se desdobra à medida que eles se aprofundam em sua fé e se tornam mais alinhados com a vontade de Deus. Essa maturidade é refletida não apenas na habilidade de reconhecer e utilizar os dons espirituais, mas também na manifestação do fruto do Espírito, que inclui amor, alegria, paz, paciência, gentileza, bondade, fé, mansidão e autocontrole, conforme descrito em Gálatas 5:22-23. Estes atributos são o verdadeiro sinal de que o ministério está sendo realizado com excelência e em consonância com o caráter de Cristo¹¹⁷.

Para evitar abusos e excessos no uso dos dons espirituais, é crucial exercê-los com humildade e amor, sempre em alinhamento com as Escrituras. A unidade da igreja deve ser fortalecida através dos dons, evitando divisões e conflitos, e mantendo a edificação do corpo de Cristo como foco principal¹¹⁸.

¹¹⁵ CONGAR, 2022.

¹¹⁶ COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

¹¹⁷ SOARES, 2020

¹¹⁸ DISPONIVEL em: < <https://webebd.com/ipn/course/view.php?id=11> > Acesso em 03.07.2024.

Além disso, é essencial buscar um equilíbrio entre o desenvolvimento dos dons espirituais e outras áreas da vida cristã, como o caráter pessoal, a comunhão e o crescimento espiritual. O amor deve ser a força motriz por trás de todos os dons, como enfatizado em 1 Coríntios 13, priorizando a caridade acima de tudo.

Os dons espirituais, concedidos pelo Espírito Santo, são instrumentos poderosos para a edificação da igreja e a realização da missão divina. Entender os princípios bíblicos que regem esses dons e aplicá-los segundo os ensinamentos das Escrituras é vital para o fortalecimento e crescimento do corpo de Cristo. É imperativo que os crentes se dediquem a identificar, aprimorar e empregar seus dons espirituais com sabedoria, humildade e amor, para que a igreja prospere e o nome de Jesus seja exaltado¹¹⁹.

2. A DOUTRINA CESSACIONISTA: ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS

A doutrina cessacionista é uma perspectiva teológica que propõe um olhar retrospectivo para os dons espirituais, vistos como ferramentas divinas temporárias, destinadas a estabelecer a igreja cristã primitiva. Segundo essa visão, após a era dos apóstolos e a formação do cânon bíblico, esses dons extraordinários, como falar em línguas e profetizar, teriam cumprido seu propósito¹²⁰.

Antes de nos aprofundarmos na doutrina cessacionista, devemos ressaltar que essa doutrina pode ser dividida em vários níveis, uma linha mais radical rejeita a manifestação dos dons de curar na igreja moderna, enquanto outra

¹¹⁹ BEZERRA, 2023.

¹²⁰ OLIVEIRA, Marcelo Moraes de. *A Patrística e os Dons Revelacionais.*, v. 2, São Paulo: Revista de Iniciação Científica FABAD, 2022, p.13.

defendem a cessação do dom de profecia exercido pelo profeta humano, mas aceitam a profecia contida nas Escrituras Sagradas¹²¹.

Sendo assim, historicamente o cessacionismo encontra suas raízes nos primeiros séculos do Cristianismo. Figuras como Agostinho de Hipona (Pai da teoria Cessação)¹²² observaram uma aparente diminuição dos dons espirituais, uma tendência que ganhou força durante a Reforma Protestante. Reformadores como João Calvino e Martinho Lutero reforçaram a ideia da suficiência das Escrituras, sem a necessidade de confirmação por meio de milagres ou profecias¹²³.

O reformador João Calvino, participante da doutrina cessacionista citado acima, defende uma cessação dos dons espirituais na igreja reformada, que as virtudes da graça visíveis e admiráveis através da imposição de mãos dos apóstolos na igreja primitiva não se perpetuou, apesar disso, Calvino assegura que a igreja na ficou desamparada por isso.

Mas estes milagres de virtudes e operações manifestas que se distribuíam pela imposição de mãos cessaram, e não podiam durar senão por algum tempo. Pois era conveniente que a nova pregação do Evangelho e o novo reino de Cristo fossem louvados e engrandecidos com milagres que jamais haviam sido vistos nem ouvidos. Mas, quando o Senhor fez que cessassem, nem por isso deserdou sua Igreja, mas ensinou que

¹²¹ NASCIMENTO, Misael Batista do. *Descobrendo Seu Lugar de Serviço no Reino de Cristo*. São Paulo: Curso Cristão Frutífero, 3ª ed., 2004, p.55.

¹²² “Pai da Teoria Cessação”, esse título é atribuído por Eddie Hyatt em sua obra “2000 Anos de Cristianismo Carismático: um olhar do século 21 na história da igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal”, que relaciona Agostinho como autor da doutrina do Cessacionismo, que se define pela visão cristã na qual se formula que parte dos chamados dons do Espírito Santo, apesar de terem sido de fundamental utilidade e importância nos primórdios da igreja cristã, cessaram de existir ainda no período da Igreja Primitiva.

¹²³ OLIVEIRA, 2022 p.6,

a magnificência de seu reino e a dignidade de sua Palavra estavam suficientemente demonstradas¹²⁴.

Do ponto de vista bíblico, os cessacionistas se apoiam em passagens como 1 Coríntios 13:8-10, onde Paulo fala sobre o fim do conhecimento parcial e dos dons espirituais, interpretando isso como um indicativo de que tais dons não seriam eternos. A frase "quando vier o que é perfeito" é frequentemente citada como referência à conclusão do cânon das Escrituras.

Além disso, a ausência de relatos consistentes de manifestações sobrenaturais ao longo da história da igreja, mesmo durante movimentos de avivamento, é vista como um sinal de que os dons espirituais não continuaram além do período apostólico¹²⁵.

A doutrina cessacionista também defende que os dons espirituais do Novo Testamento eram exclusivos dos apóstolos, servindo como credenciais divinas para autenticar sua mensagem e autoridade na ausência de um Novo Testamento formalizado¹²⁶.

O cessacionismo não poupa esforços ao defender e autenticar sua doutrina de cessação dos dons espirituais, quando essa só foi necessária para o lançamento dos fundamentos da igreja Primitiva, tomam base como a passagem de Atos dos Apóstolos 19.1-7, quando alguns discípulos anônimos em Éfeso profetizaram e depois disso não se ouviu falar mais deles nas Escrituras Sagradas, deixando

¹²⁴ CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã*: tomo II. São Paulo: Unesp, 2007, p. 848,

¹²⁵ RENOVATO, 2021,

¹²⁶ O *cessacionismo*, primeiramente, é a afirmação de que os dons do Espírito Santo mencionados no Novo Testamento cessaram, isto é, “foram dados somente durante a era apostólica como sinais para credenciar os apóstolos durante o estágio inicial de pregação do Evangelho”. Logo, ainda dentro do cessacionismo existe a afirmação de que os dons “mais miraculosos, tais como profecia, línguas e interpretação, e talvez cura e expulsão de demônios” cessaram com o fim da era apostólica. GRUDEM, Wayne A. *Teologia Sistemática*: atual e exhaustiva. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 873.

subentender que a manifestação do dom serviu somente para aquele propósito e não foi mais necessário devido a ocultação¹²⁷.

Outra discussão bastante interessante defendida pelo cessacionismo e que não poderia deixar de ser mencionada neste artigo, é a argumentação que os milagres, sinais e maravilhas se concentravam em momentos críticos, onde as necessidades desses fenômenos eram indispensáveis para a história da redenção¹²⁸.

A maioria dos milagres bíblicos aconteceu em três períodos relativamente breves da história bíblica: nos dias de Moisés e de Josué, durante os ministérios de Elias e de Eliseu e nos tempos de Cristo e dos apóstolos. Nenhum desses períodos durou muito mais do que cem anos. Em cada um deles, houve uma proliferação de milagres que não foram equiparados em outras eras. [...] A parte daqueles três intervalos, os únicos eventos sobrenaturais registrados nas Escrituras eram incidentes isolados.¹²⁹

Em síntese, o cessacionismo argumenta que os dons espirituais, conforme descritos no Novo Testamento, não são mais necessários nem esperados na prática da fé cristã contemporânea¹³⁰. Essa visão se baseia em interpretações específicas das Escrituras e na observação histórica da igreja, concluindo que os

¹²⁷ Segundo a tese de Gaffin, toda a atividade profética é atividade de deitar os alicerces. Mas se assim fosse, Paulo não teria falado da profecia como um dom outorgado a pessoas comuns “visando o bem comum” do corpo de Cristo (1Co 12.7-10)? Devemos acreditar que Paulo exortou todos os crentes, em todas as igrejas, a buscar com dedicação exercer significância fundamental para a igreja universal (1Co 14.1, 39) Pelo contrário, a profecia deve ser desejada porque seu propósito é comunicar revelação da parte de Deus que “encorajará” os desencorajados, “consolará” os desconsolados, e “fortalecerá” os fracos e indoutos (1Co 14.3). GRUDEM, Wayne A. Cessaram os dons espirituais? Ed. Vida, 2001, p. 83-84.

¹²⁸ Um dos grandes defensores dessa argumentação é John McArthur. GRUDEM, 2001, p. 193.

¹²⁹ SCHWARZ, Christian A. *O teste dos dons*. Paraná: Editora Esperança, 1997, p. 112.

¹³⁰ A pergunta do cessacionismo, portanto, não é se Deus continua operando milagres, mas se todos os fenômenos dos dons espirituais observados na igreja primitiva no NT são *normativos* para a totalidade da era da igreja. GRUDEM, 2001, p.104.

dons foram restritos a um período inicial de confirmação e estabelecimento da mensagem cristã, que após esse acontecimento, os dons não seriam mais necessários, pois já haviam cumprido seu propósito¹³¹.

3. A DOUTRINA CONTINUÍSTA: ASPECTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS

A doutrina continuísta, em oposição ao cessacionismo, defende que os dons espirituais não são relíquias do passado, mas presentes vivos e atuantes na igreja de hoje. Esta visão teológica vê os dons do Espírito Santo como ferramentas divinas permanentes, disponíveis para fortalecer e guiar os fiéis em todas as gerações¹³².

Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado. Estes sinais seguirão aos que crerem: em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas; pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e os sararão (MARCOS 16: 16-18).

Desde os primeiros dias do Cristianismo, a igreja testemunhou manifestações do Espírito Santo. Com o advento dos movimentos pentecostal e carismático, essa experiência se intensificou, reafirmando a crença na continuidade dos dons espirituais como parte integrante da fé cristã¹³³.

E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram

¹³¹ DISPONIVEL em: < <https://webebd.com/ipn/course/view.php?id=11>> Acesso em 03.07.2024.

¹³² DISPONIVEL em: < <https://webebd.com/ipn/course/view.php?id=11>> Acesso em 03.07.2024.

¹³³ SOUSA, Matheus Linnekan Nascimento de. *O Pentecostalismo na História da Igreja*. De Jerusalém à Azusa. São Paulo: Teologia em Revista-Revista Acadêmica da FAESP 2021, p. 40

sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas. Conforme o Espírito lhes concedia que falassem. (ATOS 2: 1-4).

Os continuístas se ancoram nas palavras de Jesus, que prometeu o Espírito Santo como companheiro eterno da igreja (João 14:16-17). Eles veem o derramamento do Espírito no Pentecostes (Atos 2) não como um evento isolado, mas como o início de uma era de poder espiritual contínuo. As exortações de Paulo aos coríntios (1 Coríntios 12-14) são interpretadas não como instruções temporárias, mas como um chamado perene para buscar e praticar os dons em benefício da comunidade de fé.

A posição Paulina também é defendida em Efésios 4.12, onde os dons espirituais têm a finalidade e o objetivo de aperfeiçoamento dos santos, e assim deste modo a edificação do Corpo de Cristo, dá a compreensão do processo gradativo de aperfeiçoamento dos santos, sendo assim, algo que ainda não foi finalizado¹³⁴.

A continuidade dos dons espirituais é apresentada no decorrer da história em vários períodos, a exemplo disso Tertuliano o mais conhecido entre os pais da igreja no terceiro século e conhecido como o “principal apologista”, nunca tenha mencionado a hipótese de um cessar dos dons espirituais¹³⁵.

Tertuliano demonstra, portanto, que no terceiro século os dons espirituais ainda eram comuns na igreja. Seu ponto de vista sobre a obra do Espírito Santo após o batismo é especialmente interessante sob a ótica do movimento pentecostal/carismático moderno, que também ensina que há um aumento de poder que se segue à conversão. Como outros

¹³⁴ GRUDEM, 2001, p.213.

¹³⁵ SOUSA, 2021, p. 41.

de sua era, Tertuliano não fornece nenhum indício de que esses dons viessem a cessar.¹³⁶

Segundo o historiador pentecostal Eddy Hyatt, alguns aspectos deram abertura para que a teoria cessacionista tomasse força e avançasse difundindo a argumentação do cessar dos dons espirituais, contribuíram para esse avanço os “teólogos modernos” que rejeitaram os dons espirituais, ocasionando um esquecimento dos dons espirituais numa época onde a história do Pentecostalismo não estava consolidada¹³⁷, portanto, restou ao próprio pentecostalismo aceitar esse desafio de consolidar a história da tradição pentecostal, e confrontar e derrubar as críticas de ser apenas um movimento periférico da ortodoxia cristã¹³⁸.

A doutrina continuísta valoriza a experiência pessoal com o divino e acredita que o Espírito Santo ainda hoje orienta e capacita os crentes. Os dons são vistos como manifestações do poder divino, essenciais para a missão da igreja no mundo¹³⁹.

Os dons espirituais são concedidos únicos e exclusivamente pela generosidade e bondade do Espírito Santo, não é algo realizado por nós, isso devemos ter em mente, a manifestações dos dons serve para o propósito do plano de Deus¹⁴⁰.

Os pentecostais são ávidos representantes da teoria continuístas, identificado em suas manifestações pulsantes dos dons espirituais, os

¹³⁶ HYATT, Eddie L. *2000 Anos de Cristianismo Carismático: um olhar do século 21 na história da igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal*. Natal: Editora Carisma, 2018, p. 15, p. 26.

¹³⁷ HYATT, 2018, p. 15.

¹³⁸ HYATT, 2018, p. 20.

¹³⁹ ALENCAR, 2022.

¹⁴⁰ ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*, 1ª ed., São Paulo: Vida Nova, 2018, p.842.

assembleianos são importantes representantes do continuísmo ou continuacionismo¹⁴¹.

O pentecostalismo é um campo do cristianismo que crê na literalidade dos atos miraculosos e sobrenaturais relatados na Bíblia Sagrada, além da contemporaneidade dos dons espirituais, que por sua vez, possibilita experiências espirituais para a atualidade, destarte Robert Menzies teólogo pentecostal sobre o “ser pentecostal”:

Todo cristão que crê que o livro de Atos fornece um modelo para a igreja contemporânea e, nesta base, incentiva todos os crentes a experimentar o batismo no Espírito (Atos 2: 4), entendido como capacitação para a missão, distinto da regeneração, que é marcado por falar em línguas, e afirma que “sinais e maravilhas”, inclusive todos os dons mencionados em I Coríntios 12: 8- 10 devem caracterizar a vida da igreja hoje¹⁴².

Segundo no Novo Dicionário de Teologia, a ausência das manifestações dos dons espirituais em muitas igrejas na atualidade, não podem servir de argumentação para a cessação dos dons, mas sim, a falta de desejar e orar por eles¹⁴³.

Assim a doutrina continuísta sustenta que os dons espirituais são uma promessa perpétua, fundamentada nas Escrituras e confirmada pela experiência da igreja ao longo dos séculos. Para os continuístas, esses dons não apenas

¹⁴¹ O *continuísmo* ou *continuacionismo* é a afirmação de que os dons do Espírito Santo são válidos para a Igreja dos dias atuais, e que estes dons ao longo da história da Igreja não desapareceram, ou seja, continuaram a manifestar-se por toda a história da Igreja. Embora não seja uma obra publicada pela CPAD, a *Teologia Sistemática* de Wayne Grudem afirma que o continuísmo é a alegação de que “todos os dons mencionados no Novo Testamento são válidos para serem usados na Igreja” GRUDEM, 2012, p. 873.

¹⁴² MENZIES, Robert. P. *Pentecostes: Essa história é a nossa história*. 1ª edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p.16.

¹⁴³ FERGUSON, Sinclar B. *Novo Dicionário de Teológico*. 1ª ed. São Paulo: Hagnos, 2020, p.315.

enriquecem a vida espiritual individual, mas são vitais para o crescimento e a eficácia da igreja universal¹⁴⁴.

4.1 A Importância Da Doutrina Continuísta para a Teologia Pentecostal.

A teologia pentecostal, com sua vibrante tapeçaria de fé, é profundamente enraizada na doutrina continuísta, que serve como o coração pulsante de suas práticas e crenças. Esta doutrina não é apenas uma teoria distante, mas uma realidade vivida que respira vida na experiência diária dos fiéis¹⁴⁵.

A experiência pessoal com o Espírito Santo é o fio dourado que percorre a vida pentecostal. Os crentes não apenas leem sobre os dons espirituais nas páginas da Bíblia; eles os vivenciam. Línguas, profecias e revelações não são meras histórias do passado, mas presentes que enriquecem o serviço e a comunhão na igreja de hoje¹⁴⁶.

Na adoração pentecostal, o sobrenatural se entrelaça com o cotidiano. Cura e milagres não são vistos como eventos isolados, mas como sinais da presença contínua de Deus. Essas manifestações são como as pegadas do Espírito, deixando marcas tangíveis de Sua passagem pela comunidade de fé¹⁴⁷.

A missão pentecostal é impulsionada por uma convicção: os dons do Espírito Santo são ferramentas divinas para o evangelismo. Eles não apenas falam, mas demonstram o poder de Deus, transformando palavras em ações que tocam corações e mudam vidas. O avivamento pentecostal é um rio de renovação espiritual que flui incessantemente. A doutrina continuísta é como a chuva que

¹⁴⁴ ALENCAR, Daniel Alcântara. *Pentecostal, Eu* São Paulo: Clube de Autores, 2022.

¹⁴⁵ ARAÚJO, Isael de. *História do movimento pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p.67.

¹⁴⁶ ARAÚJO, 2016, p.147.

¹⁴⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. “*Pentecostalismo e protestantismo*” histórico no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 9, n. 22, p. 504-533, 2011. p.511.

alimenta esse rio, encorajando os crentes a se abrirem para novas ondas do Espírito, renovando sua fé e prática¹⁴⁸.

O pentecostalismo carrega uma identidade única, marcada pela crença na operação contínua dos dons espirituais. Essa convicção não apenas define sua teologia, mas também molda a maneira como os pentecostais se movem e interagem com o mundo¹⁴⁹.

Em essência, a doutrina continuísta é o solo fértil no qual a teologia pentecostal floresce, nutrindo a igreja com uma fé que é tanto antiga quanto nova, tão histórica quanto imediata, tão bíblica quanto experiencial. É uma doutrina que não apenas olha para trás, para as raízes da fé, mas também para frente, para seu crescimento contínuo e sua expressão vibrante na vida dos crentes¹⁵⁰.

CONCLUSÃO

No panorama teológico contemporâneo, a discussão sobre os dons espirituais ocupa um lugar de destaque, refletindo a diversidade e a riqueza das tradições cristãs. A compreensão dos dons espirituais, fundamentada nas Escrituras, é uma jornada que atravessa séculos de reflexão e prática eclesial. Os textos bíblicos, repletos de referências aos dons como sabedoria, cura e profecia, são o ponto de partida para essa exploração, sublinhando a relevância desses dons na edificação da igreja e na expansão do evangelho.

A necessidade dos dons espirituais é incontestável no contexto da missão da igreja. Eles são ferramentas divinas que fortalecem a comunidade de fé, capacitando-a para o serviço e a evangelização. A prática dos dons, no entanto,

¹⁴⁸ CAMPOS, 2011 p. 515.

¹⁴⁹ ARAÚJO, 2016, p.147.

¹⁵⁰ ARAÚJO, 2016, p.82.

não é um fim em si, mas um meio para alcançar um propósito maior: a manifestação do reino de Deus na terra. A humildade, o amor e a submissão ao Espírito Santo são princípios que devem nortear o uso dos dons, assegurando que eles sejam exercidos em harmonia com a Palavra de Deus e sob a orientação da oração.

A vida da igreja é profundamente impactada pelos dons espirituais. As etapas de identificação, desenvolvimento e aplicação desses dons são essenciais para o crescimento individual e coletivo dos crentes. A colaboração e o apoio mútuo entre os membros da comunidade são aspectos cruciais que facilitam esse processo, promovendo um ambiente onde cada um pode florescer em seus dons e contribuir para o bem comum.

A maturidade cristã, por sua vez, é evidenciada pelo uso equilibrado dos dons espirituais e pela presença do fruto do Espírito. O amor, a alegria, a paz e os demais atributos listados em Gálatas 5 são marcas de uma vida espiritual saudável e de um ministério que reflete o caráter de Cristo. A unidade na igreja, sustentada pelo amor e pela humildade, é o verdadeiro teste de uma comunidade que vive e opera nos dons espirituais.

As doutrinas do cessacionismo e do continuísmo representam duas perspectivas distintas sobre a operação dos dons espirituais após a era apostólica. Enquanto o cessacionismo sustenta que os dons foram restritos a um período específico da história da igreja, o continuísmo defende que eles permanecem ativos e acessíveis aos crentes de todas as épocas. A doutrina continuísta, em particular, é de grande importância para a teologia pentecostal, pois enfatiza a experiência viva e dinâmica do Espírito Santo na vida dos crentes, na adoração e na missão da igreja.

Em conclusão, os dons espirituais são um legado precioso, concedido pelo Espírito Santo para equipar os crentes em sua caminhada de fé. A compreensão e a aplicação desses dons, alinhadas com os princípios bíblicos e a

tradição da igreja, são fundamentais para o fortalecimento da comunidade cristã e para a eficácia de sua missão no mundo. Que os crentes sejam diligentes em buscar, desenvolver e utilizar esses dons com sabedoria e amor, para que a igreja seja edificada e o nome de Jesus, seja glorificado em todas as nações.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Daniel Alcântara. *Pentecostal, Eu* São Paulo: Clube de Autores, 2022.

ARAÚJO, Isael de. *História do movimento pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: *informação e documentação: citações em documentos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2002(a).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: *informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002(b).

BEZERRA, Cícero Manoel. *Eclesiologia: igreja e perspectivas pastorais*. São Paulo: Editora Intersaberes, 2023.

BÍBLIA SAGRADA. *Traduzida em português por João Ferreira de Almeida*. Revista e Atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CALVINO, João. *A Instituição da Religião Cristã: tomo II*. São Paulo: Unesp, 2007.

CAMPOS, Leonildo Silveira. "Pentecostalismo e protestantismo" histórico no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 9, n. 22, p. 504-533, 2011.

- COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*. São Paulo: Editora Paulus, 2014.
- CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2022.
- DEVER, Mark. *Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- DISPONIVEL em: < <https://webebd.com/ipn/course/view.php?id=11> > Acesso em 03.07.2024.
- ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*, 1ª ed., São Paulo: Vida Nova, 2018.
- FERGUSON, Sinclair B. *Novo Dicionário de Teológico*. 1ª ed. São Paulo: Hagnos, 2020.
- GRUDEM, Wayne A. *Cessaram os dons espirituais?* Ed. Vida, 2001.
- GRUDEM, Wayne A. *Teologia Sistemática: atual e exhaustiva*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- HYATT, Eddie L. *2000 Anos de Cristianismo Carismático: um olhar do século 21 na história da igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal*. Natal: Editora Carisma, 2018.
- LOPES, Jorge. *O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.
- LOPES, Hernandes Dias. *Pregação Expositiva: Sua importância para o crescimento da igreja*. Editora Hagnos, 2019.
- MENZIES, Robert. P. *Pentecostes: Essa história é a nossa história*. 1ª edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- NASCIMENTO, Misael Batista do. *Descobrendo Seu Lugar de Serviço no Reino de Cristo*. São Paulo: Curso Cristão Frutífero, 3ª ed., 2004.
- OLIVEIRA, Marcelo Moraes de. *A Patrística e os Dons Revelacionais*, v. 2, São Paulo: Revista de Iniciação Científica FABAD, 2022.

REFIDIM. *Manual para a elaboração de trabalhos acadêmicos da Faculdade Refidim*. Joinville: Refidim, 2015.

RENOVATO, Elinaldo. *Dons Espirituais e Ministeriais: Servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário*. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; DA SILVA, Valmor (Ed.). *Dons e carismas na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTOS, Vanice dos; CANDELORO, Rosana J. *Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas*. Porto Alegre: AGE, 2006.

SOARES, Esequias. *O verdadeiro Pentecostalismo: A atualidade da doutrina bíblica sobre a atuação do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

SOUSA, Matheus Linnekan Nascimento de. *O Pentecostalismo na História da Igreja*. De Jerusalém à Azusa. São Paulo: Teologia em Revista-Revista Acadêmica da FAESP 2021.

SCHWARZ, Christian A. *O teste dos dons*. Paraná: Editora Esperança, 1997.

VIEIRA, Raimundo Nonato. *A revelação de Deus: conhecendo a Palavra de Deus na história*. São Paulo: Editora Intersaberes, 2023.

PARA UM MÉTODO TEOLÓGICO PENTECOSTAL

Fernando Albano¹⁵¹

RESUMO:

Este artigo vai na direção dos esforços recentes para se articular um método teológico pentecostal. Esta reflexão sugere que é muito promissora para a teologia pentecostal atual, utilizar ou desenvolver um método de correlação, de viés pentecostal, com evidente atitude dialogal com a filosofia e as ciências humanas em geral. Assim, o método teológico pautado pela correlação apresenta o potencial de cultivar no seio pentecostal um diálogo criativo com o mundo atual, superando desta maneira, posturas teológicas fundamentalistas e ensimesmadas, que tendem ao desprezo do conhecimento acadêmico e científico. Sendo assim, como metodologia desse texto, são consideradas as fontes da teologia pentecostal, que devem ser consideradas para a elaboração de uma metodologia teológica adequada à sua experiência e tempo presente. A conclusão sugere uma integração da espiritualidade pentecostal/carismática com o método da correlação, para se construir uma abordagem teológica pentecostal, que reúne de forma equilibrada, a revelação/Palavra de Deus, razão e experiência religiosa sob a norma do Evangelho e do Pentecostes.

Palavras-chave: Método teológico; pentecostalismo; correlação; teologia pentecostal.

¹⁵¹ Doutor em Teologia pelo Instituto de Pós-Graduação da Faculdades EST, São Leopoldo/RS. Professor de Teologia Sistemática na Faculdade Refidim, Joinville/SC. Contato: fernando@ceeduc.edu.br.

ABSTRACT:

This article goes in the direction of recent efforts to articulate a pentecostal theological method. This reflection suggests that it is very promising for current pentecostal theology to use or develop a method of correlation, with a pentecostal inclination, with an evident dialogical attitude with philosophy and human sciences in general. Thus, the theological method guided by correlation has the potential to cultivate within pentecostals a creative dialogue with the current world, thus overcoming fundamentalist and self-absorbed theological positions, which tend to disregard academic and scientific knowledge. Therefore, as a methodology of this text, the sources of pentecostal theology are considered, which must be considered for the elaboration of a theological methodology appropriate to its experience and present time. Finally, the conclusion suggests an integration of pentecostal/charismatic spirituality with the method of correlation, in order to build a pentecostal theological approach, which brings together in a balanced way, revelation/Word of God, reason and religious experience under the norm of the Gospel and Pentecost.

Keywords: Theological method; pentecostalism; correlation; pentecostal theology.

INTRODUÇÃO

A teologia cristã é um empreendimento rico e complexo que vem se desenvolvendo ao longo da história. Desde a Reforma do século XVI, surgiram novas abordagens teológicas e muitas denominações se multiplicaram. A teologia assumiu uma pluralidade de formas no século XX, principalmente diante dos desafios impostos pela Modernidade. Também, surgiram movimentos avivalistas, dentre eles o mais conhecido e impactante, ou seja, o pentecostalismo moderno. Assim, ampliou-se a complexidade do mundo cristão e, conseqüentemente do fazer teológico.

Surgiram teólogos no pentecostalismo comprometidos em fornecer as bases da teologia pentecostal, com propostas metodológicas compatíveis com a experiência e crenças pentecostais. Entre os mais notáveis podemos mencionar: Myer Pearlman, William Menzies, Roger Stronstad, Stanley Horton, Frank Macchia, Steven J. Land, Amos Yong, Bernardo Campos, Kenneth Archer e Craig S. Keener. Também, no contexto brasileiro, alguns reconhecidos nomes contribuíram (e contribuem) na direção de uma metodologia teológica pentecostal, tais como: Antonio Gilberto, Isael de Araujo, Esdras C. Bento, César Moisés Carvalho, Claiton Ivan Pommerening, Gutierrez F. Siqueira, Kenner Terra e David Mesquiati.

O pentecostalismo, convém destacarmos, é uma tradição teológica baseada no encontro com Deus através do Espírito Santo, manifestado em sinais e maravilhas, reconhecidos como evidência da presença redentora de Cristo, dirigindo os crentes e a história para o reino de Deus. A mensagem central do pentecostalismo é a salvação por meio de Jesus Cristo e o empoderamento dos crentes pelo Espírito Santo para a missão no mundo, conforme o paradigma de Pentecostes (At 2).

O objetivo deste artigo é explorar um método teológico pentecostal que inclua abordagens disciplinares reconhecidas, respeite a espiritualidade e a experiência pentecostais associadas a um método de correlação. Especificamente, sugerimos que o método da correlação pode ser adequado para a teologia pentecostal no cenário atual, caracterizado pela pluralidade e desafios de uma sociedade pós-moderna.

1. DEFINIÇÃO E FONTES DA TEOLOGIA

Antes de apresentarmos os detalhes para a formulação de um método teológico pentecostal, devemos primeiramente ter uma compreensão clara do que

é teologia. Em nossa sociedade em que o pluralismo desempenha um papel tão significativo, o termo “teologia” pode significar coisas diferentes para diferentes teólogos. Portanto, precisamos iniciar com uma definição de teologia.

O termo “teologia” deriva de dois substantivos gregos: *Theós*, que significa Deus, e do acusativo *logia* que significa “oráculo”, “dito” “fala”, “declaração” ou “tratado” (1Pe 4.11) .¹⁵² Em Lc 4.32, *logos* é traduzido como “palavra ou ensino” (Jo 4.41) .¹⁵³ Portanto, teologia em sentido direto é o discurso ou tratado sobre Deus.

Normalmente, associamos a teologia à questões abstratas, tais como: Deus pode ser um em três simultaneamente (Trindade) ? Como pode Cristo ser divino e humano? Porém, não podemos restringir a teologia apenas a questões acadêmicas ou técnicas. Se a teologia é um ensino edificante relacionado à Deus e toca questões de “vida e morte”, então os teólogos não podem perder de vista o aspecto prático e de ação que envolve os estudos teológicos.

Millard Erickson, conhecido teólogo conservador, apresenta as seguintes características da natureza da teologia cristã: a teologia é bíblica, é sistemática; é elaborada no contexto da cultura humana; a teologia é contemporânea e é prática.¹⁵⁴ Assim, como podemos perceber, a teologia como esforço humano de compreender a pessoa divina e sua vontade para a humanidade é tema complexo e apresenta muitas facetas.

Há pelo menos três quesitos justificáveis para a necessidade da Teologia: a) É um instrumento apologético eficaz na superação de ideias equivocadas do ponto de vista da fé cristã (1Pe 3.15) . b) Desenvolve o caráter e

¹⁵² RIENECKER F.; ROGERS C. *Chave lingüística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 566.

¹⁵³ GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do N. T.: grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 97.

¹⁵⁴ ERICKSON, Millard. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 16.

prepara pessoas para a tarefa do ministério cristão. E, c) O conhecimento doutrinário é uma parte necessária da preparação de quem ensina a fé cristã (2Tm 2.15). Para Wolfhart Pannenberg, a teologia projeta um modelo “de mundo, ser humano e história como fundamentados em Deus”.¹⁵⁵ Caso for consistente, esse modelo pode ser relevante e amparar a vida de muitas pessoas e, principalmente, servir à causa do Evangelho. Portanto, o trabalho teológico, bem como sua sistematização se torna necessário, não apenas por uma questão teórica e acadêmica, mas, sobretudo, por uma questão existencial e de salvação. Ou seja, por conta do dilema humano de encontrar o fundamento último de sua existência e de seu mundo.

Tendo definido a teologia e compreendido sua necessidade, ainda que de maneira abreviada, é preciso considerarmos agora as fontes da teologia, antes de descrevermos o método propriamente dito. Porém, cabe ressaltarmos que, nem todas as possíveis fontes da teologia podem ser analisadas no escopo deste artigo, assim, nos ocuparemos com as que julgamos mais importantes para a teologia pentecostal, a saber: a revelação/Escuritura, a razão e a experiência.

1.1 Revelação/Escuritura

A teologia pentecostal deve começar com a Escuritura Sagrada, pois trata-se da fonte da qual derivam todas as crenças cristãs e é a autoridade final que determina o que a Igreja acredita. A Escuritura é considerada pela fé pentecostal a própria Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo. Segundo a *Declaração de Fé* das Assembleias de Deus no Brasil, “a Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus, única revelação escrita de Deus dada pelo Espírito Santo, escrita para a humanidade e que o Senhor Jesus Cristo chamou as Escurituras Sagradas de a

¹⁵⁵ PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009. p. 97.

‘Palavra de Deus’”.¹⁵⁶ Toda a Escritura é inspirada pelo Espírito Santo e, portanto, é nossa única regra de fé e prática. Os dois principais propósitos das Escrituras Sagradas são revelar o próprio Deus e expressar a sua vontade à humanidade.¹⁵⁷

As Escrituras também são acolhidas pelo pentecostalismo como revelação pessoal e propositiva de Deus. Como disse Erickson, sendo a Escritura uma reprodução confiável da revelação, também é “revelação por derivação e tem o direito de assim ser chamado.”¹⁵⁸ Entretanto, o que entendemos por revelação? Como Deus se revela? Os pentecostais partem do pressuposto que Deus é acessível por meio da Sua revelação. Esta deve ser acolhida mediante uma experiência de encontro com Deus no Espírito. Trata-se daí de um conhecimento relacional e não um conhecimento de ordem meramente teórica ou especulativa.

A revelação refere-se a pessoas, objetos, ou qualquer coisa que esteja oculta e que possa ser conhecida ou trazida à luz. Significa literalmente “tirar o véu”, trazer ao conhecimento o que estava oculto. De acordo com a fé cristã, Deus é conhecido somente através da sua autorrevelação por intermédio de Jesus Cristo no Espírito Santo. À parte da sua iniciativa em se autorrevelar, Deus não poderia ser conhecido pelo ser humano.

Na revelação, Deus permite que o crente compreenda seus propósitos (Dt 4:29; Jr 33:3). Isso é necessário, pois, após a entrada do pecado no mundo, vemos o ser humano em um estado de ignorância e alienação em relação a Deus (Gn 3:1-10; 6.5; Sl 58:3; At 17:23-30; Ef 2:1-3). Segundo Paulo: “*Não há quem entenda, não há quem busque a Deus*” (Rm 3:11). Deus é, antes de tudo, o sujeito transmissor do conhecimento ao ser humano, e só pode tornar-se

¹⁵⁶ SILVA, Ezequias Soares da. (Org.) *Declaração de fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 25.

¹⁵⁷ SILVA, 2017, p. 26-27.

¹⁵⁸ ERICKSON, Millard. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 184.

objeto de estudo do mesmo à medida que este assimila e reflete o conhecimento transmitido pela revelação.

Para que o discurso teológico seja verdadeiro deve, portanto, partir do “discurso autorizado pelo próprio Deus”, e, este encontra-se nas Escrituras. Estas devem ser lidas e interpretadas pela Igreja, e, para tanto precisa da iluminação do Espírito Santo. Sendo assim, vamos em seguida ver sobre o papel do Espírito Santo na interpretação da Bíblia.

O Espírito Santo e a interpretação das Escrituras

Para a teologia pentecostal, o Espírito Santo deve estar envolvido no processo de interpretação das Escrituras. Afinal, a obra do Espírito não terminou quando a última carta do Novo Testamento foi escrita. Antes pelo contrário, o Santo Espírito trabalha ao longo da história, orientando os teólogos da Igreja, quanto à formação do cânon e assegurando a transmissão adequada da Bíblia a partir dos autógrafos originais.

Reconhecemos o trabalho do Espírito Santo no curso da história, até os dias atuais. Historicamente, Deus se revela ao povo, tanto através de atos, quanto de palavras. Assim, O Espírito preserva essas tradições, primeiramente orais e, em seguida escritas, conforme o Espírito também inspirou os autores envolvidos na construção dos textos bíblicos. Estes foram aceitos como normativos para a fé da Igreja. Podemos afirmar que o Espírito através do processo de canonização, orientou na aceitação e reconhecimento dos textos bíblicos pela Igreja.

Atualmente, o Espírito Santo ilumina a mente e o coração do leitor para receber o significado do texto bíblico. Além disso, o Espírito Santo também nos permite aplicar essas coisas ensinadas em nossa vida. De fato, o auxílio do Espírito é imprescindível para uma correta interpretação das Escrituras, por conta da sua natureza.

A Escritura é um livro espiritual que foi “inspirada por Deus”. Assim, nós não somos capazes de acreditar verdadeiramente, sem o testemunho interior do Espírito Santo, quanto à sua autenticidade. Higgins escreveu:

Não somente foi o Espírito Santo responsável por registrar a mensagem da salvação que se acha nas Escrituras, mas também dá testemunho da veracidade destas. Posto que Deus haja falado na Bíblia ao gênero humano, agora o Espírito tem de convencer as pessoas quanto a isso.¹⁵⁹

Apesar da Escritura apresentar autoridade em si mesma, o fato é que ela somente faz sentido e se torna normativa para aquele que experimenta o testemunho do Espírito Santo. Reconhecemos que a humanidade é pecaminosa, enquanto que a Bíblia é santa. A natureza depravada do ser humano deve ser reconhecida. As palavras do apóstolo Paulo aos coríntios são instrutivas nesse particular: “*Mas quem não tem o Espírito de Deus não pode receber os dons que vêm do Espírito e, de fato, nem mesmo pode entendê-los. Essas verdades são loucura pra essa pessoa porque o sentido delas só pode ser entendido de modo espiritual*” (NTLH). Desse modo, como disse Higgins: “Sua única esperança para receberem o entendimento espiritual, ou para perceberem a verdade da parte de Deus, é a iluminação do Espírito (Ef 1:18; 1 Jo 5:20)”.¹⁶⁰ O pecado tem destruído a nossa capacidade de fazer o bem (Rm7:13-25). Portanto, sem a obra de regeneração e iluminação do Espírito, não podemos ouvir a palavra de Deus no texto bíblico.

Entendemos que o objetivo do texto bíblico é o de transformar a vida do homem e da mulher, tanto em nível individual quanto comunitário. Deus por meio da sua Palavra, intenta aprofundar nossa relação com sua vontade. Logo, não se deve fazer teologia por mero interesse histórico ou literário, mas para efeito de

¹⁵⁹ HIGGINS, John R. A palavra inspirada de Deus. In: HORTON, Stanley. *Teologia sistemática*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 117.

¹⁶⁰ HIGGINS, 2008, p. 118.

conhecimento de Deus, para a transformação de vidas e edificação da Igreja de Cristo. Para isso ser possível é necessário o ministério do Espírito junto ao trabalho teológico. É a ação transformadora do Espírito Santo, que persistentemente luta conosco e impede que nossas interpretações e produções teológicas sejam apenas projeções de nossos desejos e ambições intelectuais.

1.2 Razão

A razão ocupa importante papel na construção de um sistema teológico, e, não deveria ser diferente na teologia pentecostal. Contudo, tem havido e ainda há muitas dificuldades e controvérsias em torno do papel da razão no método teológico pentecostal. Durante muito tempo os pentecostais apresentaram profundas desconfianças em relação à razão. Não é difícil de compreendermos essa dificuldade se lembrarmos que o pentecostalismo surgiu no início do século XX, em um período em que as igrejas estavam se sentindo ameaçadas pelo liberalismo teológico, que marcava os seminários da Europa e Estados Unidos. Assim, o pentecostalismo, com sua ênfase na experiência e na dimensão emocional da espiritualidade, de alguma forma, foi uma resposta crítica à ênfase racionalista defendida pelos liberais.

Em se tratando mais especificamente do pentecostalismo brasileiro, contribuiu de maneira decisiva para uma postura anti-intelectual, o fato da precariedade educacional no Brasil e o baixo nível educacional de muitos pentecostais. Assim, o resultado foi uma teologia de natureza mais bíblica, narrativa e experiencial, com pouco diálogo com a filosofia e outras áreas do conhecimento humano.¹⁶¹

¹⁶¹ Claiton Pommerening em sua tese de doutorado, analisa com profundidade acerca da desconfiança pentecostal em torno do uso da razão na prática e teologia pentecostal. Cf. POMMERENING, Claiton. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. Tese [Doutorado em Teologia] – Programa de Pós-Graduação em Teologia, EST, São Leopoldo, 2015.

Contudo, segundo a Escritura, fomos feitos à “*imagem e semelhança de Deus*” (Gn 1:27) , portanto, sendo Deus racional e sábio, a semelhança nossa com Ele, certamente inclui a nossa capacidade intelectual. Consequentemente, fazer uso da razão para acolher a revelação divina não se constitui, em si, qualquer erro. Aplicar a razão ao conteúdo bíblico, conhecendo o ambiente social e econômico em que surgiram os escritos da Bíblia, entre outros, têm se mostrado mais do que útil para se compreender a revelação de Deus. Portanto, a razão é de grande auxílio na produção do método teológico.¹⁶² Os pentecostais na atualidade não deveriam rejeitar essa premissa fundamental.

Mas, nos termos de um método teológico pentecostal, como devemos entender a razão? Entendemos a razão dividida em duas formas: no seu aspecto instrumento/técnico e a razão “iluminada”. A primeira é a razão que produz o conhecimento técnico, acadêmico e científico. Já a razão iluminada é a razão extática, isto é, a razão iluminada pelo Espírito Santo que lhe permite acessar realidades espirituais e receber os conteúdos da fé (Rm 8:5; 1 Co 2:13-16) . Em ambos os casos a razão não produz os conteúdos teológicos e/ou revelados, apenas é capaz de ser aberta à sua recepção existencial.

Embora a racionalidade iluminada pelo Espírito seja fundamental para o labor teológico pentecostal, não se pode desprezar a racionalidade lógica humana. Certamente que, a teologia necessita da lógica formal tanto quanto qualquer outra ciência. Afinal, a teologia quer ser a ciência da fé, a transmissão de conhecimentos ordenados e sistemáticos e, portanto, a lógica é inerente a esse processo.

Apesar do cuidado necessário para que não venhamos a cair em racionalismo teológico, na realidade quando a teologia afirma ser possível

¹⁶² RAILEY, James H.; AKER, Jr. Benny C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, Stanley. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 49.

conhecer a Deus mediante a revelação, a razão não fica de maneira nenhuma anulada, porque sem razão não poderíamos discernir o que Deus está comunicando. Sem razão não poderíamos acolher a revelação nem interpretar nada. Portanto, a fé precisa da razão; mesmo que nossa tradição teológica pentecostal defenda as experiências espirituais, precisamos (quer queiramos ou não) utilizar a razão técnica para interpretar, para nós mesmos e para os outros, o que essas experiências significam e como estão fundamentadas nas Escrituras.

1.3 Experiência e narrativa

Outras fontes importantes da teologia pentecostal são a experiência e a narrativa. Vamos analisar para fins didáticos, cada uma delas separadamente, ainda que na prática essas fontes estejam frequentemente unidas no pentecostalismo.

O que exatamente nós pentecostais queremos dizer com o termo “experiência”? Em princípio, a experiência refere-se ao encontro com Deus por meio do Espírito Santo, a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, conforme registrado nas Escrituras e manifestado no dia de Pentecostes em sinais e maravilhas carismáticas. O apelo à experiência que os pentecostais enfatizam repetidamente exige mais do que a crença na possibilidade de uma experiência com Deus, antes, exige a experiência em si. Em outras palavras, para os pentecostais é um tipo particular de experiência (não a ideia da experiência como tal) que constitui a base para o surgimento de uma teologia pentecostal. Trata-se de um conjunto particular de experiências em torno do encontro imediato com o Espírito Santo, a saber: conversão, santificação, batismo do Espírito Santo, cura divina e o senso de chamado divino.

Pommerening, teólogo pentecostal, expressa bem a valorização da experiência no pentecostalismo:

A experiência com o Espírito Santo deveria permear todo e qualquer fazer teológico pentecostal e neste sentido é mais importante que a própria teologia em si, caso contrário produzirá teólogos e alunos frios com uma teologia estéril que não satisfaz às demandas da vida e das próprias exigências do Espírito.¹⁶³

Porém, essa ênfase na experiência com o Espírito Santo, não deve ser mal entendida, como se os pentecostais rejeitassem ou negligenciassem a teologia racional e teórica. Em vez disso, a insistência é na vivência da teologia bíblica e, como tal, um padrão no fazer teológico. A principal ideia aqui, é que a teologia não pode existir meramente como “teoria sobre Deus”, sem ser praticada. Em seu enfoque na práxis, a teologia pentecostal, a experiência e a narrativa passam do âmbito privado e individual para a vida pública.

Douglas Jacobsen defende que a experiência é somente um aspecto da fé pentecostal porque desde os primórdios do pentecostalismo, experiência e teologia tem estado juntos, e a relação tem sido sempre recíproca. A experiência religiosa foi uma dimensão crucial desde as origens do movimento pentecostal, mas foi experiência guiada pela verdade teológica. A experiência sozinha foi considerada perigosa para a fé.¹⁶⁴ Jacobsen cita duas importantes referências pentecostais para ilustrar suas declarações: Lewi Pethrus e Charles Parham. O sueco Pethrus teve uma experiência mística acompanhada pelo falar em línguas em 1902. Posteriormente, interpretou sua experiência à luz do reavivamento em Los Angeles e passou a se autodenominar de pentecostal. Para ele, a linguagem

¹⁶³ POMMERENING, Claiton Ivan. Fragmentos de uma teologia do Espírito para o pentecostalismo clássico. In: *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, 2014. v. 2. p. 466.

¹⁶⁴ JACOBSEN, Douglas G. *Thinking in the Spirit: the theologies of the early pentecostal movement*. Bloomington: Indiana University Press, 2003. p. 2-3.

teológica surge como segundo momento, como algo que ajuda na interpretação da experiência vivida.¹⁶⁵

Outro exemplo, da relação entre experiência e teologia nos primórdios do pentecostalismo procede de Charles Parham e sua Escola Bíblica Betel em Topeka, Kansas. Durante o ano de 1900, e baseado em sua leitura da Bíblia, Parham veio a concluir que sempre que o batismo no Espírito Santo ocorre, este será confirmado pela evidência física do falar em línguas. Parham fez desta doutrina teológica o eixo central do currículo da sua escola, e encorajava seus estudantes a buscarem a concretização em suas vidas do batismo no Espírito, conforme prometido pelo texto bíblico. Seus estudantes aceitaram a provocação feita pelo professor e aguardaram pela experimentação do batismo. Durante o início de 1901, onze estudantes alegaram ter feito a experiência do Batismo no Espírito Santo com a evidência das línguas estranhas.¹⁶⁶ Assim, Parham interpretou a experiência dos seus estudantes como uma comprovação da verdade de sua teologia. Portanto, segundo Jacobsen:

Se experiência precede a teologia (como foi o caso com Lewi Pethrus) ou teologia precede a experiência (como foi o caso com os estudantes de Parham no Bethel Bible College), o ponto básico é o mesmo: Teologia e experiência influenciaram-se profundamente dentro do movimento pentecostal.¹⁶⁷

Sendo assim, o pentecostalismo, tentaria integrar tanto a experiência quanto a doutrina. A experiência religiosa encontra seus limites em alguns elementos doutrinários herdados do protestantismo histórico, como por exemplo, a consideração pela Bíblia como palavra de Deus, também como regra de fé e

¹⁶⁵ JACOBSEN, 2003, p. 4.

¹⁶⁶ JACOBSEN, 2003, p. 3-4.

¹⁶⁷ Tradução própria. “*Whether experience preceded theology (as was the case with Lewi Pethrus) or theology preceded experience (as was the case with Parham’s students at Bethel Bible College), the basic point is the same: Theology and experience deeply influenced each other within the pentecostal movement.*” JACOBSEN, 2003, p. 5.

prática, acima de qualquer experiência. Lima, teólogo pentecostal, corrobora: “Nem profecia, nem sonho, nem revelação, nem experiência pessoal; por mais impactantes que sejam, têm autoridade semelhante ou superior à Bíblia Sagrada”.¹⁶⁸

1.3.1 Narrativa pentecostal

A teologia pentecostal está presente de modo efetivo nas canções, testemunhos e narrativas e, portanto, não no formato de extensos tratados de perfil filosófico. Evidentemente que outras tradições cristãs também têm feito uso de canções, pregações e testemunhos para comunicar sua teologia, mas no caso pentecostal, por conta de sua tradição oral, estas formas de expressão acabam prevalecendo.

A teologia narrativa entende que a linguagem mais adequada para expressar a relação entre Deus e o ser humano são as histórias de fé. Estas narrativas partem de experiências que as personagens bíblicas tiveram com Deus. A linguagem narrativa seria a linguagem essencial da Bíblia. A narrativa expressa mediante as canções, ritos litúrgicos, sermões e principalmente a narrativa de conversão, testemunhos se constituem num processo contínuo de formação da identidade da comunidade de fé.

É amplamente aceito que a oralidade, o caráter intuitivo da teologia, fortemente apoiada na experiência religiosa, são características pentecostais. Estas

¹⁶⁸ LIMA, Elinaldo Renovato de. *Lições bíblicas*. O Deus do livro e o livro de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. (4º Trimestre), p. 83. Segundo Railey e Aker: “[...] as experiências variam entre si, e nem sempre se pode discernir com clareza suas origens. Uma fonte fidedigna de autoridade deve estar além dos aspectos variáveis que marcam a experiência; deve até mesmo ter a competência para contradizer e corrigir a experiência se necessário for. Não é fidedigna a experiência isolada e que se arvora como fonte de autoridade para mediar a revelação de Deus”.

se assemelham com os traços da proposta da narratividade.¹⁶⁹ Por outro lado, defendemos que a teologia pentecostal não pode permanecer na pura narratividade, pois então a teologia abdicaria da sua dimensão de *logos* da fé e ficaria apenas no âmbito do irracional e da experiência.¹⁷⁰ O teólogo Dietrich Ritschl corrobora este raciocínio ao escrever:

Naturalmente, em última análise, não somos dispensados de derivar resumos das *stories* percebidas e ouvidas e de formar conceitos por meio dos quais os resumos podem ser enquadrados e explicados de modo pertinente. Comunicação entre seres humanos nem sequer seria possível ou apenas de modo muito incompleto se quiséssemos renunciar completamente a resumos e conceitos. Muito menos seria possível uma ciência sem eles; pois ela opera com resumos de acontecimentos (ou do que foi narrado) e com grupos de conceitos que, como teorias, possibilitam explicações.¹⁷¹

Logo, a racionalidade e conceituação são inerentes ao trabalho teológico (como ciência da fé), e, como tal sistematiza, ordena, estabelece reflexão e relações teóricas, que de fato transcendem a mera narração de testemunhos de fé (embora legítimos em si). Também, como vimos, desde os esforços teológicos de nossos pioneiros pentecostais, fé e razão, narrativa e racionalidade andavam de mãos dadas.

1.3.2 A norma da teologia pentecostal

Após termos visto brevemente em que consiste as fontes da teologia pentecostal, nesse momento temos que definir um critério (ou, tema hermenêutico central) pentecostal ao qual tanto as fontes como a experiência mediadora devem

¹⁶⁹ CARVALHO, César Moisés. A narrativa como um caminho hermenêutico para uma teologia pentecostal do Espírito Santo. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 5, n. 2, p. 09-22, jul./dez. 2014. p. 9-22).

¹⁷⁰ RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 296-299.

¹⁷¹ RITSCHL, Dietrich. O conceito de “*story*” na ética da saúde. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 65-82, 2007. p. 77.

se submeter. Segundo Erickson cada “teólogo precisa decidir-se sobre um tema particular que lhe seja de grande importância e utilidade na abordagem teológica geral. [...] Ele conferirá unidade ao sistema e, assim, força à sua transmissão”.¹⁷²

A questão da norma ou critério da doutrina cristã surgiu muito cedo na história da Igreja. Ela assumiu uma resposta material e uma formal. No aspecto material, a Igreja criou um credo com a confissão de Jesus como o Cristo sendo central. No aspecto formal, a Igreja estabeleceu uma hierarquia de autoridades (bispos, concílios, etc.) que deviam salvaguardar a norma contra as heresias.

Posteriormente, a questão da norma no fazer teológico se tornou necessária no protestantismo. Isto ocorreu em um contexto de flagrante perda do prestígio das autoridades eclesiais. Lutero criticou o sistema religioso romano com a norma material da “justificação através da fé” e a Escritura em interdependência mútua. Calvino fez da soberania de Deus a base de sua teologia.

No protestantismo moderno a norma da teologia sofreu novamente modificações, porque se alteraram o contexto histórico e cultural. Assim, a norma prevalecente no contexto da modernidade foi a imagem do Jesus “sinótico”, representando a pessoa humana ideal (ética) .

No pentecostalismo atual, o teólogo peruano Bernardo Campos, propõe o princípio da pentecostalidade como a norma da teologia pentecostal.¹⁷³ Kenneth Archer, teólogo norte-americano, sugere o “Espírito, a Escritura Sagrada e a comunidade de fé” como princípios normativos para o método teológico pentecostal.¹⁷⁴

Enfim, poderíamos mencionar muitos outros exemplos de diferentes normas utilizadas na teologia, sobretudo contemporânea, mas, esperamos que

¹⁷² ERICKSON, 2015, p. 80.

¹⁷³ CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo: Recriar, 2018.

¹⁷⁴ ARCHER, Kenneth J. *A pentecostal hermeneutic: Spirit, scripture and community*. Cleveland: CPT Press, 2009.

tenha ficado claro a respeito da necessidade da norma na produção teológica, assim como dos ajustes na norma integradora. Tudo isso é comum no trabalho teológico, pois faz parte do processo de contextualização da teologia.¹⁷⁵

A partir da tradição teológica do pentecostalismo, consideramos como a norma da sua teologia o conhecido “evangelho quártuplo” (Jesus salva, Jesus santifica, Jesus batiza no Espírito Santo, Jesus cura e Jesus em breve voltará) e o evento de Pentecostes.¹⁷⁶ Estes princípios pentecostais são derivados da Bíblia, especialmente dos Evangelhos e de Atos dos Apóstolos. À luz desta norma os pentecostais podem interpretar as Escrituras Sagradas, correlacionando-as com a sua experiência do Espírito de Deus. Portanto, a teologia pentecostal é de caráter predominantemente cristocêntrico e pneumatológico.

Também, cremos que, a norma pentecostal, apoiada nos cinco aspectos cristológicos e na experiência do Espírito, conforme Pentecostes, podem dialogar bem com uma abordagem teológica correlacional. Por exemplo, se Jesus salva e cura, cabe identificarmos a condição de perdição humana, bem como as condições de doenças das quais o ser humano precisa ser salvo e curado. Já com Pentecostes, aprendemos que o poder do Espírito, do qual foram investidos os discípulos veio como resposta à problemática da impotência e temores da comunidade cristã, frente à perseguição judaica e romana, bem como diante do desafio da pregação do Evangelho (Lc 24:48-49; At 1:8; 2). Logo, fica evidente a lógica da correlação, entre a resposta de Deus às questões que marcavam a Igreja primitiva. Defendemos que essa lógica da correlação pode ser aplicada perfeitamente ao método teológico pentecostal. É disto que trataremos no que se segue.

¹⁷⁵ ERICKSON, 2015, p. 81.

¹⁷⁶ YONG, Amos. *In the days of Caesar: pentecostalism and political theology*. Grand Rapids: Eerdmans, Sacra Doctrina: Christian Theology for a Postmodern Age Series, 2010. p. 121.

2. O MODELO CORRELACIONAL

Na primeira seção deste texto, apresentamos uma definição de teologia e defendemos que a Bíblia é o ponto de partida para se fazer teologia. Em seguida, apontamos para as fontes a serem usadas como entradas para a tarefa teológica e fizemos uma sugestão de norma hermenêutica para o labor teológico. Agora chegou o momento de apresentar o processo real a ser usado no método teológico pentecostal.

Com o termo “método” queremos designar um encaminhamento pelo qual se obtém um certo resultado. Ou, pode ser entendido como um conjunto de procedimentos utilizados para chegar ao alvo almejado.¹⁷⁷ Nosso alvo principal é servir à Palavra de Deus e à nossa comunidade de fé em nosso tempo; contribuir para a proclamação do Evangelho no mundo, pois, afinal, este é “*o poder de Deus para a salvação de todo o que crê*” (Rm 1:16). Sendo assim, o método em teologia pentecostal que pretendemos apontar é um método de correlação, pois compreendemos que a correlação entre o mundo da Bíblia e o nosso mundo é o papel essencial do esforço teológico.¹⁷⁸

Essa correlação existe e pode ser discutida porque Deus é o autor tanto da revelação geral (incluindo a lei moral), que traz a consciência do pecado e

¹⁷⁷ DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1996. p. 324.

¹⁷⁸ *Método da correlação*. Quem bem utilizou este método em seu labor teológico, foi o conhecido teólogo Paul Tillich. Para ele, a teologia cristã deve começar pelas perguntas que as pessoas estão fazendo, para em seguida, ir para as fontes cristãs, ou seja, a Bíblia, a teologia e o pensamento cristão, caso contrário, seria como se a Igreja lançasse “pedras nas cabeças das pessoas”. Para ajudar na identificação dessas perguntas que inquietam a alma humana, a filosofia e as ciências humanas em geral, têm um papel fundamental. Daí, a ideia de correlação entre as questões humanas com a revelação divina (respostas de Deus). Para saber mais, confira: TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 7. ed. São Leopoldo: Faculdades EST/Sinodal, 2005.

contribui para a formulação das perguntas, e a revelação especial (centrado no Evangelho), que traz as soluções e respostas. Há correlação porque a revelação de Deus apresenta dois aspectos, a saber: a revelação original e a revelação dependente. A primeira encontra-se nas páginas da Bíblia, com a descrição da experiência direta que homens e mulheres tiveram com Deus e que ficaram registradas nas Escrituras Sagradas. Já a revelação dependente, é de natureza secundária, *a posteriori*, ou seja, feita por nós em nosso tempo e lugar. Ou, como escreve Roger Haight:

A revelação original situa-se na fonte da tradição religiosa e acha-se codificada nas Escrituras. A revelação dependente, por sua vez, é a contínua comunicação e recepção da revelação na comunidade. Conquanto dependente, ou seja, embora constitua uma recepção da tradição, a revelação dependente é, ao mesmo tempo, uma experiência existencial e histórico-social. A revelação sempre é recebida e experienciada agora, no interior da consciência humana em um dado momento qualquer.¹⁷⁹

Consequentemente, a revelação original funde-se com as questões de nosso tempo e lugar, com isso a revelação de Deus é “colorida” por nossa recepção da revelação divina. Isto não significa a perversão da Palavra de Deus, ou torná-la refém de nossa subjetividade, como diriam alguns, muito menos afirmar com os neo-ortodoxos de que a Palavra de Deus é um mero acontecimento, e, portanto, não era realidade até o encontro com a nossa existência e recepção em fé. Nada disto! Antes, pretendemos afirmar que é inevitável a dimensão da recepção da revelação divina por nossa parte, logo, temos aqui a dimensão experiencial, de encontro com a revelação divina, hoje.

A face experiencial e receptiva da revelação são bem expostas pelos teólogos pentecostais James Railey e Benny Aker. Eles ao discorrerem sobre os “fundamentos teológicos” do pentecostalismo, mencionam a importância de possuímos um conceito claro de religião. Segundo os eruditos, a teologia sistemática deve partir da natureza da religião. Portanto, é justamente a partir

¹⁷⁹ HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 213.

desse esforço de levar em conta a religião, para em um segundo momento se elaborar uma teologia sistemática, que podemos perceber algumas pistas da necessidade de um método de correlação na teologia.¹⁸⁰

De acordo com Railey e Aker, “os seres humanos, de modo geral, reconhecem que existe algo, ou alguém, além de si mesmos. E que, um dia, serão chamados a prestar contas diante desse alguém”.¹⁸¹ Ainda mais: “O anseio do ser humano, quer individual quer coletivo, não deve ser desconsiderado nem tido de forma negativa”.¹⁸² Contudo, como observam Railey e Aker, a religião, como a busca do ser humano por Deus, porém, não consegue fornecer alguma resposta satisfatória e, nesse sentido “a religião acaba por frustrar-se”. Mas, de fato, há pontos positivos nisso tudo: a busca por Deus e a pergunta pelo sentido da vida humana. Os referidos teólogos comentam sobre essa verdade: “Essa frustração, entretanto, não é o fim da história, uma vez que as pessoas começam a ter um senso de futilidade - o solo fértil onde germina e cresce o acolhimento da revelação divina”.¹⁸³

Dessa maneira, a religião como busca e pergunta por Deus torna-se um ponto de contato, ou, na expressão dos teólogos: o “solo fértil” onde-se acolhe a revelação de Deus (resposta) . Assim, temos aqui, o método de correlação entre os dois polos, a saber, a pergunta (busca) e a resposta (revelação) . A resposta não faria sentido, sem a pergunta. Por outro lado, há pergunta porque existe uma resposta em Deus.

Também vemos o método de correlação nas entrelinhas dos “fundamentos teológicos” propostos por Railey e Aker, quando destacam o seguinte: “embora a matéria fundamental da teologia seja tirada da Bíblia, a

¹⁸⁰ RAILEY; AKER, 2008, p. 43-46.

¹⁸¹ RAILEY; AKER, 2008, p. 44-45.

¹⁸² RAILEY; AKER, 2008, p. 45.

¹⁸³ RAILEY; AKER, 2008, p. 45.

teologia também se interessa pela comunidade da fé de onde surgiu a revelação. E de igual modo se importa com a comunidade para a qual a mensagem será transmitida”.¹⁸⁴ Logo, temos em vista, o mundo da Bíblia e o mundo da recepção do texto sagrado, ou seja, a comunidade de fé. Sem a correlação entre esses polos, o trabalho teológico da Igreja fica comprometido. Afinal, como salientam os teólogos pentecostais, a teologia “empenha-se em ‘oferecer uma declaração coerente’ dos ensinamentos da Bíblia, ‘colocada no contexto da cultura em geral, expressada em linguagem idiomática contemporânea e relacionada com as questões da vida’”.¹⁸⁵ Assim, Railey e Aker (ainda que não usem explicitamente o conceito) corroboram a necessidade e utilidade de um método de correlação em teologia.

Deus nos fala na atualidade, por meio daquilo que Ele já disse no passado. Daí, a necessidade de uma correlação entre a nossa situação com suas questões existenciais, com as respostas oferecidas por Deus em Sua Palavra.¹⁸⁶ Um método de correlação, portanto, fundamenta-se nessa necessária fusão do

¹⁸⁴ RAILEY; AKER, 2008, p. 50.

¹⁸⁵ RAILEY; AKER, 2008, p. 50.

¹⁸⁶ O teólogo Roger Haight aponta várias qualidades do método de correlação. Primeiro, é apologético, pois visa tornar a mensagem cristã inteligível para a cultura contemporânea. Tal esforço é necessário se alguém quiser defender a verdade da revelação cristã. Em segundo lugar, o método é dialógico. Como disse Haight: “Reproduz a estrutura dialógica da interpretação”. Tal diálogo segue em duas direções: a consciência atual confronta o mundo dos símbolos tradicionais; e os símbolos da tradição confrontam o presente mundo da experiência. Em terceiro lugar, o método descreve em termos muito elementares como os seres humanos aprendem. Aprender implica basicamente em perguntas e respostas. A proclamação da mensagem cristã parte do princípio de que os símbolos do passado respondem a certas questões humanas fundamentais. Em quarto lugar, o método da correlação revela como a teologia sempre foi feita. Toda a história da teologia deve ser entendida como a identificação de novas questões, assim como a interpretação crítica ou reflexiva dos símbolos da fé cristã em resposta a essas questões. Finalmente, esse método é inevitavelmente situado historicamente. Portanto, se usado em diferentes contextos e culturas, produzirá resultados diferentes. Como método, a correlação não é nem mecânica e nem determinista. HAIGHT, 2004, p. 214-216.

passado e do presente na recepção da revelação. Além disto, como vimos acima, não se trata de uma abordagem estranha à teologia pentecostal.

Na sequência, procuraremos descrever de forma mais ampla, o que se passa no processo de um método de correlação em perspectiva pentecostal. Faremos a partir da seguinte formulação: das perguntas e da interpretação das respostas das Escrituras Sagradas.

3. ETAPAS DO MÉTODO TEOLÓGICO PENTECOSTAL

A teologia pentecostal consiste na tentativa de compreender o mundo, a existência, a história, Deus e a obra de Jesus Cristo à luz da Escritura, tendo como chave hermenêutica o evento de Pentecostes. Essa tentativa de compreensão resulta numa disciplina crítica; inclui o levantamento de perguntas e reflexões. Sendo assim, devemos nos ocupar com a origem dessas questões que dão surgimento ao trabalho teológico, bem como aos diferentes contextos que suscitam essas perguntas. Nesta seção, discorreremos sobre as etapas do método da correlação em perspectiva pentecostal, que visam operar a partir da relação pergunta e resposta. As etapas são: 1. Interpretação da experiência humana (perguntas/contexto); 2. Interpretação das Escrituras Sagradas; 3. Correlação das duas interpretações (situação e Escritura); 4. Aplicação/ação. 5. Validação do método teológico.

1ª Etapa

A primeira etapa de um método teológico pentecostal será *reunir dados e perguntas através da observação e do diálogo com as ciências humanas e a*

cultura em geral. Todo teólogo (quer queira quer não) tem um julgamento preconcebido sobre a realidade. Ele deve enriquecer suas pressuposições através de leitura atenta, não só de livros, mas também de sua realidade vivencial.

Honório Rito expõe com clareza sobre a importância da análise da realidade como parte do método teológico:

Quando se fala de análise da realidade como parte do método teológico, o que se quer acentuar é que a teologia não poderia ter objetivos concretos se ela não parte de uma forma de análise da realidade, mas não se quer dizer com isso que haja um momento do processo teológico que esteja fora da ótica da fé e sem referência à Revelação. A análise de que se trata aqui é sempre análise à luz da fé e da Palavra de Deus. Isso se faz hoje uma maneira sempre mais comum de proceder na teologia. Na medida em que se supera uma teologia abstrata e separada da vida, o método de analisar os problemas da vida do homem de hoje entra sempre mais a fazer parte do processo teológico.¹⁸⁷

Isso deixa claro que devemos ao analisar a realidade à luz da revelação, identificar as perguntas que inquietam as pessoas, cujas respostas se encontram na fé cristã. Assim, é recomendável atentar para o conjunto de elementos da arte, da religião, da música, e da política de uma cultura, ou seja, toda a expressão da mentalidade, ou da perspectiva de determinada sociedade. Certamente, não é um procedimento simples.

Dado a complexidade da tarefa, será útil o conhecimento advindo da sociologia, filosofia, psicologia, etc. Esses saberes podem fornecer ferramentas para uma adequada hermenêutica da situação existencial, que se pretende comunicar a Palavra de Deus. Essa situação presente (realidade), lida a partir das ciências humanas, finalmente acabará por identificar uma série de negatividades que “gritam” por cura e salvação. Haight descreve bem o caráter dessa negatividade:

O que é experienciado é o que está aí, mas existe algo de errado. Não se trata da simples falta de alguma coisa, de um

¹⁸⁷ RITO, Honório. *Introdução à teologia*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 125.

vazio; o que é deveria ser diferente. É possível até que não se saiba ao certo como se deveria ser a justa ordem das coisas; sabe-se, no entanto, que o que aí está não é razoável e apresenta distorções.¹⁸⁸

Podemos mencionar um exemplo bíblico: a Palavra comunicada pelos profetas que demonstram o caráter e a vontade salvífica de Deus é gerada por uma experiência negativa, a saber a idolatria e as injustiças sociais. É possível identificar uma série de negatividades em nosso contexto de vida. E, é justamente a partir dessas negatividades que surgem as perguntas, sobretudo, questões que tocam no tema da salvação. Ou seja, na superação do negativo da existência, na vitória sobre o mal e o pecado.

2ª Etapa

Em seguida, procura-se fazer a *compilação dos dados bíblicos*, assim como a análise do sentido dos textos escolhidos. Portanto, estamos falando da necessidade da prática da hermenêutica bíblica. Na hermenêutica, geralmente feita pelos teólogos pentecostais, existem alguns princípios interpretativos normativos. Alguns desses princípios estão embutidos na própria Escritura e também são seguidos por outras confissões cristãs evangélicas. Em seguida, apresentaremos de maneira breve esses princípios hermenêuticos.

a) O Princípio da Interpretação Literal

Essa é uma abordagem do senso comum. A regra de ouro dessa interpretação é: “Quando o significado claro da letra da Escritura faz sentido comum, não procure outro sentido”. Portanto, considere cada palavra em seu sentido primário, usual, a menos que os fatos do contexto imediato, estudados à luz de outras passagens relacionadas indicam claramente o contrário.

b) O Princípio Contextual

¹⁸⁸ HAIGHT, 2004, p. 2017-218.

Alguém já disse: “Texto fora de contexto serve para pretexto”. Diante disso, devemos tomar cuidado com os textos tirados do contexto para fundamentar nossas ideias teológicas. Vale lembrar que a palavra texto é derivada da palavra latina, que significa “tecer”. O contexto é aquilo que acompanha o texto.

c) O Princípio da Revelação Progressiva

Deus iniciou a revelação, contudo Ele não revelou suas verdades todas ao mesmo tempo. Foi um processo longo e progressivo. Por isso, devemos levar em conta o estado atual da revelação para entender adequadamente uma passagem em particular. Por exemplo, o Antigo Testamento é compreendido como o predecessor do Novo Testamento.

d) O Princípio do Gênero Literário

Gênero é um termo literário relacionado à categoria da literatura em consideração. A interpretação apropriada deve levar em consideração o tipo de texto da passagem bíblica que se quer entender. Então, estamos lidando com poesia ou prosa? Estamos lidando com história ou profecia?

e) O Princípio Gramatical

A Bíblia foi originalmente escrita em três idiomas: hebraico, aramaico e grego. Embora tenhamos várias traduções altamente precisas da Bíblia em português, toda tradução envolve interpretação por parte do tradutor. Por esse motivo, o estudo dos significados das palavras, gramática e sintaxe das línguas originais é importante para a compreensão adequada das Escrituras.

3ª Etapa

A terceira etapa consiste em *fazer a correlação das duas interpretações* (situação/contexto e Escrituras). O teólogo deve pegar todos os dados reunidos (existenciais e bíblicos) e construir um modelo (ou hipótese) que melhor explique os dados em questão. Tal esforço geralmente envolve criatividade e imaginação

por parte do teólogo. Deve aqui tomar o cuidado para não forçar os dados bíblicos, a apresentarem respostas fora do seu contexto de origem (eixegese), assim como a desconsiderar as perguntas existenciais que foram identificadas na primeira etapa.

Devemos considerar seriamente, a finalidade salvífica da Palavra de Deus. Teologia é investigação e essa principia pela formulação de perguntas e pela busca de respostas. Como dissemos, geralmente as perguntas partem das negatividades da existência e as respostas da parte de Deus envolvem, portanto, a cura e a salvação dessas ameaças à vida humana, tanto no plano histórico quanto para a eternidade. Jesus Cristo, o centro da Escritura é a própria presença de Deus na história, trazendo-nos a salvação. Não à toa que a teologia pentecostal, sintetizou a dimensão salvífica de Jesus nos seguintes pontos: Jesus cura, Jesus salva, Jesus santifica, Jesus batiza no Espírito Santo e Jesus voltará.

4ª Etapa

A quarta etapa está relacionada à *aplicação das descobertas e/ou elaborações teológicas feitas*. A teologia deve estar a serviço da vida, portanto, deve concluir *sua* tarefa com aplicação à comunidade de fé e à sociedade em geral. Todo esforço de desenvolver um método confiável, que permite coletar dados, analisa-los e formular hipóteses, finalmente deve resultar em um corpo de conhecimentos que abençoa a vida humana. A boa teologia conduz-nos à vida, à experiências com o Espírito Santo e à prática missional.

Boa parte dos aspectos da teologia estão ligados com o comportamento cristão. De fato, não é exagero afirmar que toda boa teologia redundará em uma boa teologia prática. A teologia não é apenas um conjunto de ideias abstratas sobre Deus e a vida. Mas, antes, diz respeito de verdades com viés prático que visam cooperar para a expansão do reino de Deus na história, na salvação e

santificação de pessoas. Não podemos ficar satisfeitos com um conhecimento meramente teórico acerca do Evangelho, afinal, é seu propósito principal a transformação da mente dos indivíduos e comunidades, levando-os à conformação à pessoa de Cristo (Rm 12: 1–2; Ef 5: 1; 1 João 2: 6).

Em suma, o método teológico pentecostal que recomendamos requer que alguns passos sejam dados, a fim de encontrar as perguntas que marcam o contexto de vida, identificar e interpretar a Escritura, correlacionar os dados entre si (culturais/filosóficos e bíblicos) e, então, na força do Espírito Santo, aplicar corretamente a mensagem de Deus para propósitos redentores.

5ª Etapa

A *validação do modelo teológico* é a quinta etapa. Quais são os critérios para testar métodos teológicos? Um modelo teológico deve ser considerado válido se passar por cinco critérios: consistência, coerência, abrangência, aplicabilidade e pentecostalidade. Consistência é a ausência de contradições dentro do método. A coerência significa que a unidade e harmonia do método podem ser visualizados através dos relacionamentos dos vários itens ou tópicos do método. Ou seja, os dados “colados” uns aos outros de uma maneira sensata, sem flagrantes rupturas internas. A abrangência implica que um modelo teológico pentecostal deve apresentar uma tentativa de formular uma visão de mundo. Como um bom exemplo dessa verdade, consideramos a *Teologia Sistemática*: uma perspectiva pentecostal, editada por Stanley Horton. Essa obra apresenta uma visão de fé e de realidade de ordem pentecostal.¹⁸⁹

A aplicabilidade à nossa experiência de fé. A teologia deve ser útil para vidas humanas concretas, tanto em nível individual quanto comunitário. Evidentemente, não estamos defendendo aqui que a mensagem teológica deve ser

¹⁸⁹ HORTON, 2008.

aceitável a todos, principalmente às pessoas não comprometidas com Deus. Então, o objetivo é garantir, tanto quanto possível, que a mensagem seja compreendida e aplicável à situação contemporânea.

Um critério final para uma metodologia teológica pentecostal adequada é a pentecostalidade. Este termo teológico foi bem trabalhado por Bernardo Campos, e significa: “aquela experiência universal que expressa o acontecimento de Pentecostes em sua qualidade de princípio ordenador da vida daqueles que se identificam com o avivamento pentecostal e, por isso, constroem desde ali uma identidade pentecostal”.¹⁹⁰ O “princípio pentecostalidade” é a força do Espírito Santo que concede poder ao ser humano para superar os condicionamentos que tentam reduzir a sua humanidade. Assim, um bom método teológico é aquele que potencializa a experiência pentecostal, que não contradiz o avivamento do Espírito e, portanto, alinha-se à pentecostalidade da Igreja.

Por fim, se o método teológico falhar em qualquer um desses pontos sinalizados acima, ele deve ser descartado, ou pode precisar de refinamentos. Vale lembrar que estamos lidando com a Palavra de Deus, a fé cristã e com vidas humanas.

CONCLUSÃO

O método teológico pentecostal deve ser feito de forma holística e correlacional. Isto implica em escutar atentamente as perguntas de nossa realidade atual, e, assim, dialogar com as ciências humanas, etc. Sem contudo, comprometer as respostas oferecidas pela Palavra de Deus, mas, pelo contrário, estar a seu serviço, para tanto, sugerimos que o método de correlação em perspectiva pentecostal deve ser desenvolvido a partir de uma adequada

¹⁹⁰ CAMPOS, 2018, p. 105.

conjunção de revelação/Palavra, razão e experiência sob a norma do evangelho quádruplo e do Pentecostes.

Essa é a espinha dorsal do método teológico, que somente será útil se contribuir para a manutenção e atualização da identidade pentecostal em nosso tempo, assim como se puder ajudá-lo em sua missão de comunicar o Evangelho, no poder do Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Kenneth J. *A pentecostal hermeneutic: Spirit, scripture and community*. Cleveland: CPT Press, 2009.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo NTLH*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo: Recriar, 2018.

CARVALHO, César Moisés. A narrativa como um caminho hermenêutico para uma teologia pentecostal do Espírito Santo. *Azusa: Revista de Estudos Pentecostais*, Joinville, v. 5, n. 2, p. 09-22, jul./dez. 2014.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1996.

ERICKSON, Millard. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ERICKSON, Millard. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do N. T.: grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GRENZ, Stanley J.; MILLER, Ed. L. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do século 20*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

HIGGINS, John R. A palavra inspirada de Deus. In: HORTON, Stanley. *Teologia sistemática*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 117.

HORTON, Stanley. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

JACOBSEN, Douglas G. *Thinking in the Spirit: the theologies of the early pentecostal movement*. Bloomington: Indiana University Press, 2003.

LIMA, Elinaldo Renovato de. *Lições bíblicas*. O Deus do livro e o livro de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. (4º Trimestre) .

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009.

POMMERENING, Claiton. *Fábrica de pastores: interfaces e divergências entre educação teológica e fé cristã comunitária na teologia pentecostal*. Tese [Doutorado em Teologia] – Programa de Pós-Graduação em Teologia, EST, São Leopoldo, 2015.

POMMERENING, Claiton Ivan. Fragmentos de uma teologia do Espírito para o pentecostalismo clássico. In: *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, 2014. v. 2.

RAILEY, James H.; AKER, Jr. Benny C. Fundamentos teológicos. In: HORTON, Stanley. *Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 11. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. São Paulo: Loyola, 2006.

RIENECKER F.; ROGERS C. *Chave lingüística do Novo Testamento grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

RITO, Honório. *Introdução à teologia*. Petrópolis: Vozes, 1998.

RITSCHL, Dietrich. O conceito de “*story*” na ética da saúde. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 65-82, 2007.

SILVA, Ezequias Soares da. (Org.) *Declaração de fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 7. ed. São Leopoldo: Faculdades EST/Sinodal, 2005

YONG, Amos. *In the days of Caesar: pentecostalism and political theology*. Grand Rapids: Eerdmans, Sacra Doctrina: Christian Theology for a Postmodern Age Series, 2010.

O MINISTÉRIO CRISTÃO E O EQUILÍBRIO ENTRE ESPIRITUALIDADE E PROFISSIONALISMO

Marcos Anderson Tedesco¹⁹¹

RESUMO:

O presente artigo propõe uma reflexão acerca da importância do equilíbrio entre o profissionalismo e a espiritualidade no ministério cristão. Alerta ao cristão que almeja buscar desenvolver um ministério cristão criativo sobre a necessidade de zelar para que haja esse equilíbrio indispensável. O artigo também busca uma percepção de que a espiritualidade na vida do ministro é diretamente proporcional à intimidade com Cristo e quando essa relação é sadia há o surgimento de uma criatividade sobrenatural que glorifica ao Criador. Aborda reflexões acerca de algumas das disciplinas espirituais, como a oração, o serviço, a celebração e a submissão. E concluindo enfatiza que a espiritualidade e criatividade são características inerentes ao ministro que vive um ministério em conformidade com os anseios do Deus Criativo.

Palavras-chave: Criatividade, ministério cristão, espiritualidade, disciplinas espirituais, profissionalismo.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the importance of the balance between professionalism and spirituality in the Christian ministry. It alerts Christians who wish to develop a creative Christian ministry about the need to ensure that there is this indispensable balance. The article also seeks a perception that spirituality in the minister's life is directly proportional to intimacy with Christ and when this relationship is healthy there is the emergence of a supernatural creativity that

¹⁹¹ Mestre em Educação pela UNIVILLE; especialista Psicopedagogia pela Universidade Estácio; Antigo Testamento pela Unicesumar; graduado em Pedagogia pela FAEL; em Teologia pela Refidim e em História UDESC. Professor na Faculdade Refidim. Pastor auxiliar na Assembleia de Deus em Joinville (SC), articulista e escritor da CPAD. E-mail: marcotedesco@ceeduc.edu.br.

glorifies the Creator. It addresses reflections on some of the spiritual disciplines, such as prayer, service, celebration and submission. And concluding, he emphasizes that spirituality and creativity are inherent characteristics of the minister who lives a ministry in accordance with the desires of the Creative God.

Keywords: Creativity, Christian ministry, spirituality, spiritual disciplines, professionalism.

INTRODUÇÃO

Cada vez mais, no cotidiano, há um envolvimento com vários compromissos, várias intenções e, assim, é possível constatar que o tempo já não é mais o mesmo. O dia já não possui vinte e quatro horas! Liderança de departamento, professor de Escola Dominical, presbitério da igreja, reuniões de todos os tipos, cultos onde inevitavelmente há uma preocupação maior em cumprir a liturgia do que com o “permitir entregar-se” à adoração, o atendimento às questões que envolvem os problemas específicos dos membros que fazem parte das igrejas. Quantas tarefas fazem parte de cada vez mais “menos” tempo!

Diante desse dilema, é percebido que diante daqueles que vivem o ministério cristão há uma grande preocupação que repousa no fato de querer fazer o melhor em seu chamado, porém podendo servir e adorar a Deus sem a rigidez de um cotidiano célere. São muitas as questões que vão de encontro a essa preocupação: a frustração de não poder se entregar totalmente ao culto, já que inevitavelmente há uma preocupação em promover o ambiente para que os outros cultuem; o tempo que é gasto preparando as ações a serem desenvolvidas nas igrejas muitas vezes acaba progressivamente retirando de nós o tempo para exercitarmos as disciplinas espirituais; o fato de haver uma busca de capacitação técnica sem muitas vezes nos preocupar com a capacitação espiritual para viver o ministério cristão; o entendimento de que o fato de apenas promover ações do cotidiano litúrgico nas igrejas é suficiente e pleno em seus objetivos abrindo mão

da criatividade em prol do evangelho; a ideia de que a capacitação para o exercício do ministério cristão repousa sobre uma diversidade de habilidades humanas e o próprio exercício do carisma.

As citadas são apenas alguns dilemas que podem ser percebidos na vida de muitos cristãos que querem dar o seu melhor no ministério cristão. É possível perceber um número cada vez mais significativo de líderes cristãos gostariam de passar mais tempo exercitando a busca por uma espiritualidade mais significativa. Embora haja a consciência da necessidade, porém muitas vezes são arrastados pelo cotidiano e o pouco tempo que resta é gasto em uma capacitação mais técnica do que espiritual.

O que emerge desta situação é um questionamento bastante pertinente: Quando são anunciadas as verdades bíblicas em nossas igrejas é possível vislumbrar uma transformação naqueles que ouvem a mensagem? Aos ministros cristãos fica a constatação: Que todos têm um compromisso com essa transformação através da promoção de uma vivência cristã transformadora. Esse compromisso pode ser observado através dos exemplos de vida e discursos de muitos homens e mulheres citados na Bíblia.

Com relação à criatividade do ministério cristão, muitas questões diferentes podem ser levantadas. Existe nos dias de hoje uma grande necessidade de avaliarmos a relação existente entre o profissionalismo e a espiritualidade no ministério e entendermos como é possível se permitir viver um ministério criativo onde Cristo é o motivo, o meio e o fim de todas as coisas.

1. UM GRANDE EQUÍVOCO: O PROFISSIONALISMO EM EVIDÊNCIA

Certa vez, um teólogo de Princeton comentou que não se importava de dizer os credos, contanto que os pudesse cantar.

O que ele quis dizer é que, se ele pudesse transformar os credos em uma obra de arte, achava que não precisaria se preocupar com o conteúdo. Contudo, tal atitude demonstra uma teologia e uma estética simplórias.¹⁹²

A história acima relatada por Schaeffer revela algo que é comum no cotidiano de muitas comunidades cristãs. A preocupação com a forma está sendo priorizada em detrimento da preocupação com o conteúdo. Se o formato for conveniente e atender as necessidades específicas do momento, o conteúdo fica restrito ao segundo plano. Mesmo quando a mensagem for teologicamente consistente e necessária, a reflexão acerca da mesma fica desvalorizada, mesmo que de forma não intencional, mediante a exuberância do formato apresentado durante o momento litúrgico.

Quando se fala em criatividade no ministério cristão, muitas vezes se pensa que a mesma pode ser obtida por meios que envolvem as capacidades propriamente humanas. Através de uma série de estímulos a pessoa vai desenvolvendo uma maneira ímpar e atraente de desenvolver seus projetos. Em outras palavras, quanto mais o indivíduo se esforça e busca se capacitar, mais ele se vê apto a exercer com originalidade e criatividade suas funções e alcançar seus objetivos.

Nouwen¹⁹³ afirma que ministério e espiritualidade nunca podem ser dissociados já que é uma questão ligada à vida espiritual do ministro aliada a prática cotidiana. Ou seja, não há ministério bem sucedido e criativo se a vida espiritual do ministro não é sadia. Não há criatividade real no ministério se não há intimidade com Deus. É possível que uma das causas das frustrações e desapontamentos ministeriais de muitos cristãos seja causada pela crescente separação entre o profissionalismo e a espiritualidade, o que acaba muitas vezes

¹⁹² SCHAEFFER, Francis. *A arte e a Bíblia*. 1ª Edição. Viçosa: Editora Ultimato, 2010, p. 60.

¹⁹³ NOUWEN, Henri. *Ministério Criativo*. Brasília: Editora Palavra, 2008. p.25.

levando a uma busca da valorização do primeiro e detrimento do segundo que é absorvido pela correria do cotidiano.

Nouwen¹⁹⁴ afirma que “muitos destes homens e mulheres têm doado tanto de si mesmos e suas atividades pastorais cotidianas, que muitas vezes demandam muito de si, que acabam por se sentir vazios, exaustos, cansados e quase sempre desapontados.” É o cotidiano e o excesso de dedicação que acaba levando o ministro a um profissionalismo com pouca observância do quanto é necessário e a disciplina para desenvolver uma espiritualidade sadia. Verdadeiros apaixonados pela obra ministerial que são, pela urgência das tarefas do cotidiano, empurrados para um verdadeiro “beco sem saída”, já que no ministério cristão o segredo repousa no fato de se deixar ser dependente da presença de Deus em todos os aspectos da vida.

Para Nouwen¹⁹⁵, seguindo essa linha de raciocínio onde a espiritualidade, em nome da criatividade, é ofuscada pelo profissionalismo, o ministro proporciona a oportunidade para que o povo se afaste da mensagem do cristianismo e não perceba que o evangelho não está sendo transmitido. Assim, há um aumento da resistência em ouvir a mensagem eterna em um momento onde a pregação deveria ter o papel de auxiliar a luta constante para que o cristão se torne realmente, a cada dia, um seguidor de Cristo.

1.1 EQUILÍBRIO PARA A GLÓRIA DE DEUS

No ministério cristão, o ser humano precisa permitir que Deus possa participar de forma ativa e plena de todos os momentos. Em uma situação de equilíbrio, os desafios a serem enfrentados são, em primeiro plano, de Deus.

¹⁹⁴ NOUWEN, 2008, p. 22.

¹⁹⁵ NOUWEN, 2008, p. 51.

Para exercer um ministério cristão é exigida uma cuidadosa preparação tanto em termos de conhecimento e entendimento da Palavra de Deus quanto nas relações ministeriais pelas quais esta mensagem chega até o ser humano. Assim, ministério e espiritualidade precisam estar sempre unidos para que realmente a criatividade faça parte de nossas vidas como expressão e fruto de nossa relação com Deus dentro das funções ministeriais.

Quando o equilíbrio entre o profissionalismo e a espiritualidade é presente, abre-se espaço para uma manifestação de criatividade diferente. No ministério cristão, a criatividade é uma resposta ao que Deus é. Schaeffer¹⁹⁶ defende que o fato de Deus ser o Criador de todas as coisas é a principal e primeira razão para valorizarmos a criatividade em todas as áreas da vida, inclusive na área ministerial. Para o autor, a própria vida do cristão deve ser uma obra de arte. Arte criativa em um mundo que está desesperado e perdido sem mais esperanças de viver a beleza que é consequência da ação divina.

Para Fujimura¹⁹⁷, “quando a nossa fé em Cristo é combinada com nossos próprios esforços humanos na criação, acaba-se criando uma forma mais diversificada e rica de comunicação”. Assim, quando o cristão se permite ser influenciado pelo Criador, ele produz os seus frutos por meio dos que buscam exercer um ministério mais rico e criativo.

O homem, ao perceber o que Deus é o que Ele representa, presencia o início de um processo que o impele a uma resposta apropriada a essa percepção. Nesse momento, a “criatividade é uma resposta”.¹⁹⁸ O surpreendente Deus impele o ser humano a ser criativo e com essa criatividade adorar ao Criador.

¹⁹⁶ SCHAEFFER. p. 45.

¹⁹⁷ FUJIMURA. In CARD, Michael. *Cristo e a criatividade – Rabiscando na areia*. 2ª Edição. Viçosa: Editora Ultimato, 2008. p. 09.

¹⁹⁸ CARD, 2008, p. 29.

Quando o ministro se propõe a viver a criatividade que glorifica a Deus, ele busca a prática da verdadeira espiritualidade que é o senhorio de Cristo sobre o homem de forma integral e, dessa forma, “a vida cristã deve produzir não apenas verdade, mas também beleza.”¹⁹⁹

Se, segundo Schaeffer²⁰⁰, o homem foi feito à imagem de Deus, ele possui a capacidade de amar, pensar, se emocionar e também de criar promovendo a verdadeira adoração. O Deus que fez as mais lindas obras de arte impele o ser humano a o adorar criando arte: Arte para a Glória de Deus! Então, se pode afirmar que a “adoração é a reação humana à iniciativa divina”.²⁰¹

Então é possível entender que a criatividade é adoração, se em sua essência, ela for uma resposta ao que Cristo representa na vida do cristão. Porém, Card²⁰² afirma que há, muitas vezes, grande dificuldade em perceber a ligação entre a adoração e o sentimento que impulsiona à criatividade e aponta como justificativa para essa dificuldade o fato de que elas estão intimamente relacionadas impedindo simples desconexão das duas realidades.

Para Piper²⁰³, a glorificação de Cristo na vida do ministro é diretamente proporcional ao grau de satisfação do crente com o Deus. Quanto maior a felicidade em servir e depender do Criador, mais intenso será o processo de adoração e glorificação do Senhor.

¹⁹⁹ SCHAEFFER, 2010, p. 40.

²⁰⁰ SCHAEFFER, 2010, p. 45.

²⁰¹ FOSTER, Richard. *Celebração da disciplina*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Vida, 2007, p. 221.

²⁰² CARD, 2008, p. 30.

²⁰³ PIPER, John. *Em busca de Deus*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Shedd, 2008. p. 37

2. UMA CRIATIVIDADE CONSTRUÍDA A PARTIR DE UMA CRESCENTE INTIMIDADE COM CRISTO

O cristão que vive uma relação de intimidade com Deus se permite ser inundado pelas verdades acerca do quanto à presença divina pode influenciá-lo e levá-lo a realmente viver como homens e mulheres criados a imagem e semelhança de Deus. Card²⁰⁴ busca entender a relação entre Cristo, o cristão e a criatividade e afirma que quando o ministro está em plena sintonia com os propósitos do Senhor, o inesperado começa a ter um espaço maior e eficaz no ministério. É a criatividade se desenvolvendo em terra fértil. Se Deus é criativo, aquele que nEle está e foi feito a sua imagem e semelhança também é criativo. No momento em que o ministro cristão se permite depender do Pai para as mais naturais tomadas de decisão no exercício de nossas funções eclesiais a criatividade passa a ser algo natural e esperado, e não mais algo inatingível.

Segundo Card²⁰⁵, todas as formas de criatividade realizadas em obediência a sua ordem são formas de as pessoas se doarem e oferecerem-se em adoração ao Senhor. Quando um ministro do evangelho busca de forma criativa espiritualmente dependente de Deus servi-lo, há uma legítima experiência de adoração e amor ao grande Criador.

Schaeffer²⁰⁶ defende que a verdadeira espiritualidade é a expressão do poder de Cristo como mestre sobre o homem por completo. A criatividade no ministério cristão só será real no momento em que o ministro permitir que Deus seja senhor sobre todas as faces de sua existência e buscar uma verdadeira e intensa intimidade com o Criador. Nesse momento, o cristianismo passa a envolver o ministro cristão por completo e de forma integral para que a vida possa experimentar a verdadeira criatividade inspirado pelo Deus que é Criador. É

²⁰⁴ CARD, 2008, p. 30.

²⁰⁵ CARD, 2008, p. 30.

²⁰⁶ SCHAEFFER, 2010, p. 45.

importante evidenciar que todas as áreas de nossa vida devem estar debaixo do senhorio de Cristo, inclusive as artes. O ministro deve usar a arte para glorificar a Deus e não apenas como algo que produz lazer, bem estar ou divulgação de uma mensagem. Logo, uma expressão artística pode ser em si mesma um ato de adoração e louvor ao Deus Criador!

A intimidade com Cristo permite àquele que se dispõe a exercer o ministério cristão a possibilidade de ser flexível, convicto, corajoso, perdoador e fiel sem se deixar levar pela prática da abordagem relativista, rígida, ofensiva, gentil ou manipuladora. O ministro que se permite influenciar através da busca de uma relação mais próxima com o Criador, vai progressivamente sendo influenciado por uma nova forma de ver tudo o que o cerca. E é essa cosmovisão que proporcionará a ele uma nova fonte para as palavras, conselhos e tomadas de decisão.

Essa relação possibilita, segundo Bomilcar²⁰⁷, uma competência e profundidade no ministério que não pode ser medida pela experiência ou tempo de serviço. O que determina o fruto dessa relação é a qualidade de nosso relacionamento com Cristo. Quanto mais perto o ministro estiver do Criador, mais frutífero será seu ministério.

Quando o Espírito Santo tem a liberdade para participar da vida do ministro e do seu ministério o que começa a acontecer é uma grande transformação que, com inspiração criativa divina, combate a superficialidade, a aridez e a rotina que desgastam as funções ministeriais. O profissionalismo passa a ser parte de um sistema que precisa estar em equilíbrio na vida daquele que se propõe ao ministério. Uma situação de equilíbrio que só acontece quando a busca

²⁰⁷ BOMILCAR. In. NOUWEN, 2008, p. 14.

gradativa por uma espiritualidade sadia e uma maior intimidade com Cristo passa a fazer parte do cotidiano cristão.

Essa relação de equilíbrio somente ocorre no momento em que a balança permita que a sede pelo Criador ocupe mais espaço na vida do ministro do que a busca pelo profissionalismo, embora essa busca nunca possa ser negligenciada. Quando há a formação profissional para o ministério, que deve ser sempre continuada, o que acontece é que, submisso ao poder divino, o ministério cristão passa a ser algo sobrenatural e verdadeiramente impactante.²⁰⁸ É o momento em que em consequência de um relacionamento sincero com Deus, as nossas falhas e imperfeições são percebidas, e o amor Divino está pronto a promover a restauração e provocar a criatividade que produz adoração ao Criador.

3. O MINISTÉRIO CRISTÃO E A ESPIRITUALIDADE

Segundo Nouwen,²⁰⁹ a questão sobre o ministério é intimamente ligada à espiritualidade almejada e desenvolvida pelo ministro. Sendo assim, viver para Cristo é deixar-se ser guiado pelo exemplo que Ele deixou aos seus e se permitir ter uma relação de qualidade com o Deus Criador. Viver para Cristo é, a todo o momento, buscar uma espiritualidade sadia.

Sobre o desenvolvimento de uma espiritualidade sadia, Foster²¹⁰ destaca que as disciplinas espirituais são tratadas com uma porta para a liberdade. A superficialidade de nossas ações e impressões e a chama de maldição do nosso tempo é um forte empecilho para que a liberdade cristã permita um pleno desenvolvimento de nossas potencialidades em Cristo. Porém as disciplinas

²⁰⁸ NOUWEN, 2002, p. 24.

²⁰⁹ NOUWEN, 2008, p. 21.

²¹⁰ FOSTER, 2007. p. 35.

espirituais convocam o cristão a sair desta superficialidade e almejar andar nas profundezas.

Deus deseja que as disciplinas espirituais sejam praticadas por seres humanos comuns e o propósito maior delas é libertar o ser humano da escravidão ao interesse próprio e ao medo. Essa libertação tem como requisito principal ter anseio por Deus. Porém, quem busca as disciplinas espirituais se deparará com duas dificuldades: Uma filosófica e outra prática. O materialismo atual incutiu na humanidade a aceitação apenas das verdades físicas não dando mais espaço para algo que não pertença ao mundo palpável. Além disso, a ignorância acerca das disciplinas espirituais traz grandes dificuldades a qualquer um que queira mergulhar em uma realidade espiritual mais significativa. Frente a estas duas dificuldades, é preciso urgentemente experimentar uma vida de relacionamento e intimidade mais intensa com Deus.

3.1 Disciplinas espirituais

A chama da maldição do nosso tempo, segundo Foster²¹¹, é a superficialidade das ações e impressões. Porém as disciplinas espirituais convocam-nos a sair desta superficialidade e almejar andar nas profundezas. Deus deseja que as disciplinas espirituais sejam praticadas por seres humanos comuns já que o propósito maior delas é libertar o ser humano da escravidão ao interesse próprio e ao medo. São elas (entre outras que não trabalharei nesse texto, porém também são importantes) : oração, serviço, celebração e submissão.

Sobre a oração, vejamos uma frase célebre: “tenho tanto que fazer que não consigo prosseguir sem gastar três horas diárias em oração”. Lutero²¹², ao

²¹¹ FOSTER, 2007, p. 29.

²¹² LUTERO, Martinho. In. FOSTER, 2007, p. 68.

fazer esta afirmação, manifestou o quanto o ministério cristão depende da profundidade da relação do ministro com Deus. A oração precisa ser uma valorosa disciplina desenvolvida por todos aqueles que almejam aproximar as suas vidas a do Criador.

Segundo Teófilo²¹³, “Orar é trazer a mente para dentro do coração e lá permanecer diante da Face do Senhor, sempre presente, que tudo vê e está no teu íntimo”. É através da oração que o Senhor toca o coração daquele que se prostra e se permite ser tocado, ainda que de maneira incompleta por causa da natureza humana. O ministro, ao desenvolver a prática da oração é inundado por uma maravilhosa característica inerente a Deus, a criatividade. O Deus Criador impele o homem criatura a O adorar criando.

Nouwen²¹⁴ afirma que “através da disciplina da oração, os líderes cristãos devem aprender a ouvir vez após vez a voz do amor, e a encontrar lá a sabedoria e a coragem para tratar quaisquer questões que lhes aparecem.” A maturidade espiritual começa a se desenvolver cada vez mais motivada pela transformação que Cristo provoca na vida do ministro e não pelo conhecimento intelectual nem pelas suas inúmeras experiências religiosas.²¹⁵ O cotidiano e seus imprevistos se transformam em um meio para que o nome de Cristo seja glorificado e adorado pela ação do ministro cristão que ora e vai gradativamente alcançando sua maturidade espiritual.

Barbosa lembra que uma falta muito comum na vida cristã atual é a disciplina da oração. Cada vez mais há menos tempo para se permitir falar com Deus, e ainda menos para tentar ouvi-lo. Orar e buscar uma amizade com Deus é algo cada vez mais inexistente na vida de muitos cristãos. É preciso entender que

²¹³ TEÓFILO. In. FOSTER, 2007, p. 49.

²¹⁴ NOUWEN, 2002, p. 24.

²¹⁵ BARBOSA, Ricardo. *O Caminho do Coração*. 6ª Ed. Curitiba: Encontro Publicações, 2009. p. 105.

amizade só acontece quando se permite gastar tempo de qualidade com um alguém. Só se pode ser amigo de Cristo quando a cada momento nEle há a busca de uma relação de confiança, cumplicidade, dependência e troca.

Segundo Foster²¹⁶, a experiência cotidiana dos que andam com Deus é receber conceitos daquilo que pode existir. A oração de quem deseja investir tempo na presença de Deus é uma verdadeira forma de vida. Ela impele o homem para a fronteira da vida espiritual e é a principal via usada por Deus para transformar e possibilitar que o ministro enxergue as coisas do ponto de vista de dEle. Orar é sair da passividade da vida e agir para transformar o mundo e mudar o rumo da história.

Para que a oração seja eficaz, o ministro cristão precisa estar sintonizado com a vontade de Deus para a sua vida. Ele deve começar sua oração intercessora aquietando a sua atividade física e ouvindo Deus. Então, progressivamente, questões maiores e mais complexas vão tomando foco ao mesmo tempo em que o silêncio se faz presente em observância ao que Deus pode estar trazendo ao coração do que ora.

Cristo orava e de forma muito intensa buscava o pai em todos os momentos. Embora possuísse a natureza divina, seu ministério se tornou verdadeiramente uma inspiração do que é ser criativo para todos os que almejam seguir os passos do Mestre. Barbosa²¹⁷ nos ensina que devemos nos inspirar no exemplo de Jesus e imitá-lo para romper com os apelos que nos desviam da vontade divina. Só assim o ministro que busca uma vida de oração pode ansiar por ter uma mente e o coração mais puros e abertos a vontade de Deus.

²¹⁶ FOSTER, 2007, p. 67.

²¹⁷ BARBOSA, 2009, p. 106.

Uma grande dificuldade quanto à disciplina da oração enquanto algo que traz à vida do ministro os benefícios da criatividade é com relação aos períodos onde a prosperidade se faz presente. Segundo Barbosa²¹⁸, “sempre que os cristãos vivem momentos de paz, tranquilidade e prosperidade, a cruz é facilmente trocada por outros símbolos de fé”. A humanidade tem tido uma visão equivocada do papel de Deus na história. O Criador deixa de ser o Senhor dos senhores e passa a ser alguém que é chamado apenas quando as dificuldades são grandes e ameaçam os planos da criatura. O homem, que foi criado a imagem e semelhança de Deus, passa a ser aquele que só busca quem o criou em momentos de grande necessidade e aflição.

Porém, a igreja atingiu a sua coerência e maturidade espiritual em meio a momentos onde os sofrimentos, as dificuldades e as tribulações proporcionavam ao cristão a consciência de que ele dependia de Deus. E, em momentos de oração é que o ministro consegue melhor discernir isso podendo ver o poder de Deus se aperfeiçoando na fraqueza humana e assim possibilitando o desencadeamento de momentos de criatividade para a glória de Deus.

A oração passa a ser o mecanismo que tem o papel de possibilitar ao homem a oportunidade de se apresentar perante Deus e buscar a intimidade necessária para que o ministério criativo provoque uma transformação na história humana.

Na sequência falaremos da disciplina do serviço. O ministro que almeja um ministério criativo precisa entender que o serviço cristão é a oportunidade de doar-se e permitir que o outro seja agraciado pela mão estendida a servir. É a chance de conhecer a quem devemos servir e tocar com a mensagem da cruz. É o cristão se permitindo ser visto como alguém que é inspirado a servir como Cristo

²¹⁸ BARBOSA, 2009, p. 118.

servia. Card²¹⁹ afirma que “no reino às avessas, a verdadeira grandeza está no gesto do servo que se curva com a bacia e a toalha”.

Foster²²⁰ nos ensina que pelo exemplo deixado, Cristo nos doutrina que a vida de cruz é a vida daquele que de forma livre e voluntária aceitou ser servo de todos. Não é por obrigação, mas opção que diante de Deus o ministro cristão se torna livre para servir aos outros com o amor que é inspirado pelo exemplo deixado pelo Mestre dos mestres.

Para Nouwen²²¹, servir é se permitir trilhar o caminho descendente que leva aos pés da Cruz. É a ótica contrária a cosmovisão contemporânea onde a ascensão é uma ordem e um alvo a ser seguido por todos os que almejam a liderança em qualquer área. Ser alguém que é chamado à liderança no ministério cristão é ser chamado para servir e se doar pelo próximo.

Exercer o serviço no ministério cristão é estar disposto e se negar e assumir as suas fragilidades permitindo que o amor de Deus o guie na busca por atender o outro que precisa ouvir as boas novas.

Lane²²² defende a importância existente no fato de manifestar o amor pelo próximo procurando perceber quais são as necessidades desta pessoa em todos os sentidos do seu existir. É comum o entendimento que alguém ao exercer a liderança no ministério cristão possa se sentir com méritos e até, em certa medida, mais ilustres do que outros. Mas, esse sentimento perde espaço e o amor que há no ministro criativo o leva a exercer ações em busca do que pode suprir as ausências na vida daquele que ainda não alcançou uma relação de intimidade profunda com Cristo e não está exercitando a sua espiritualidade.

²¹⁹ CARD, 2008, p. 87.

²²⁰ FOSTER, 2007, p. 169.

²²¹ NOUWEN, 2002, p. 42.

²²² LANE, Bill. In. CARD, 2008, p. 91.

Nouwen²²³ explica que quando Deus permite que em nosso caminho apareça alguém, esse não é um encontro casual. Para alguém de fé, sempre é tempo de servir e promover o Reino de Deus. O ministro cristão precisa estar atendo a qualquer oportunidade que possa existir para que a disciplina do serviço se faça presente.

Às vezes o que o ministro cristão presencia é uma árdua realidade e nem sempre servir se resume às simples tarefas do cotidiano. Muitas vezes, o desconhecido e a dúvida irão arrastar aquele que glorifica a Deus com a sua servidão para lugares de solidão e sofrimento. Porém, a certeza de que o Cristo da cruz foi alguém que deu a vida e venceu permite ao ser humano a convicção de estar no caminho certo. É aí que a alegria brota do coração daquele que usufrui da intimidade do Deus Criador.

Para que o ministério cristão seja criativo é necessário assumir a condição de servir. Para Nouwen²²⁴, o ensino, a pregação, o cuidado individual e a organização são oportunidades de promover o exercício do ministério cristão através da atitude do serviço. É preciso mais servos no ensino que desejem oferecer aos seus alunos a verdadeira liberdade. O ministério necessita de mais pregadores que permitam que sua intimidade esteja disponível aos que anseiam pelo evangelho e possam assim receber as boas novas. É urgente a necessidade de pessoas aptas a se arriscarem a ponto de permanecerem fiéis ao sofrimento do próximo mesmo quando isso lhes custa valores preciosos materiais e imateriais. Uma nova cosmovisão surge onde a esperança de uma total renovação se faz presente.

Enfim, o objetivo do serviço na ótica do ministério cristão é “oferecer uma nova abordagem, dar nova força, romper as cadeias da morte e destruição, e

²²³ NOUWEN, 2008, p. 82.

²²⁴ NOUWEN, 2008, p. 128.

criar uma nova vida que pode ser confirmada. Em resumo, fazer com que a própria fraqueza se torne criativa”.²²⁵

Já a celebração é uma disciplina espiritual que está no centro do caminho que Cristo nos oferece. O ministro cristão ao mergulhar nas profundezas de sua relação com Deus vai descobrindo que a celebração é uma forma maravilhosa de sentir como é bom usufruir da graça de Pai Celeste.

Foster²²⁶ afirma que a celebração produz a alegria para a vida e é esta alegria que nos fortalece se multiplicando ainda mais. Também este sentimento desencadeia o surgimento de uma confiança em Deus e a certeza de podemos depender dEle com relação a tudo o que precisamos. E é esta perspectiva que surge a partir da celebração da alegria em Cristo. Quando o homem percebe que Deus é quem dá a vida e passa a viver para Ele, esse fato dá início um processo maravilhoso que mudará a visão do ministro acerca dos eventos vividos. Bonança ou agitação, prosperidade ou decadência, tudo para a glória de Deus.

A celebração agrada a Deus por demonstrar que o cristão aceita de forma obediente a vida com consciência e é sabedor da preciosidade que ela representa. A vida passa a ser vista como uma dádiva e cada momento começa ser percebido de forma única. A celebração não mais é vista como um ritual, mas sim como uma forma de mostrar ao Criador o quão grato é o ministro acerca da obra divina.

Agora, abordaremos a submissão com disciplina cristã. Um mal do mundo contemporâneo é a necessidade de se afirmar enquanto detentor de poder evidenciando a valorização da figura hierárquica e empobrecendo as relações

²²⁵ NOUWEN, 2008, p. 129.

²²⁶ FOSTER, 2007, p. 260.

onde o bem comum é priorizado. Porém Barbosa²²⁷ defende que quando a igreja opta pela ideia de poder, enquanto algo que traz privilégios e revela a ideia de domínio, ela nega necessariamente a liberdade e o amor.

Diante dessa ideia de poder, que em nada tem haver com a questão relacionada ao espiritual, pode ser percebido que ele é prejudicial ao desenvolvimento de um ministério cristão criativo inspirado pelo exemplo de Cristo e deve ser combatido por aqueles que almejam anunciar as boas novas.

Ao contrário da ideia de poder e domínio, a submissão ao Pai apresenta-se como uma forma de se permitir ser conduzido pelo Criador e assim ser o caminho que promove a comunhão entre as pessoas.²²⁸ Ela é a disciplina espiritual que conduz a liberdade de interagir com as pessoas em uma mesmo ideal que é a adoração ao Criador, porém ela vem sendo sistematicamente negada e negligenciada.

Se permitir viver a disciplina espiritual da submissão é atender a um chamado radical. Um chamado que leva o ministro cristão a não mais fazer algo que ele queira, mas a morrer para ele mesmo e abrir mão das próprias ambições temporais e focar no que é eterno.²²⁹

É quando o homem se permite, através da submissão ao Pai, viver a liberdade da humilhação que ele passa a se conhecer e reconhecer suas capacidades e limitações. É o momento em que o ministro compreende que é dependente do Criador. O ministério só passa a ser criativo quando há o entendimento que é o Cristo criativo que o inspira.

²²⁷ BARBOSA, 2009, p. 168.

²²⁸ BARBOSA, 2009, p. 171.

²²⁹ CARD, 2008, p. 82.

César²³⁰ afirma que para viver um ministério frutífero é preciso amar e se deleitar com a idéia de que o ser humano é pequeno e frágil. É só mediante a consciência do quão dependente é, que o homem passa a viver com ousadia. Na fraqueza há o terreno fértil para que Cristo possa ter liberdade de manifestar o poder que provoca criatividade para a glória de Deus.

Enfim, Nouwen²³¹ afirma que o líder do futuro será justamente o que ousar assumir sua irrelevância no mundo como uma vocação divina que o leva a depender de Deus. É quando a submissão possibilita ao homem se deixar ser usado por Deus proporcionando uma força criativa no ministério e produzindo bons frutos.

4. CRIATIVIDADE NA FRAGILIDADE

A consciência da fragilidade é um saber necessário aquele que se dispõe a exercer um ministério profundo, rico e criativo. Quando o ministro confia em Deus, suas limitações, temores e imperfeições se tornam em terra fértil nas mãos de um Deus amoroso e criativo. A tribulação e os pesares do cotidiano são transformados em experiências para a glória de Deus e o ser humano compreende que foi criado para andar com o Criador.

Permitir que a sua fraqueza se torne uma fonte de criatividade é um desafio que poucos estão dispostos a enfrentar no mundo atual. A contemporaneidade pede cada vez mais pessoas dispostas a viverem um treinamento continuado em busca de altos níveis de competência possibilitando profissionais capacitados, competitivos e exigentes. Mas no ministério cristão os

²³⁰ CÉSAR, Marília de Camargo. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2009. p. 40.

²³¹ NOUWEN, 2002, p. 18.

pré-requisitos são diferenciados: É preciso equilíbrio! A busca de uma intimidade com Cristo é essencial, porém sem perder de vista o desenvolvimento das potencialidades humanas sempre tendo em vista que tudo é para a glória de Deus.

232

Quando Foucauld²³³ afirmou que “o homem precisa entrar no deserto para receber a graça de Deus” ele quis demonstrar a essencialidade dos momentos de dificuldades para o desenvolvimento da espiritualidade do cristão. O deserto, segundo Barbosa²³⁴, é um lugar onde a alma do cristão é alimentada pela graça e pelo amor que vem de Deus.

Para o ministro cristão enfrentar o deserto é preciso ter consciência da segurança eterna que repousa no cuidado que o Pai tem para com os seus filhos²³⁵. Aquele que busca exercer o ministério criativo pode enfrentar as mais complexas dificuldades e perseguições, porém ele sabe que em Cristo a vitória é certa e o deserto faz parte de um momento passageiro, pois o foco está na vida eterna.

CONCLUSÃO

Piper²³⁶ defende que “o fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus ao gozá-lo plena e eternamente”. O homem deve buscar viver um ministério criativo que permita glorificar e ao mesmo tempo viver a alegria que está repousando em Deus. Essas duas ações não são coisas que podem ser separadas. Ele quer que o homem ao desfrutar da sua presença possa em uma relação de intimidade cada vez mais gradativa glorificá-lo. Dessa forma, tudo o que o cristão fizer será criativo porque é inspirado pelo Deus que tudo criou.

²³² NOUWEN, 2008, p. 127.

²³³ FOCAULD. In. BARBOSA, 2009, p. 30.

²³⁴ BARBOSA, 2009, p. 95.

²³⁵ BARBOSA, 2009, p. 162.

²³⁶ PIPER, 2008, p. 10.

No entendimento que criatividade é uma resposta ao que Deus é, muitas considerações podem ser formuladas para melhor compreender essa questão. Ao buscar exercer um ministério criativo, o cristão precisa zelar para que haja um equilíbrio entre a sua espiritualidade e o profissionalismo necessário. A espiritualidade na vida do ministro é diretamente ligada à questão da intimidade com Cristo e quando essa relação é sadia há o surgimento de uma criatividade sobrenatural que glorifica a Deus.

No ministério criativo, a intimidade com Cristo é aprofundada quando a oração se transformada em uma verdadeira forma de vida, o serviço passa a significar o doar-se pelo próximo, a celebração passa a produzir vida, a submissão proporciona um esvaziamento de si em busca da vontade do Pai e a fragilidade é entendida como a segurança da certeza de que Deus é fiel.

Na busca de um ministério criativo é preciso intensificar o desejo de alimentar tudo o que possa ampliar a satisfação em servir a Cristo de forma mais profunda e permanente. Na arte, a felicidade que a mesma possa provocar deve encontra-se apenas em Deus.

Logo, há uma relação muito estreita entre o ministério cristão eficaz e a criatividade. Não há como ser criativo no exercício da comissão cristã sem ser alguém constantemente inundado pela felicidade e desejo por estar perto de Cristo. Em outras palavras, espiritualidade e criatividade são características inerentes ao ministro que vive um ministério em conformidade com os anseios do Deus Criativo.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Ricardo. *O Caminho do Coração*. 6ª Ed. Curitiba: Encontro Publicações, 2009.

CARD, Michael. *Cristo e a criatividade*. 2ª Edição. Viçosa: Editora Ultimato, 2008.

CÉSAR, Marília de Camargo. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2009.

FOSTER, Richard J. *Celebração da disciplina*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Vida, 2007.

NOUWEN, Henri. *Ministério Criativo*. Brasília: Editora Palavra, 2008.

NOUWEN, Henri. *O poder do líder pentecostal*. 2ª Edição. Belo Horizonte, MG: Editora Atos, 2002.

PIPER, John. *Em busca de Deus*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Shedd, 2008.

SCHAEFFER, Francis. *A arte e a Bíblia*. Viçosa: Editora Ultimato, 2010.